

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

MARIA ISABEL FILIPPON

**A CASA DO IMIGRANTE ITALIANO,
A LINGUAGEM DO ESPAÇO DE HABITAR**

Caxias do Sul

2007

MARIA ISABEL FILIPPON

**A CASA DO IMIGRANTE ITALIANO,
A LINGUAGEM DO ESPAÇO DE HABITAR**

Dissertação de Mestrado em Letras e
Cultura Regional para a obtenção do título
de Mestre em Letras e Cultura Regional
Universidade de Caxias do Sul Programa de
Pós-Graduação em Letras e Cultura
Regional.

Orientadora: Dr^a. Marília Conforto

Caxias do Sul

2007

MARIA ISABEL FILIPPON

**A CASA DO IMIGRANTE ITALIANO,
A LINGUAGEM DO ESPAÇO DE HABITAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Letras e Cultura Regional, Área de Concentração: Estudos de Identidade e Cultura Regional no dia 13 de setembro de 2007.

Prof^ª. Dr^ª. Marília Conforto – Universidade de Caxias do Sul - Orientadora

Prof.Dr. João Cláudio Arendt – Universidade de Caxias do Sul

Prof.Dr^ª. Vitalina Maria Frosi – Universidade de Caxias do Sul

Prof.Dr^ª. Rosemary Fritsch Brum – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta dissertação é dedicada ao meu pai, *Jairo Celso Filippon (in memorian)*, arquiteto autodidata, que muito me ensinou sobre o valor do espaço de habitar.

Agradecimentos:

À equipe de professores do Mestrado em Letras e Cultura Regional pelos ensinamentos recebidos.

À professora *Dra. Marília Conforto* pela sua liberdade intelectual.

À minha mãe *Leonora*, e aos meus irmãos *Maria Cristina* e *Paulo César*, que proporcionaram o apoio necessário para a realização deste empreendimento.

RESUMO

Este trabalho parte de uma de uma investigação que perpassa a literatura, arquitetura e história, no qual se procura identificar os significados e as transformações do espaço de habitar do imigrante, no contexto da cultura da Região Colonial Italiana, no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. O enfoque histórico é concebido desde o cenário europeu, no período da imigração italiana, e dos avanços tecnológicos do século XIX, até meados da década de 1940. O estabelecimento dos imigrantes italianos, no sul Brasil, se efetivou no período do Governo Imperial, na Província de São Pedro, e as terras a eles destinadas localizavam-se na região serrana gaúcha. O imigrante italiano manipulou a natureza de acordo com a sua cultura, ergueu suas moradas conforme o seu conhecimento atávico e os materiais disponíveis na região. Pela a Análise de Conteúdo se busca refletir sobre as transformações da casa do imigrante italiano através do domínio lingüístico, tendo como *corpus* de pesquisa a trilogia de José Clemente Pozenato, “A Cocanha”, “O Quatrilho” e “A babilônia”, sendo analisados os aspectos objetivos e subjetivos do espaço de habitar. O domínio icônico apresenta imagens, fotografias e desenhos de casas construídas pelos imigrantes italianos, em que é retratada a transformação física do espaço de habitar. A literatura ultrapassa os aspectos objetivos, revela o espaço vivido, traz à luz os aspectos subjetivos, atribuindo diversos significados à casa do imigrante italiano.

Palavras-chave: cultura italiana; romance; casa do imigrante; espaço de habitar.

ABSTRACT

This study arises from an investigation which addresses literature architecture and history. It also tries to find the meanings and the transformations of the immigrants' environment in the context of culture of the colonial Italian region in the northeast of the state of Rio Grande do Sul. The historical focus conceived from European scenery during Italian migration and from the technological advances of the 19th century until the 1940s. The Italian immigrant settlement in the south of Brazil happened during the Imperial Government in Província de São Pedro and the land given to them were located in the highlands. The Italian immigrants manipulated nature according to their culture. They built their houses using their atavic knowledge and all materials available in the region. Analysing the context, we try to reflect on the transformations in the Italian immigrant houses though the linguistic dominance having as a body of research the trilogy of José Clemente Pozenato, "A Cocanha", "O Quatrilho" e "A babilônia", where the objective and subjective aspects of the environmental space are analysed. The iconic dominance presents images, photographs and drawings of houses built by the Italian immigrants where the physical transformation of the environmental space is represented. The literature goes beyond the objective aspects revealing the living space and gives light to the subjective aspects, giving various meanings to the Italian immigrant house.

Key-words: Italian culture, romance, immigrant house, environmental space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HISTÓRIA, TECNOLOGIA E IMIGRAÇÃO	14
1.1 O Cenário Europeu no Período da Imigração Italiana.....	14
1.2 A Itália dos Migrantes	17
1.3 Os Imigrantes Italianos Chegam ao Brasil.....	19
1.4 Os Imigrantes Italianos no Rio Grande do Sul	22
1.4.1 As Transformações Ocorridas na Região Colonial Italiana, no Final do Século XIX ao Início do Século XX.....	25
2 A CASA DO IMIGRANTE ITALIANO	33
2.1 O Homem Transformando a Natureza	33
2.2 A Linguagem do Espaço de Habitar	38
2.3 O Espaço de Habitar do Imigrante Italiano	41
3 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO DE HABITAR ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO	48
3.1 As Categorias de Análise dos Textos Literários	48
3.2 A Cocanha	58
3.3 O Quatrilho	74
3.4 A Babilônia	92
4 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO DE HABITAR ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142
ANEXOS	147

INTRODUÇÃO

Uma casa tem como função básica garantir a proteção; é um invólucro, que nos seus intramuros, encerra um palco de manifestações da cultura do homem que a construiu. O espaço da casa, não é apenas o espaço geométrico, o volume de planos, as linhas retas e curvas que envolvem o homem; é vívido, e adquire valores humanos. A morada é o espaço da intimidade, lugar em que se pode livremente cantar e desvendar a geometria dos sonhos. A partir desse conceito é possível olhar a casa, a morada, sob várias perspectivas, não apenas como um artefato construído para o abrigo humano, mas também como um objeto que pode adquirir vários significados, e que, portanto, tem a sua própria linguagem, sua própria representação.

O foco desta investigação é estudar a transformação do espaço de habitar do imigrante italiano e dos seus descendentes, na Região Colonial Italiana (RCI), através da literatura ficcional que permite fazer o intercâmbio entre a história e a arquitetura. Pela narrativa, o leitor pode acessar um mundo novo, através da palavra; toca a história, percorre os caminhos da cultura, e pode entender pelas letras uma realidade não-conhecida ou reconhecida por ele.

O presente trabalho atende a linha de pesquisa Região e Regionalidade no Programa de Mestrado de Letras e Cultura Regional, procurando relacionar de forma interdisciplinar, a arquitetura, a literatura e a história da imigração italiana. Pretende contribuir para a compreensão da transformação da casa do imigrante italiano, em um determinado período histórico, procurando preencher uma lacuna em relação aos estudos arquitetônicos e valorizar o patrimônio cultural da Região Colonial Italiana. Objetiva, também, verificar se o texto literário consegue expressar, no espaço da narrativa, os aspectos objetivos e subjetivos do espaço de habitar dos

imigrantes italianos e dos seus descendentes. O interesse pelo assunto surgiu em decorrência da observação do patrimônio cultural arquitetônico, em particular, o espaço de habitar e suas representações.

O fenômeno da imigração italiana no Rio Grande do Sul, iniciado em 1875 e praticamente encerrado em 1914, já foi estudado por muitos pesquisadores, principalmente sob o ponto de vista econômico, social e cultural; as pesquisas reportam-se geralmente ao artesanato, gastronomia, religiosidade, música, e a língua, entre outras manifestações. As investigações relacionadas ao espaço, modo de habitar e viver dos imigrantes foram objeto de alguns estudos e este trabalho tem o intuito de ampliar a elucidação deste tema.

A casa é um espaço comum a todos; existe uma relação intrínseca do homem com ela, mas nem sempre são percebidas e entendidas as suas mais secretas mensagens (formas/ imagens/ linguagens). O estudo da transformação da casa, das suas origens e do reconhecimento de suas características objetivo-subjetivas, pode levar o homem a uma maior compreensão da importância do seu espaço de habitar, e a valorizar a herança recebida por parte daqueles imigrantes italianos que construíram, em novas terras, suas novas casas.

Após 130 anos de imigração, as novas gerações pouco ou nada lembram de como eram as casas de seus avós, bisavós e a importância que a casa teve na vida dessas pessoas. O patrimônio cultural arquitetônico é uma herança que não pode ser aviltada, e a investigação do passado não é um simples saudosismo, mas a busca de um resgate cultural, que permita a compreensão do presente e suas implicações no futuro, no que diz respeito à linguagem, à representação do espaço de habitar da Região Colonial Italiana.

Assim, a investigação foi norteadada por algumas questões: como o contexto histórico, as mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas, na RCI, influenciaram na transformação da casa do imigrante italiano e dos seus descendentes? Qual a relação entre a representação do espaço de habitar através as imagens arquitetônicas e do texto literário? É possível desvelar através da literatura a linguagem do espaço de habitar (aspectos objetivos e subjetivos) do imigrante italiano e dos seus descendentes?

Para responder a essas indagações constituiu-se um *corpus* capaz de dar conta do desenvolvimento deste estudo neste caso os romances escritos por José Clemente Pozenato: “A Cocanha”, “O Quatrilho” e “A babilônia” que abrangem o período histórico de 1883 até os primórdios na Segunda Guerra Mundial, na Região Colonial Italiana. A primeira obra narra a saga de um grupo de italianos que partem do porto de Gênova em 1883, com destino ao Brasil, em busca de uma vida nova, em que o tempo da narrativa se estende até a virada do século. A segunda obra trata de uma questão familiar, um jogo, a troca de casais, retratado entre 1909 e meados de 1930. A terceira, prossegue no tempo, narrando a história da família oriunda destes casais, focalizando as questões políticas, ideológicas e econômicas, no período do início do Séc. XX até o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

O tratamento metodológico dado a este estudo refere-se à Análise de Conteúdo, que se alicerça na elaboração de categorias de análise e de uma interpretação por parte do investigador. “Não é possível uma leitura neutra, toda a leitura constitui uma interpretação”.¹ A Análise de Conteúdo define como seus domínios possíveis de aplicação o Lingüístico e o Icônico². Nesse caso, o domínio Lingüístico são os romances acima citados e o Icônico são as fotografias e desenhos referentes às casas dos imigrantes italianos.

O pesquisador Roque Moraes define que a matéria da Análise de Conteúdo pode constituir-se de qualquer material procedente de comunicação verbal ou não verbal, como livros, fotografias e etc. Os dados advindos dessas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processado para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo.³ Por sua vez, Bardin define esse método como “uma hermenêutica controlada, baseada na dedução a inferência. [...] Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito) retido por qualquer mensagem”.⁴

Dessa maneira, este estudo científico apresenta, no primeiro capítulo, um panorama do período em que vivia o homem que migrou da Europa para terras sul-

¹ MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. Porto Alegre: PUCRS, 2000, p.3.

² BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p.35.

³ MORAES. Op.cit., p.2.

⁴ BARDIN. Op.cit., p.35.

rio-grandenses. Dentro de uma visão objetiva, procurou se focar este imigrante italiano no contexto sócio-histórico de seu tempo e espaço; inicialmente, abrangendo a situação econômica e política da Europa, principalmente na Itália, que forçou a saída de seus habitantes; para eles era padecer diante da fome ou aventurar-se na América em busca de uma nova vida. Depois, trazendo à pauta a tecnologia existente na Europa no final do Séc. XIX, como a existência dos barcos a vapor, das tecnologias construtivas vigentes, inserindo o imigrante nesse contexto.

Além disso, destaca-se o momento que o Brasil vivenciava, o seu interesse pela ocupação de seu território por homens livres e brancos. Já, no Rio Grande do Sul, havia uma porção de terras devolutas e, por ser um estado que faz fronteira com outros países, havia interesse em que essas terras restassem ocupadas. Entre outras regiões do Brasil, a região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, abrigou os imigrantes italianos, que formaram a Região Colonial Italiana (RCI), promovendo nessa região uma transformação evidente do ponto de vista econômico e cultural.

O segundo capítulo descreve várias noções relacionadas à Cultura, já que é um conceito fluido e de múltiplos usos. Neste trabalho, Cultura relaciona-se com a integração do homem e a natureza. Ao transformar a natureza, o homem transforma a si mesmo; cria instrumentos para garantir a sua sobrevivência e se adapta ao novo de acordo com suas aprendizagens e experiências anteriores. A casa é uma manifestação cultural que revela os modos de viver do homem. Ao edificar seu espaço de habitar o imigrante imprimiu nela seus conhecimentos, seus sentimentos, sua visão de mundo.

Nessa investigação, busca-se a representação do espaço de habitar, ou seja, seus aspectos objetivos e subjetivos. A leitura dos aspectos objetivos pode ser feita, dentre outras maneiras, através da identificação da forma e dos usos da casa, da tecnologia construtiva utilizada, já os aspectos subjetivos se revelam pelo implícito, pelas necessidades motivacionais e pelas relações de poder. O termo “linguagem”, aqui, é conceituado como sendo representação, como significado que pode ser atribuída a uma manifestação cultural, nesse caso, a casa do imigrante italiano.

No terceiro capítulo as obras literárias são analisadas, conforme a metodologia proposta, a Análise de Conteúdo. As categorias de análise de domínio Lingüístico, a serem construídas neste trabalho e que serão utilizadas para a análise das três obras literárias que compõem o corpus deste trabalho, são as que seguem.

Do ponto de vista objetivo: (a) as relações histórico-sociais conforme indicadas pela pesquisadora Vitalina Frosi;⁵ (b) a cronologia relativa aos tipos de construção estabelecida pelo arquiteto Júlio Posenato;⁶ e (c) funções dos espaços: estar, íntimo e serviço de acordo com os arquitetos Bittar e Veríssimo.⁷ Do ponto de vista subjetivo: (a) as relações de poder que se estabelecem entre os personagens em relação ao espaço de habitar, a partir de estudos do filósofo Foucault;⁸ (b) as necessidades do homem que abrangem desde a sobrevivência até a necessidade estética, segundo o psicólogo Maslow;⁹ e (c) os valores oníricos que fazem referência às questões afetivas e inconscientes, apontados pelo fenomenólogo Gaston Bachelard.¹⁰ Dessa forma é possível realizar cruzamento de dados, estabelecendo um encontro entre o espaço de habitar do imigrante italiano e os textos literários de Pozenato.

O quarto capítulo trata do domínio Icônico, em que é apresentada uma amostra da iconografia da casa do imigrante italiano. Representações gráficas e fotográficas ilustram casas situadas em municípios da Região Colonial Italiana. As imagens possibilitam visualizar a transformação que o espaço de habitar sofreu, nessa região, ao longo do tempo, bem como relacioná-las com o texto literário.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, ou seja, o resultado da aprendizagem que o estudo proporcionou à pesquisadora, sobretudo no que tange a significação e conseqüente valorização da casa do imigrante, patrimônio arquitetônico na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul.

⁵ FROSI, Vitalina. Provérbios dialetais italianos. In: **CHRONOS**, Revista da Universidade de Caxias do Sul, v.29, n.1, Caxias do Sul, 1996(a), p.37.

⁶ POSENATO, Júlio. **Assim vivem os italianos**. Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983(a), p.97.

⁷ BITTAR, William; VERÍSSIMO, Francisco. **500 anos da casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p.14.

⁸ FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L., RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995(a), p.242.

⁹ MASLOW, apud LA ROSA, Jorge (org.) **O significado do aprender**. 7.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p.182.

¹⁰ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.26.

1 HISTÓRIA, TECNOLOGIA E IMIGRAÇÃO

1.1 O Cenário Europeu no Período da Imigração Italiana

O processo da imigração italiana na Província de São Pedro, atual Estado do Rio Grande do Sul, teve como marco inicial ano de 1875, data reconhecida como tal, pois é nessa época que foram localizadas as mais remotas fontes primárias que registram esse fenômeno, como escritos, documentos, dentre outros, além de ser o ano em que houve o fluxo mais significativo de migrantes para essa região do Sul do Brasil.

No período em que se deu esse grande deslocamento de pessoas, na Europa, sobretudo, eclodia a chamada Segunda Revolução Industrial, quando ocorreu uma estreita relação entre a ciência e a técnica, entre o laboratório e a fábrica. O estudo de tal momento da história se reveste de essencial importância para a compreensão deste trabalho, que procura analisar a transformação do espaço de habitar, do imigrante italiano e dos seus descendentes, revelada nos textos literários “A Cocanha”, “O Quatrilho” e “A babilônia”, de José Clemente Pozenato, que abarcam o período histórico, que vai de 1883 até os primórdios da Segunda Guerra Mundial.

Traçando uma comparação entre os dois períodos inaugurais da Revolução Industrial, é possível dizer que enquanto a primeira fase, de 1760 até 1850, se concentrou na produção de bens de consumo especialmente o algodão, limitando-se, praticamente, à Inglaterra, a segunda fase se caracteriza pelo desenvolvimento da indústria pesada, englobando outros países, como a Alemanha e tardiamente a Itália.

A partir da Segunda Revolução Industrial (da metade do século XIX até meados do século XX) é que houve as chamadas grandes invenções, descobertas pela valorização dos diversos campos científicos, com aplicação na indústria, nos meios de comunicação e de transportes. A indústria têxtil foi aperfeiçoada por meio de máquinas automáticas, desenvolveram-se a indústria do aço e extrativa do

petróleo. Surgiu o telefone, criado por Bell, em 1876,¹ a fotografia a cores, os primeiros filmes em rolo, que permitiram o aperfeiçoamento do cinema, em 1889. Os Siemens construíram as primeiras locomotivas e bondes elétricos; Benz criou o primeiro automóvel. O norte-americano Edison, em 1879, inventou a lâmpada incandescente, que substituiu a luz a gás (querosene), o que provocou uma verdadeira revolução no sistema de iluminação.² Em 1900, a luz elétrica já era um fato consumado na vida urbana de Nova York, Londres e em todas as grandes cidades da Europa.

Uma vez que a eletricidade havia entrado nas casas, ela poderia ter outras utilidades domésticas, além do seu uso na iluminação. Singer, em 1889, lançou um modelo elétrico da sua máquina de costura; em 1909, a Westinghouse lançou o ferro elétrico. Sucederam-se invenções de aparelhos domésticos, como fogões, chapas elétricas, grelhas de assar. Com a descoberta dos motores elétricos, surgem os ventiladores, as máquinas de lavar roupas, sendo o primeiro modelo criado por Thor, em 1909.³ Esses avanços tecnológicos influenciaram diretamente na vida doméstica. Para as pessoas que tinham acesso, a mecanização da casa representou uma economia de tempo e de esforço na realização das tarefas diárias.

Quanto à arquitetura, o grande desenvolvimento da indústria possibilitou o emprego de outros materiais de construção, passando a ser usado o vidro e o ferro, nas edificações. A maior construção elaborada com a utilização de estrutura de ferro e fechamento com vidros, por exemplo, data de 1851, em Londres, e se denomina Palácio de Cristal, destinado a exposições e feiras.⁴ O cimento, que igualmente revolucionou os métodos construtivos, foi quimicamente processado, em 1824, por Joseph Aspdin⁵, através de uma mistura de pedras calcárias e argila. Em seguida, o material começou a ser empregado nas construções, existindo inclusive, desde 1850, pequenas fábricas de cimento na Inglaterra e na França. A junção do ferro

¹ “O Brasil foi um dos primeiros países a contar com serviços telefônicos, graças à visão do imperador Dom Pedro II. Aliás foi o próprio Dom Pedro quem chamou atenção do mundo para o evento de Graham Bell. Isso ocorreu em 1876, na célebre Exposição de Filadélfia, nos Estados Unidos. Em 1877, o imperador, mandou instalar o primeiro telefone do país no Palácio de São Cristóvão no Rio de Janeiro”. In: ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**. História Geral e História do Brasil. 12.ed. São Paulo: Ática, 2003, p.314.

² “Em 1882, Edison construiu um gerador na área de *Wall Street* em Nova York e através de uma rede de distribuição de cabos subterrâneos, forneceu energia a uma área de 2,6 Km²”. In: RYBCZNSKI, Wiltold. **Casa**: pequena história de uma idéia. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 158.

³ Idem, p.159.

⁴ BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1983, p.587.

⁵ PETRUCCI, Eladio G. **Materiais de Construção**. Porto Alegre: Globo, 1980, p.309.

com o cimento, resultou, então, na criação do “concreto armado”, muito resistente, tanto à compressão (força executada no sentido vertical) quanto à tração (força executada no sentido horizontal).

Além dessas tecnologias, o desenvolvimento dos meios de transporte representou uma revolução à parte, conforme afirmam os historiadores Arruda e Piletti:

As estradas de ferro foram o maior investimento industrial no século 19. No fim de 1860, os Estados Unidos contavam com 93 mil quilômetros de trilhos e a Europa, 104 mil. Depois que Robert Fulton inventou o Barco a vapor em 1808, também a navegação marítima se transformou. As viagens transoceânicas ganharam impulso em 1838, com a invenção da hélice. Os novos barcos passaram a cruzar o Atlântico na linha Europa-Estados Unidos em apenas dezessete dias.⁶

E, referindo-se ao fenômeno migratório, a pesquisadora Loraine Slomp Giron considera:

As máquinas que, em parte, aumentaram os capitais e a burguesia, e, em parte desalojaram os operários de suas ocupações, garantiram a expansão em direção à América. A mesma expansão técnica que expulsava os homens garantiria seu transporte para outras terras, através dos navios à vapor. A Europa passou a exportar em larga escala produtos industrializados, religião, costumes, idéias, e, especialmente, europeus.⁷

Essas transformações ocorridas na sociedade e no processo produtivo também são importantes para se compreender o momento histórico, ou seja, a imigração da grande massa de camponeses oriundos da Itália foi possível também por conta do desenvolvimento da tecnologia, principalmente, pelo surgimento dos meios de transportes como as estradas de ferro e as novas embarcações.

A fala de Cósimo, personagem da obra “A Cocanha”, na partida de um grupo de imigrantes da estação de Verona para Gênova, no ano de 1883, ilustra essa relação entre a imigração e o desenvolvimento tecnológico, na época. Assim ele se refere ao vagão do trem:

- Nunca tinha visto casa em cima de rodas – continuou Cósimo, brincalhão.
- Acho que vou levar uma dessas para a América. Já está pronta, pintada,

⁶ ARRUDA e PILETTI. Op.cit., p.296.

⁷ GIRON, Loraine Slomp. A imigração Italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José Hildebrando. (org.) **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p.49.

tem vidro nas janelas. E não vou precisar de carroça. A casa vai ser a carroça.⁸

O narrador continua contando a viagem dos imigrantes que após percorrerem, de trem, o trajeto entre Verona e Gênova, permanecem em Gênova, numa hospedaria, e ouve-se o seguinte:

De repente, ergueu-se a voz cantante, de quem discursa para uma multidão. – A Itália sangra pelo porto de Gênova. A Itália tem no corpo um veneno a lhe desmanchar o sangue, que corre pelas fronteiras do norte e pelo cais da Europa...⁹

Estes dois excertos do referido romance de Pozenato demonstram, primeiro, a descrição do vagão do trem da época, e a idéia que este vagão poderia ser utilizado como casa na América. Uma casa construída de metal, com vidros, devidamente pintada, e com rodas, consoante com a tecnologia da época, embora não sendo utilizada no cotidiano dos camponeses, mas presente no imaginário do homem do século XIX. A emigração italiana se estendeu para muitos países: Brasil, Argentina, Canadá, Estados Unidos, Austrália. O segundo trecho apresenta uma bela metáfora a respeito da migração de Italianos para outros continentes, neste caso a América. Esse “veneno a lhe desmanchar pelo sangue” sugere a idéia que o modelo produtivo que passou a se adotar – com os meios de produção concentrados nas mãos dos capitalistas –, alterou as antigas estruturas sociais, expulsando muitos da sua própria pátria.

1.2 A Itália dos Migrantes

A Itália, unificada em 1870, após um longo processo, “continuava sendo um país agrário, regido por relações sociais muito atrasadas que freavam o seu desenvolvimento econômico e condenava as massas populares à miséria e fome”.¹⁰ O fracionamento de terras, na península itálica, comportava, de um lado os grandes latifúndios e, por outro, um grande número de minifúndios de pequenas dimensões, em média de 2,5 hectares, incapazes de gerar o sustento de uma família. As

⁸ POZENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000 (a), p.15.

⁹ Idem, p.33.

¹⁰ IANNI, Constantino. **Homens sem paz**. São Paulo: Civilização Brasileira [s.d], p.49.

pequenas terras acabavam, então, nas mãos dos grandes proprietários. A maioria dos colonos italianos não era proprietária de áreas cultiváveis; eles trabalhavam para os senhores das terras.

As transformações econômicas produzidas pelos efeitos da Revolução Industrial na Europa, nesse período, também atingiram o norte da Itália que, graças à produção industrial, tornara-se mais forte que o sul agrário. Em nome da requerida modernização, foram tomadas algumas medidas, entre elas, o liberalismo alfandegário, isto é, a oferta de produtos industriais estrangeiros a preços reduzidos, o que, por sua vez, atingiu o sistema artesanal de produção que representava uma complementação na renda dos colonos. Esses ficaram cada vez mais entregues à produção agrícola, contra a qual erguiam-se os mais diversos obstáculos, dentre eles a concorrência de produtos estrangeiros, o aumento excessivo de impostos e a colheitas pouco produtivas. Segundo os escritores Luiz A. De Boni e Rovilio Costa, "com a destruição da pequena indústria do tipo artesanal, a elevação dos impostos, acompanhados pela redução do preço dos produtos, houve uma rápida deterioração do campo, com sinais evidentes de uma regressão sócio-econômica".¹¹

Comparados com a população rural de outros países da Europa, os colonos italianos apresentavam um quadro lúgubre: eram os mais atrasados, com índices de analfabetismo elevado, enquanto outros países há séculos, por vezes, já haviam erradicado este mal. Começava a sobrar gente nos campos e as cidades não estavam em condições de absorver tantas pessoas.

A médio prazo, parecia que a Itália teria que optar entre duas soluções: a de reformas de base – modificando principalmente o sistema fundiário e a distribuição dos encargos sociais – e a revolução de cunho socialista. Em vez de uma destas alternativas, surgiu, porém, a emigração em grande escala, permitindo à classe dirigente manter e mesmo aumentar seus privilégios, enquanto os pobres rumavam, em número incalculável para outros países, principalmente de além-mar.¹²

Ademais, o grande movimento migratório italiano dos fins do século XIX está diretamente relacionado com a grave crise econômica que o país atravessou logo após a sua unificação em 1870. Nesse sentido, afirma a pesquisadora Vânia B. M. Herédia:

¹¹ DE BONI Luis A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Vozes,1982, p.52.

¹² Idem, p.53.

Com a unificação italiana os problemas econômicos agravaram-se. O processo de unificação não havia trazido consigo a solução de problemas que haviam nascido da decadência do feudalismo e da instalação do sistema capitalista. A agricultura ainda estava estruturada em moldes arcaicos, e não propiciava condições necessárias à população agrária para enfrentar a crise instalada. A influência da unificação sobre a economia italiana não resolveu questões que a população acreditava que fossem solucionadas pela via política, como a diminuição do custo de vida, salários mais altos e redução das taxas alfandegárias. A Itália convivia com regiões desenvolvidas e regiões atrasadas e as contradições desses dois modelos era gritante para aqueles que não tinham o mínimo para viver.¹³

Por sua vez, a professora, Vitalina M. Frosi, também tratando do contexto histórico em que se deu a saída dos inúmeros italianos da terra natal, estabelece que:

A economia era dependente de poucos industriais e de muitos latifundiários ainda afetos a esquemas econômicos medievais de feudalismo e de exploração da força operária e agrícola. A unificação política não destruiu o fenômeno escravagista de uma economia tradicional e ultrapassada. A formação da nova Itália, como Reino, não abria perspectivas propícias à revogação dos esquemas antiquados de grandes proprietários feudais com títulos hereditários de posse de terras e do elemento humano que as trabalhavam. Se uma reconstrução geopolítica tivesse acarretado uma reforma econômica de base, com uma reformulação de estatutos de terras e posses, com uma agricultura baseada na pequena propriedade, os movimentos migratórios que se verificaram no norte da Itália, em fins do século XIX, talvez não se tivessem registrado nas proporções que ocorreram.¹⁴

Portanto, pode se dizer que a principal causa da imigração dos camponeses italianos foi a sua situação de miséria; ao abandonarem a sua pátria-mãe, buscavam uma alternativa de sobrevivência, uma vez que as perspectivas de dias melhores, na Itália, eram remotas.

1.3 Os Imigrantes Italianos Chegam ao Brasil

O Brasil, no final do século XIX, contava com um governo imperial. A formação social da população brasileira, até então, era caracterizada pela mescla de várias etnias: o índio nativo, o africano escravo e o português colonizador. A mão-

¹³ HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Contexto histórico da Itália antes da unificação. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza; POZENATO, José Clemente. (Orgs). **Cultura, Imigração e Memória: percursos e horizontes**, 25 anos do ECIRS. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p.299.

¹⁴ FROSI, Vitalina Maria, MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1975, p.12.

de-obra era baseada no trabalho escravagista; porém, a partir de 1850, cedendo às pressões inglesas, decorrentes da necessidade da formação de novos mercados,¹⁵ o Brasil aprovou a extinção do tráfico negreiro, e a busca por mão-de-obra livre tornou-se uma necessidade, seja para laborar na lavoura cafeeira, seja para o restante da agricultura nacional.

Neste contexto, chegaram os imigrantes italianos ao Brasil. Eles foram empregados, na maior parte, como trabalhadores nas fazendas de café em São Paulo; apenas uma minoria de colonos restou enviada para as colônias da então Província de São Pedro (RS). Diversamente dos imigrantes estabelecidos nos cafezais paulistas, aqueles que ocuparam as áreas localizadas no extremo sul do país passaram, de imediato, a ser proprietários de terras. Além de São Paulo e Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos também foram introduzidos em outras regiões do país, nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina.¹⁶

Como se pode perceber, a finalidade do governo imperial, ao promover a imigração, era múltipla. Dentre elas, a evidente necessidade da substituição da mão-de-obra escrava nas lavouras; a ocupação de espaços vazios no território, as chamadas terras devolutas; e o cuidado pela defesa, organizando um exército nacional.¹⁷

O processo de colonização era um grande empreendimento estatal e o governo imperial, não possuindo escritórios de propaganda ou qualquer organização própria no exterior, foi obrigado a entregar a procura do imigrante a empreendedores que, por sua vez, confiaram o aliciamento às próprias companhias de navegação.¹⁸ O escritor italiano Franco Cenni esclarece que as empresas eram pagas pelo governo para introduzir os imigrantes, com o que, agiam em diversos lugarejos da Itália para recrutar interessados. Esse procedimento é assim descrito:

[...] as companhias colocaram representantes ou agentes em todas as cidades, grandes e pequenas, até em longínquos e perdidos lugarejos a fim de 'fazerem a carga'. O proprietário que perdera suas terras confiscadas pelas dívidas; o negociante falido; o desempregado que já não tinha

¹⁵ Após consolidada a Revolução Industrial, a Inglaterra tinha interesse em criar e consolidar mercados consumidores sempre mais amplos. Isso só seria possível se os trabalhadores fossem assalariados, portanto, o regime escravocrata deveria ser extinto. In: ARRUDA e PILETTI. Op.cit., p.234.

¹⁶ FROSI e MIORANZA. Op.cit., p.38.

¹⁷ DE BONI. Op.cit., p.26.

¹⁸ CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p.221.

esperanças ou o pobre camponês analfabeto ouviam de pessoas que talvez nunca tivessem visto o Brasil sequer num mapa as afirmações mais estimulantes. Aquele era o paraíso, o próprio Éden, onde o dinheiro surgia nas ruas, obrigando apenas ao trabalho, nem sempre incômodo de recolhê-lo.¹⁹

Acredita-se que o sonho de “fazer a América”, a idéia do paraíso perdido, estava presente no imaginário daqueles que não tinham outra alternativa para fugir da fome. Apesar de toda a propaganda, que parecia ser enganosa, feita para trazer os imigrantes – dado que o país, seja na região de plantação do café, seja no Nordeste Gaúcho, estava longe de ser o Jardim do Éden ou de ter a abundância do Paese di Cuccagna²⁰ –, é certo que o governo brasileiro, de fato, possibilitou a aquisição de terras por parte dos estrangeiros, sobretudo para os que ocuparam as colônias no sul do Brasil.

A Lei de Terras, promulgada pelo governo imperial, em 18 de setembro de 1850, de nº 601, determinava que “as terras só poderiam ser adquiridas através da compra. Dispunha também sobre a legitimação da posse de terra e a legalização da propriedade através da posse efetiva da sesmaria”.²¹ Essa legislação modificou o modo de posse da terra, que antes era feita por necessária concessão do império e que após podia ser adquirida, portanto, se tornando mercadoria. Isso possibilitou que, com o trabalho desenvolvido na lavoura, os colonos italianos conseguissem obter os recursos necessários para adquirir, de forma parcelada, o domínio das terras onde laboravam e viviam.

¹⁹ CENNI. Op.cit., p.221.

²⁰ “A topografia do ‘Paese di Cuccagna’ é dominada por uma montanha, na verdade um vulcão que expele, continuamente, moedas de ouro. Quando chove, nesse país, chovem pérolas e diamantes, mas podem chover também raviólis. Em direção ao porto, denominado de Porto dos Ociosos, navegam embarcações carregadas de especiarias, mortadelas, toda a sorte de embutidos e presuntos. Rios de vinho negro são atravessados por pontes de fatias de melão, e lagos de molhos soberbos estão coalhados de *polpette* e *fegatelli*. Fornadas permanentes de pão de farinha de trigo abastecem os habitantes do lugar. Aves assadas despencam do céu, direto sobre a mesa, enquanto as árvores cobrem-se de frutos nos doze meses do ano. As vacas parem um vitelo ao mês e os arreios dos cavalos são de ouro, mas as rédeas são lingüiças... A topografia se completa com uma colina na qual está destinada aos infratores da única lei que vigora no país: não trabalhar e gozar a vida”. RIBEIRO, Cleodes Piazza. Descrição do país da Cocanha, onde quem menos trabalha mais ganha. In POZENATO. Op.Cit. (a), p.7.

²¹ BERGAMASCHI, Heloisa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. **Colônia**: um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996, p.26.

1.4 Os Imigrantes Italianos no Rio Grande do Sul

Em relação ao resto do Brasil, o Rio Grande do Sul teve uma ocupação tardia, sendo que esta se deu em várias etapas. As reduções jesuíticas, fundadas a partir de 1626, foram os primeiros núcleos estáveis no espaço rio-grandense.²² Por volta de 1640, os jesuítas abandonaram a área, e passaram para a outra margem do Rio Uruguai. Cerca de 40 anos depois, começaram a retornar, organizando a estrutura comunitária dos Sete Povos das Missões. Estes se tornaram centros econômicos importantes, dedicando-se à produção de erva-mate, à extração de couro e às atividades criatórias.

No século XVIII, a estratégia adotada pela Coroa Portuguesa para garantir a posse e defesa das terras localizadas ao sul de sua colônia foi a instalação de acampamentos militares, a construção de fortes e presídios, como o de Rio Grande, edificado em 1737,²³ bem como a distribuição de sesmarias para pessoas de prestígio. Até a metade do século XVIII, desenvolveu-se no Rio Grande do Sul uma pecuária voltada à produção de charque, ciclo responsável pelo crescimento das cidades localizadas no extremo sul gaúcho.

Os açorianos vieram a partir de 1748, fixando-se em Rio Grande, Porto Alegre, Viamão, Santo Amaro e Rio Pardo.²⁴ Receberam gratuitamente terras para desenvolver atividades agrícolas, principalmente a produção de trigo, e, dessa forma, abastecer a Colônia. Até então, na formação étnica sul rio-grandense, destacava-se a presença de descendentes de povos indígenas, africanos e os portugueses.

Já, durante todo o século XIX, o Rio Grande do Sul foi alvo do processo de assentamento de imigrantes europeus, inicialmente de origem alemã, em 1824, e posteriormente os italianos, em 1875. Os alemães foram instalados na região da depressão central do estado em terras planas, e os italianos na região nordeste do estado que apresenta topografia acidentada, a chamada encosta superior do

²² KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre:Leitura XXI, 2004, p.40.

²³ Idem, p.55.

²⁴ Idem, p.58.

nordeste. O norte do Estado foi povoado basicamente através das áreas coloniais alemães e italianas, e da chegada de novos grupos étnicos.²⁵

A situação do Rio Grande do Sul, encontrada pelos primeiros imigrantes italianos em 1870, era bem diferente daquela encontrada pelos alemães 50 anos antes. Segundo os estudiosos De Boni e Costa “a população provincial saltara de 110 para cerca de 440 mil pessoas. Em vez de 5 municípios eram agora 28, divididos em 73 paróquias. A cidade de Porto Alegre contava com 30.583 habitantes, pelos dados do recenseamento de 1872”.²⁶ Ou seja, já estava em curso um incipiente processo de urbanização, com a apropriação, pelos habitantes da região, de algumas das novas técnicas descobertas na época. Loraine Slomp Giron, assim descreve a situação da Província, neste período:

A Província em 1872, possuía 5/6 da população concentrada da Depressão Central e Litoral, e apenas 1/6 na Encosta Inferior do Planalto. Eram extensas as área de terras devolutas, ainda não povoadas. Estas terras correspondiam à região das matas que cobriam as encostas do Planalto, as quais não tinham interessado aos criadores de gado, que haviam se instalado na região dos campos, tanto da campanha, como sobre o Planalto. A imigração alemã em sua expansão, seguiu os vales dos rios da Depressão Central, interrompendo-as nas encostas inferiores da Serra Geral. Assim, a encosta superior permanecia desabitada.²⁷

Reflexos da Revolução Industrial faziam-se sentir: já havia estradas de ferro, rede telegráfica, um sistema bancário em formação e uma organizada navegação fluvial, com barcos a vapor. A Província, embora basicamente marcada pela pecuária, contava com uma grande produção agrícola, proveniente principalmente das colônias alemãs. Politicamente, estavam curadas as feridas separatistas provocadas pela Guerra dos Farrapos. A Guerra do Paraguai e as campanhas do Prata eram fatos passados.²⁸

A administração provincial tomou várias iniciativas criando outras colônias além da alemã, após a Guerra dos Farrapos. Em 1869, solicitou ao Governo Imperial uma área de 32 léguas quadradas. O pedido foi atendido em fevereiro de 1870, e em maio do mesmo ano o Presidente da Província, João Sertório, criou as colônias

²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p.46.

²⁶ DE BONI e COSTA. Op.cit., p.62.

²⁷ GIRON. Op.cit., p.61.

²⁸ DE BONI e COSTA. Op.cit., p.63

Conde d'Eu e Dona Isabel, situadas nos atuais Municípios de Garibaldi e Bento Gonçalves. Essas

[...] localizavam-se, as colônias, entre o rio Caí, os campos de Vacaria e o município de Triunfo. Tomando por divisa entre ambas o caminho dos tropeiros que seguia do Maratá em direção ao rio das Antas, situando-se a primeira colônia à esquerda e a segunda a direita do mesmo caminho.²⁹

A colonização promovida pela Província, destas duas áreas, não obteve o êxito desejado. O governo imperial, então, assumiu as novas colônias. Ainda, devido à ação do Imperador Dom Pedro II, foi criada mais uma colônia chamada, de Fundos de Nova Palmira em 1875, que em 1877 passaria a chamar-se Colônia Caxias, hoje Município de Caxias do Sul. Neste mesmo ano, o governo resolveu instalar, também, uma quarta colônia no atual município de Santa Maria, na região central do Estado, chamada de Silveira Martins.³⁰ Estas quatro colônias formam o núcleo básico da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

A área de assentamento de colonos italianos situada no nordeste do Rio Grande do Sul, em 1975 foi denominada pelo pesquisador italiano Mario Sabbatini de *Regione di Colonizzazione Italiana*, termo traduzido por Região Colonial Italiana, a chamada RCI. Observando-se esta região, percebe-se que nela não está contemplada chamada 4ª Colônia, situada na região central do Rio Grande do Sul.

A ocupação da região do nordeste do estado pelos imigrantes italianos, com a denominação das Colônias e o período histórico em que ocorreu a colonização é perfeitamente compreensível através da visualização do quadro elaborado pela pesquisadora Vitalina M. Frosi,³¹ que segue:

Antiga Colônia	Antiga Colônia I: Caxias, Dona Izabel, Conde d'Eu Antiga Colônia II: Antônio Prado e Alfredo Chaves	Fundadas em 1875 – na época do Império Fundadas em 1884-1885 – época do Império
Nova Colônia	Nova Colônia: Guaporé (e Encantado)*	Fundada em 1892 – época da República
Novíssima Colônia	Novíssima Colônia: Expansões das diversas colônias anteriores	Formam-se a contar de 1900 em diante

* A contar de 1882, aproximadamente, inicia-se a imigração interna dos colonos italianos da Colônia Dona Izabel e Conde D'Eu para as terras de Encantado.

Quadro 1 – Ocupação pelos imigrantes italianos da Região Nordeste do Rio Grande do Sul

Fonte: Adaptado de Frosi (In: HERÉDIA e ZUGNO, 2003).

²⁹ DE BONI e COSTA. Op cit., p.64.

³⁰ Idem, p.65.

³¹ FROSI, Vitalina Maria. Proveniências dos Imigrantes Italianos e suas falas dialetais. In: HERÉDIA, Vânia B.M.; ZUGNO, Paulo Luiz. (orgs.) **Anais do Seminário Internacional Vêneto/RS**. Modelos de desenvolvimento comparados – 1945-2000. Caxias do Sul: EDUCS, 2003, p.26

A Região Colonial Italiana é composta, então, pelas Antigas Colônias, Nova Colônia e Novíssima Colônia, e compreende hoje mais de 55 Municípios, localizados no Nordeste do Rio Grande do Sul,³² sendo que o número de imigrantes que entraram no Estado, de acordo com o Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul, de 1911-1915, no período compreendido entre 1882 e 1914, foram de 154.682 imigrantes. O número de 66.901 imigrantes italianos representa um percentual de 43,25% do total, faltando elementos correspondentes aos sete primeiros anos, de 1875 a 1881, que fonte alguma registra.³³ Sobre o tema, estudiosos sustentam que os italianos que aportaram nas terras do extremo sul o Brasil, entre 1875 e 1914, foram cerca de 80 mil pessoas, número bastante expressivo para a população regional da época.

1.4.1 As Transformações Ocorridas na Região Colonial Italiana, do Final do Século XIX ao Início do Século XX

Como mencionado, o nordeste do Rio Grande do Sul, quando da chegada dos imigrantes oriundos da Itália, não era o sonhado “Paese di Cuccagna”; pelo contrário, os novos ocupantes da região se depararam com uma densa floresta de pinhais, áreas com significativas depressões, com grande variação climática – entre as regiões altas e os terrenos que margeiam os rios –, o que fez com que, num primeiro momento, tivesse de haver uma atividade baseada na derrubada e exploração da madeira ali localizada.

Essas terras onde os imigrantes se instalaram, primeiramente, “foram divididas em Linhas ou Travessões e estes em lotes coloniais numerados, as divisões eram feitas, em geral sobre mapas, não respeitando acidentes geográficos

³² A RCI é composta seguintes municípios (dados obtidos em 2001): Anta Gorda, Antônio Prado, Arvorezinha, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Camargo, Carlos Barbosa, Casca, Caxias do Sul, Ciríaco, Coqueiros do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, David Canabarro, Doutor Ricardo, Encantado, Fagundes Varela, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Gentil, Guabiju, Guaporé, Ilópolis, Marau, Montauri, Monte Belo do Sul, Muçum, Muliterno, Nicolau Vergueiro, Nova Alvorada, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Bréscia, Nova Pádua, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Paraí, Protásio Alves, Putinga, Relvado, Santa Bárbara do Sul, Santa Teresa, São Domingos do Sul, São Jorge, São Marcos, São Valentim do Sul, Serafina Correa, Vanini Veranópolis, Vespasiano Correa, Vila Flores, Vila Maria e Vista Alegre do Prata. FROSI, In: HERÉDIA e ZUGNO. Op.cit.(b), p.127-128. (ver mapa em anexo)

³³ CENNI. Op.cit., p.175.

a não ser os de maior relevo como o rio das Antas e afluentes”.³⁴ Observando o mapa, da colônias, verifica-se que essas linhas eram desenhadas no sentido norte-sul, e que as colônias apresentavam formatos retangulares, com medidas variáveis em média correspondendo a 200 metros de frente e 1.000 metros de profundidade, configurando um lote com 20 hectares de área. Dessa forma, não se estava mais diante de grandes latifúndios – próprios das ocupações rio-grandenses em períodos históricos anteriores –, mas de pequenas propriedades de terras.

Tais lotes receberam o nome de colônia, ou seja, consistia na área de terras a ser cultivada pelos imigrantes italianos, de onde deveriam conseguir os recursos para comprar a propriedade e sustentar a família. Daí o nome de colono, como sendo aquele imigrante que laborava nessas pequenas propriedades, em regime de economia de subsistência. Essa divisão dos lotes foi realizada pela chamada Comissão de Terras, e seguiu o modelo cartesiano, obedecendo a eixos ortogonais, sem levar em conta os acidentes geográficos, que, de certo, era o modo mais simples e eficaz de ser traçado. E já existia, na época, tanto o conceito de medidas de terras como os meios necessários para que fosse executada a marcação dos lotes. Aliás, a pesquisadora italiana Carla Pagano afirma que o surgimento da geometria (geo = terra, metria = medidas), teria surgido a partir da necessidade do homem medir as terras, nas quais desenvolvia a lavoura. A sua afirmação deriva da existência de registros, do período de domínio do faraó egípcio Sesostri (II^o milênio a.C.), em que eram distribuídas terras aos egípcios, às margens do rio Nilo, traçadas em forma retangular.³⁵

Inclusive, mesmo sendo simples o método cartesiano, era necessário, para a demarcação dos lotes, o uso de uma determinada tecnologia, que propiciasse a existência de equipamentos de precisão. Assim, a bússola, como instrumento de referência, e a presença de técnicos que soubessem fazer levantamentos planialtimétricos, através dos quais os terrenos são medidos em projeção, levando em consideração a sua inclinação, consistiram, certamente, em elementos indispensáveis para que divisão das terras fosse efetuada.

Ademais, para desbravar a densa mata de pinhais existente, também foram usados instrumentos, como machados, facões, e serrotes, que seriam fornecidos

³⁴ FROSI e MIORANZA. Op.cit., p.39.

³⁵ PAGANO, Carla. **Origini della geometria**. Turim: Edizioni “il Capitello”, 1995, p.120.

pelas empresas colonizadoras, além de um auxílio quanto ao modo de derrubar as árvores, conforme ilustra a seguinte passagem do romance “A Cocanha”:

Chega a tropa de mulas com as tábuas, eles as descarregam e o tropeiro toma o caminho de volta, depois de comer seu feijão com farinha. O velho Nicola vai agora ensinar a derrubar uma árvore:.. “Pensam que elas estão presas no chão? Elas estão presas em cima. Não adianta cortar em baixo se elas ficam penduradas pelas copas”. Esta é a parte mais difícil de aprender, mais de um italiano morreu debaixo das árvores que estava derrubando. Mais adiante, cada um terá de fazer isso sozinho, na sua colônia, e Nicola não quer que o culpem se acontecer algum desastre.³⁶

Tal narrativa trata de um episódio de derrubada da mata, sendo que o velho Nicola é descrito como um italiano, que pertence ao primeiro grupo de imigrantes chegado a colônia de Caxias em 1877, e que, portanto, conheceria a técnica necessária para realizar o desmatamento. A história contada na obra “A Cocanha” se inicia em 1883, ou seja, já se passaram alguns anos do início da ocupação, pelos imigrantes, da RCI, e o velho Nicola seria um dos pioneiros a se instalar na região, e repassava o que apreendera para quem recém estava aportando nas novas terras.

Os estudiosos De Boni e Costa, lembram que “a província, conforme lei anterior (Lei de Terras de 1850 nº 601), comprometia-se a transportar os colonos desde Rio Grande, hospedá-los, dar-lhes um auxílio inicial, derrubada e casa própria, instrumentos, sementes e assistência”.³⁷ Dessa maneira, é de ter como certo que cada grupo de imigrantes recebia alguma forma de ajuda, sem a qual não seria possível dar continuidade a sua permanência na colônia. Afinal estava tudo para ser feito e o propósito do governo era o de efetiva ocupação destas áreas.

Além da demarcação em linhas ou travessões dos lotes a ser ocupada pelos imigrantes chegados da Itália, existia, igualmente, uma prévia indicação do local onde seriam os vilarejos, com seu arruamento pré-definido:

[...] o traçado de cada colônia já previa o local das vilas. No caso as ruas eram demarcadas em linha reta, com transversais cortando-as perpendicularmente, em forma de xadrez, e as quadras divididas em lotes urbanos, e vendidos para pessoas que desejavam instalar-se no local, geralmente por não serem agricultores. Nestas localidades residiam a administração da colônia e, geralmente os poucos luso-brasileiros da região.

³⁶ POZENATO. Op.Cit. (a), p.133.

³⁷ DE BONI e COSTA. Op.cit., p.64.

Inúmeras outras vilas surgiram somente com o passar do tempo, por uma série de fatores não previstos pelos planejamentos.³⁸

Esses espaços urbanos, que abrigaram diversos imigrantes italianos que conheciam algum ofício e/ou não tinham vocação para atividade rural, são igualmente retratados no livro “A Cocanha”. O personagem Domênico, que desejava laborar como fotógrafo e alfaiate, ao percorrer o Campo dos Bugres, primeiro nome dado a Caxias do Sul, se depara com um lugarejo que o narrador assim descreve:

No topo da rua, deu com um descampado pedregoso, que terminava no alto, com uma igreja com tábuas encardidas. Árvores imensas e pinheiros a rodeavam por trás. Devia ser ali a praça Dante Alighieri, que teria ainda muito a se embelezar para ser uma praça e honrar o grande poeta florentino. Também a igreja teria muito a mudar para ser uma verdadeira igreja. As ruas e casas muito a melhorar para serem de fato cidade.³⁹

Tais assertivas estavam corretas, pois, conhecendo as cidades italianas – como os imigrantes conheciam –, a Campo dos Bugres da época muito deveria evoluir para se tornar uma verdadeira cidade, consoante com os padrões que se tinha conhecimento. No entanto, as bases estavam colocadas, existia um traçado básico que definiria a ocupação do núcleo, sobre o qual se desenvolveu a cidade, que se tornaria, posteriormente, um grande pólo regional: o Município de Caxias do Sul.

A propósito, a pequena igreja de madeira, referida no romance citado – que supostamente descreve a situação do vilarejo em 1883 –, em menos de doze anos se tornaria a elegante Catedral de alvenaria, que permanece imponente, ainda hoje. A edificação desse monumento arquitetônico é assim relatada pelo arquiteto Evaldo L. Schumacher:

A catedral teve o lançamento de sua pedra fundamental em 1895. Iniciou-se a nova construção em substituição a uma antiga pequena igreja, provisoriamente feita em madeira com 8m de frente por 13 de fundo. A nova igreja em alvenaria passa a ter 15 m de frente por 25m de fundo.⁴⁰

³⁸ DE BONI e COSTA. Op.cit., p.81.

³⁹ POZENATO. Op.Cit. (a), p.107.

⁴⁰ SCHUMACHER, Evaldo Luiz. **Guia didático da arquitetura de Caxias do Sul**. v.1. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p.20.

Estabelecendo uma relação entre a arquitetura religiosa no Rio Grande do Sul, no que diz respeito ao período de sua execução, e, portanto, à ocupação dos territórios, cumpre referir que enquanto a Catedral de Caxias do Sul foi edificada em 1895, a Igreja de São Miguel na região missioneira, foi projetada por um italiano da Companhia de Jesus, o irmão Batista Primoli, e edificada no período de 1735 a 1744.⁴¹ Já, a igreja mais antiga, ainda existente do Estado, é a de São Pedro, localizada na cidade de Rio Grande, inaugurada em agosto de 1755 autoria do major brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, nascido na Colônia de Sacramento.⁴² Ou seja, quase dois séculos separam a construção da Catedral caxiense das outras duas edificações religiosas de vulto no Estado, antes referidas, demonstrando que a obra efetuada na RCI não era pioneira, pelo contrário, surgiu concomitante com o crescimento e desenvolvimento da ocupação feita pelos imigrantes italianos, e, para ser erguida, devem ter sido utilizadas as técnicas empregadas em obras anteriores.

Nas vilas, além da edificação de igrejas e das moradias, também se via surgir indústrias pioneiras, instaladas e administradas pelos imigrantes italianos. A preferência do italiano e dos seus descendentes no setor da indústria transformativa se dirige para a vinificação, pois o colono, espalhando parreirais, mirava, evidentemente, numa larga produção de vinho. Porém, o aproveitamento suíno e o beneficiamento da madeira, também atraíram a atenção dos imigrantes, que desde o início de suas atividades passaram a contar com numerosas varas e grandes serrarias. Nessas indústrias, porém verificava-se um profundo entrosamento entre portugueses, alemães e italianos, de forma que seria difícil estabelecer, com segurança, o valor da contribuição de cada um deles.⁴³ Mais propriamente italianas são as atividades moageiras e metalúrgicas. O escritor italiano Franco Cenni, tratando do tema, relata os acontecimentos que ensejaram o surgimento da atual empresa Germani Alimentos Ltda., que segue:

Pioneiro não apenas no cultivo do trigo, mas também de sua industrialização, foi Aristide Germani, que desde rapaz tinha trabalhado num grande moinho da Itália do norte. Órfão de pai e mãe em 1885 chegava ao Campo dos Bugres, onde seu tio materno vivia numa pequena casa de madeira no meio de uma mata. Poucos anos mais tarde, com as economias

⁴¹ DE CURTIS, J. N. B. O espaço urbano e a arquitetura produzida pelos Sete Povos das Missões. In: WEIMER, Günter (Org.). **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.34

⁴² MACEDO, Francisco R. de. Arquitetura Luso-Brasileira. In: WEIMER. Op.cit., p.72.

⁴³ CENNI. Op.cit., p.131.

conseguidas trabalhando em pequenos moinhos da redondeza, Germani uma pequena área de terra nos arredores de Caxias, que viria a se constituir num centro de irradiação e aperfeiçoamento técnico do plantio e da industrialização do trigo. Seu moinho era hidráulico e o único, em 1910, a ser iluminado por energia elétrica.⁴⁴

Também curioso e significativo é o retrato que a historiadora Heloisa D. Eberle Bergamaschi faz da atividade desenvolvida por Abramo Eberle, fundador, ainda em 1896, da Metalúrgica Eberle. Ela conta que os lucros com comercializações feitas por seu avô, aplicados na indústria, foram fundamentais para impulsionar a empresa. Igualmente demonstra como a chegada da linha férrea e da energia elétrica, em Caxias do Sul, por exemplo, permitiu o progresso do negócio. A autora explica que:

Em 1910 a sede da antiga Colônia de Caxias se torna vila e recebe a linha férrea. Agora, a comercialização dos produtos regionais bem como a aquisição de matérias-primas são feitas mais intensamente com outros centros comerciais. Com o comércio e as comunicações facilitadas, o desenvolvimento aumenta da região. O negócio de Abramo também é beneficiado. A partir de 1913, com a instalação da energia elétrica em Caxias a empresa pode ampliar a sua produção. Compra motores elétricos (1915), constrói novos pavilhões, aumenta o número de empregados. Cresce a região cresce a empresa.⁴⁵

Na trilogia apresentada por José Clemente Pozenato – “A Cocanha, “O Quatrilho” e “A Babilônia” –, que tem como cenário os primórdios da colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul, igualmente, se constata a presença de personagens que tinham esse perfil empreendedor, e que se utilizavam do capital que amealhavam, de uma forma ou outra, para adquirirem os meios de produção, constituir as empresas e obterem lucros. O personagem Ângelo Gardone, filho de imigrantes, um menino ruivo, nascido no Brasil, quando adulto se envolve numa trama amorosa que resulta na troca de sua esposa pela mulher de um amigo e sócio, consegue, junto de sua nova companheira, obter recursos financeiros e desenvolver a indústria “Productos Alimentícios Gardone”,⁴⁶ a partir de um moinho de cereais. Ele se tornou rico, tanto que exigia que sua nova consorte se vestisse bem, usasse colar de pérolas e bracelete de ouro, pois “não deviam parecer

⁴⁴ CENNI, Op.cit., p.174.

⁴⁵ BERGAMASCHI, Heloísa D. Eberle. A Eberle: uma indústria metalúrgica. In: **Coletânea CCHA: cultura e saber**. Caxias do Sul: UCS, 1998, p. 30.

⁴⁶ POZENATO, José Clemente. **A Babilônia**. Caxias do Sul: Maneco, 2006(b), p. 33.

miseráveis”.⁴⁷ Esse personagem carrega em si o perfil do “capitalista” entendido como aquele que progride economicamente através do seu trabalho e do acúmulo de capital, nem sempre obtido de forma lícita.

A importância do trem, ao realizar o transporte mais rápido e seguro das pessoas e das mercadorias, é ímpar, nas transformações que se verificaram com a chegada dos migrantes na RCI, pois permitiu a melhoria nas ligações entre os pequenos núcleos urbanos e entrepostos comerciais, fazendo com que circulassem as riquezas, se divulgassem as notícias e se difundissem as novas técnicas. Sobre esse tema, cabe transcrever o que menciona o escritor Franco Cenni:

O ano de 1910 torna-se decisivo para a viticultura da zona do nordeste sul rio-grandense, com a inauguração da estrada de ferro Montenegro-Caxias do Sul, que permitia a ligação direta da região com Porto Alegre, eliminando o transporte em carretas até os portos fluviais de Caí e Montenegro. Estabelecido um contato direto entre as praças produtoras e consumidoras, o viticultor dedicou-se com novo alento ao seu trabalho, plantando nas derrubadas antigas, transformando novas parcelas de florestas em coivaras para o cultivo do milho ou do trigo.⁴⁸

A respeito do desenvolvimento de Caxias do Sul, principal centro econômico da RCI, e da repercussão do uso de novas tecnologias que se incorporavam ao dia-a-dia dos imigrantes, ainda, cumpre trazer à baila a síntese feita pela professora Vânia B. M. Herédia:

O acúmulo de capital por parte dos comerciantes, que se expandiu a partir de 1910 com a construção da ferrovia, com a emancipação do município e com a instalação elétrica em 1913, favoreceu a expansão das indústrias, acrescida do clima de necessidade de substituição às importações decorrentes da Primeira Guerra Mundial.⁴⁹

Enfim, constata-se que a transformação ocorrida na Região de Colonização Italiana, desde a chegada dos primeiros imigrantes, até os primórdios da Segunda Guerra Mundial – período da ambientação dos romances utilizado por José Clemente Pozenato como pano de fundo para a sua trilogia –, é enorme e muito rápido. Isso é enaltecido pelo pesquisador italiano Mario Sabbatini que assim descreve esse momento histórico:

⁴⁷ POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. 16.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001(c). p. 203.

⁴⁸ CENNI. Op.cit. p.159.

⁴⁹ HERÉDIA, Vânia B. M. **Processo de industrialização da Zona Italiana**: estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.p.60.

*[...] in circa mezzo secolo (1875 - 1930), durante il quale si realizza il passaggio da un'economia agricola fondamentale di sussistenza, tipica della fase degli insediamenti 'coloniali', ad un'economia agricola commercializzata in cui nascono anche le prime industrie.*⁵⁰

O veloz desenvolvimento da região decorre do contato que os imigrantes italianos e seus descendentes puderam ter com os seus vizinhos alemães, com os colonizadores portugueses, com a Capital da Província e até com São Paulo, mas principalmente porque traziam consigo uma enorme bagagem cultural, sabiam cultivar a terra e extrair dela o que precisavam para sobreviver, tinham conhecimentos de técnicas de plantio, marcenaria, cutelaria, culinária, entre seus fazeres e saberes.

⁵⁰ “[...] em cerca de meio século (1875 – 1930), durante o qual se realiza a passagem de um economia agrícola fundamentalmente de subsistência, típica da fase dos assentamentos ‘coloniais’, a uma economia agrícola comercializada na qual nascem também as primeiras indústrias”. In: SABBATINI, Mario. **La regione di colonizzazione italiana in Rio Grande do Sul**: gli insediamenti nelle aree rurali. Firenze: Cultura Cooperativa Editrice, 1975, p. 13.

2 A CASA DO IMIGRANTE ITALIANO

2.1 O Homem Transformando a Natureza

O abrigo sempre foi uma necessidade básica do homem. O homem primitivo buscou resguardo nas copas das árvores, depois nas cavernas. Quando começou a cultivar, fixou-se nos espaços e passou a construir abrigos mais definitivos com os materiais disponíveis na natureza, como o barro, a madeira e a pedra. Aos poucos, criou o seu espaço de habitar, dividindo os cômodos, conforme as suas funções (cozinhar, dormir, receber visitas), espaço este chamado de casa, que também tem o sentido de caverna. E a casa do homem diverge conforme a sua localização e o seu uso: o esquimó, por exemplo, constrói o seu abrigo diferentemente do que o índio que habita nas florestas. Cada civilização edifica o seu espaço de habitar conforme o meio em que vive, as suas necessidades e a sua cultura.

Ao examinar o conceito de Cultura observa-se que o termo tem origem latina (*colere*, cultivar ou instruir; *cultus*, cultivo, instrução) e vem sendo ampliado, transformado ao longo de décadas por antropólogos, historiadores e intelectuais em geral. Segundo a filósofa Chauí, dois são os significados iniciais da noção de Cultura. O primeiro expressa o cuidado do homem com a Natureza (agricultura), o cuidado do homem com os deuses (culto) e, ainda, o cuidado do homem com as crianças, com a sua formação e a sua educação (puericultura). O segundo, a partir do século XVIII, passa a significar os resultados daquela formação ou educação dos seres humanos, expressos em obras, ou seja, torna-se sinônimo de Civilização.¹

O antropólogo Laraia afirma que o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade, a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações e que Edward Tylor sintetizou os dois termos no vocábulo inglês *Culture*, na sua obra *Primitive Culture* de 1871:

¹ CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1996, p. 292.

A cultura ou civilização, entendida no seu estilo etnográfico amplo, é conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e toda a demais capacidade ou hábito adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade.²

Essa definição foi utilizada por décadas pelos antropólogos. Mais tarde, contudo, outros estudiosos, como Marconi e Presotto, afirmaram que a Cultura pode ser analisada sob vários aspectos ao mesmo tempo, dentre eles: idéias, crenças, valores, normas, atitudes, padrões de conduta, abstração de comportamentos, instituições, técnicas e artefatos.³ Isto é, o conceito de cultura passou a ser multifacetado, denso, fluido, tanto que Laplatine assim trata do tema:

É difícil dar uma definição que seja absolutamente satisfatória da cultura [...]. Propomos esta: a cultura é um conjunto dos comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem e transmitidas ao conjunto de seus membros.⁴

Por sua vez, Berruto, sociolinguísta italiano, refere que Cultura é o conjunto de hábitos, de valores, de atitudes, de posicionamentos, de comportamentos, de ideologias e de recursos instrumentais elaborados por uma determinada sociedade; em síntese, é o repertório de soluções com que uma comunidade organiza a própria vida sobre a terra.⁵ A partir dessas noções, pode-se chegar a um conceito de Cultura que integra o Homem e a Natureza. Laraia cita que, tradicionalmente, dizia-se que os humanos diferem da Natureza graças à linguagem e a ação por liberdade, afirma que “a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral.”⁶

Ainda, para muitos antropólogos a diferença entre Homem-Natureza surge quando os homens decretam leis – como a lei da proibição do incesto⁷ – que,

² LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Um conceito antropológico. 11.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 25.

³ MARCONI, Mariade; PRESOTTO, Zélia M. N. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2001, p.45.

⁴ LAPLATINE, François. **Aprender Antropologia**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.120.

⁵ BERRUTO, Gaetano; BERRETA, Mônica. **Lezioni di sociolinguistica e linguistica applicata**. Napoli: Linguori, 1980, p.19.

⁶ LARAIA. Op.cit., p.53.

⁷ “Claude Levi-Strauss, o mais destacado antropólogo francês, considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma - o incesto, que proíbe a relação sexual de um homem com a sua mãe, sua filha ou irmã.” In: LARAIA. Op.cit., p. 56

quando transgredidas, podem causar a ruína do indivíduo e da comunidade. No romance “O Quatrilho” é possível observar uma lei que, embora não estivesse escrita, regia a conduta das famílias na época. A norma determinava que por ocasião do casamento de um filho, o mais velho, se estivesse residindo na casa paterna e utilizando as mesmas terras, deveria procurar uma nova colônia, caso a existente não fosse suficiente para a manutenção das famílias. Essa norma era assim descrita pelo narrador: “A colônia era pequena, não dava para todos. O mais velho teria que ser o primeiro a procurar outro pedaço de terra. Era lei.”⁸

Outra lei, positivada, ou seja, expressa no ordenamento jurídico e não meramente costumeira, aparece no romance “A babilônia”, que trata da transmissão de bens. Na época em que se passa trama do romance, durante as décadas de 1930 e 1940, de acordo com as leis brasileiras, com o falecimento de um dos cônjuges, os bens seriam divididos, metade para o viúvo ou viúva (meação), e o restante para os filhos legítimos (herança), caso não houvesse testamento.

Com o falecimento de Ângelo Gardone, que vivia maritalmente com Pierina, mas era casado com Teresa – que fugiu com o sócio Máximo Boschini –, se estabeleceu uma discussão com relação a quem ficariam com os bens deixados pelo falecido – a indústria e a casa, onde vivia Pierina, dentre outros –. Como o único casamento legal do falecido era com Teresa e a única filha legítima era Rosa, elas é que ficariam com os bens. Assim, Máximo Segundo Boschini, filho de Pierina e Máximo, do tempo em que eles eram casados, busca, com o advogado da família, uma solução para não perder o patrimônio do padrasto, e é aconselhado a se casar com Rosa:

- Doutor Alfredo. Espero que traga boas notícias.
- Não há boas notícias sem más notícias – rio o advogado, sentando e abrindo a pasta de documentos. – Por onde começamos?
- Quero saber da herança.
- O falecido não fez disposições de última vontade. Quer dizer, não deixou testamento. De modo que só temos a lei para seguir. As regras da partilha estão em lei. **A herança fica para os herdeiros legítimos.**
- Trocando em miúdos, como fica?
- É complicado. A sua família é um caso atípico. – Abriu um largo sorriso, como se estivesse fazendo um elogio. – A dona Pierina, por exemplo. Não é cônjuge. Nem ela seria herdeira. A herdeira seria a outra, a cônjuge legítima...
- Teresa Besana Gardone.
- Isso. Com os filhos também é a mesma coisa. O senhor, por exemplo, não é filho do falecido...

⁸ POZENATO. Op.cit. (c), p.62.

– Não, mas é como se fosse. Sempre fui tratado por ele como filho.⁹ (grifo nosso).

As normas que tratam da sucessão hereditária, originada do direito romano, prevista nas leis brasileiras, então, refletem a cultura e os valores daquele tempo, que por ter no casamento uma união indissolúvel e que deveria ser sempre respeitada, não reconhecia direitos para as concubinas e filhos bastardos. Atualmente, com a mudança comportamental e cultural, a legislação, que não tem como se dissociar da realidade, mudou, permitindo que filhos, legítimos ou não, bem como, os companheiros e companheiras, mesmo que não casados, possam receber bens por herança.

A lei humana é um imperativo social que organiza a ordem dos indivíduos; não é uma simples proibição para certas coisas e obrigação para outras, mas é a afirmação de que o homem é capaz de criar uma ordem de existência que não é simplesmente natural, ou seja, física e biológica. Esta é uma ordem simbólica. Então, quando o homem transforma a natureza, ele lhe atribui significados.

Quando é dito que a Cultura é uma invenção de ordem simbólica, entende-se que por ela e por ela os humanos atribuem à realidade significações novas por meio das quais são capazes de se relacionar com o ausente: pela palavra, pela diferenciação do tempo (passado, presente futuro) pela diferenciação do espaço (grande, pequeno, alto, baixo), pelo trabalho (transformação da Natureza).¹⁰

A transformação da natureza pode ser observada quando os povos de uma determinada região migram para outra, constroem, adaptando as suas moradas às condições no novo local de assentamento. Com os migrantes italianos não foi diferente. Esses, assim como muitos povos, foram obrigados a deixar a pátria-mãe em busca de outras alternativas para sobreviver. Ao se estabelecerem, no segundo quartel do século XIX, os imigrantes italianos que vieram ao Rio Grande do Sul, trouxeram uma bagagem que não fica reduzida à mala ou ao baú, contendo ferramentas, algumas peças de roupas, sementes e uns poucos livros. Trouxeram consigo, além das coisas visíveis, o invisível – a sua Cultura – que se tornou

⁹ POZENATO. Op.cit. (b), p. 223-224.

¹⁰ CHAUI. Op.cit., p.294.

aparente e presente, entre outros aspectos, através do seu modo de vestir, trabalhar e habitar.¹¹

O fenômeno imigratório não significou a mera transferência ou a importação dos modelos culturais existentes na Europa peninsular; os imigrantes recriaram na Região Colonial Italiana o seu próprio estilo de vida, embasados na cultura que possuíam. Nesse sentido,

Poder-se-ia falar da vida italiana na Itália e dizer que esta forma de vida, hoje está presente em muitas partes do mundo. Mas se olharmos para a Itália e para o Rio Grande do Sul, podemos falar da cultura italiana do Rio Grande do Sul [...]. Os agricultores aqui chegados trouxeram consigo a esperança de fazer sua caminhada, de organizar sua família, de contribuir com o seu trabalho para a formação de uma nova cultura. Não implantaram aqui um pouco da Itália, mas deram ao Rio Grande do Sul a marca de sua dedicação à terra, de seu espírito societário, de sua fé, de sua alegria de viver que os tornou “os italianos do Rio Grande do Sul”, com vida, costumes e tradições próprias.¹²

Na sua maioria os imigrantes italianos eram camponeses, de pouca instrução e pobres. Alguns tinham uma profissão, como carpinteiros, funileiros, ferreiros. Podiam não ter posses, porém carregavam consigo a sua cultura, o seu *modus vivendi*, o que foi um fator diferencial para o um rápido progresso. Sabiam aproveitar e transformar aquilo que a natureza lhes oferecia. Comumente,

[...] a força motriz que determina o progresso histórico assim postulado é geralmente considerada de natureza econômica e ecológica. As sociedades humanas modificam o seu ambiente, à medida que se desenvolvem e adaptam-se a essas modificações¹³.

A construção de uma casa, do seu mobiliário, é uma manifestação cultural; se constitui numa criação, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelo homem. O imigrante italiano, além do sonho da posse da terra, tinha o desejo de construir o seu lar, e assim o fez. Sendo proprietário da sua terra, podia edificar sobre tal território, a casa, os fornos, os abrigos para os animais e, imbuídos pelo

¹¹ FILIPPON, Maria Isabel; MENEGUZ, Sílvia regina Facchin. Humanismo latino e o padrão estético: portas e janelas na arquitetura dos imigrantes italianos em Monte Belo do Sul – do prático ao iconográfico. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; DAL RI, Júnior Arno; PAVIANI, Jayme. (Orgs.). **As interfaces do Humanismo Latino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

¹² COSTA, Rovílio, apud POSENATO. Op.cit.(a), p.38.

¹³ ENCICLOPÉDIA EINAUDI. v.5 . **Anthropos-Homem**. Porto: Imprensa Nacional 1984 -1997, p.115.

espírito societário, também os capitéis, as capelas, criando um cenário que expressava a sua cultura. A designer Nojima afirma que:

Toda a produção humana é orientada, desde o início de sua existência, pelo princípio da ação do HOMO FABER ao meio que ele vem transformando, segundo a dimensão do seu sonho, pois o homem sempre foi, e será capaz, de gerar o que é necessário para dar a seus sonhos a potência e a precisão próprias da realidade e, de outro lado, impor a esta realidade alterações crescentes que a aproximem dos seus sonhos.¹⁴

A casa foi, sem dúvida, um sonho que se tornou em realidade no universo da colônia. O imigrante italiano, ao construir a sua casa, além de atender a uma necessidade básica, de abrigo, agrega em si um símbolo que revela, além do *status* social do seu proprietário, a sua cultura. É exatamente o que reverbera Cuche, quando sentencia: “A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza.”¹⁵

2.2 A Linguagem do Espaço de Habitar

O homem é um ser que fala e a palavra se constitui na senha de entrada para o mundo humano. É através da linguagem verbal que o homem expressa suas idéias e seus conceitos. A linguagem “é um sistema simbólico e o homem é o único animal com a capacidade de criar símbolos”.¹⁶ Os símbolos são signos arbitrários e convencionais. Assim, por exemplo, a designação de determinado objeto pela palavra CASA resulta de um ato arbitrário, convencional e aceito pela sociedade que utiliza a Língua Portuguesa. A partir deste enfoque, a linguagem também pode ser conceituada como “um sistema de representações aceitas por um grupo social que possibilita comunicação entre os integrantes desse mesmo grupo”.¹⁷

No momento em que nós, todos os seres que falam determinada Língua, damos nome a qualquer objeto, o individualizamos, o diferenciamos do resto que o

¹⁴ NOJIMA, Vera Lúcia. O homem, seus objetos e a comunicação **In**: CONTO, Maria de Souza. **Formas de Design**. Rio de Janeiro: PUC RJ, 2004, p.13.

¹⁵ CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999, p.10.

¹⁶ ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofando**: Introdução à Filosofia 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993, p.28.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

cerca. A linguagem é o produto da razão e só pode existir onde há racionalidade. Através das palavras, portanto, se torna possível a transmissão do conhecimento, e a linguagem é, por isso, um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural. Muitos são os tipos de linguagens criadas pelo homem, entre elas a da matemática, da informática, das línguas, das artes (arquitetura, música, pintura, escultura, teatro, cinema, moda), etc. O repertório, as regras de combinação e de uso dos signos, em cada uma das diferentes linguagens, pode ser mais ou menos flexível. Ainda, segundo Aranha,¹⁸ como existem diferentes tipos de linguagem, há diversos tipos de pensamentos. Existe o pensamento concreto, formado a partir da percepção, da representação de objetos reais, e o pensamento abstrato, que estabelece relações, não visíveis, e cria conceitos.

A Língua, então, é um sistema de signos simbólicos, formada pelo pensamento abstrato, pois possibilita transcender da realidade e construir um mundo de idéias. Cada Língua possui uma estrutura própria, em nível de repertório e regras de combinação e uso. As linguagens artísticas, no entanto, são mais adequadas ao pensamento concreto. O universo humano também é simbólico, e o signo relaciona-se com o objeto de forma a explicá-lo. Assim, na tentativa de expressar para uma criança o que é uma casa, se pode utilizar o desenho de uma moradia, utilizando o pensamento concreto, artístico, para definir o que significa casa. O desenho, signo, composto por paredes, aberturas e telhado, se legível, seria suficiente para a criança entender o objeto.

A Arquitetura, enquanto linguagem, apresenta-se não apenas como uma manifestação artística, pois depende das condições materiais, e excluir os aspectos econômicos, históricos e geográficos dentro dos quais ela se desenvolveu implicaria não compreender seu significado e sua própria razão de ser. Sobre isso, o importante arquiteto brasileiro, Lúcio Costa, sentenciou que “em arquitetura existem três problemas intimamente relacionados, o técnico, o social e o plástico”.¹⁹ Ou seja, as edificações erguidas em determinada comunidade – por não se construírem numa mera obra tecnicamente efetuada, que segue padrões estéticos de seus idealizadores, mas por também estar inserida em determinado meio –, revelam o modo de viver, de pensar, de agir, desse grupo social, enfim, a sua Cultura.

¹⁸ ARANHA. Op.cit., p.31.

¹⁹ BRUAND, Yves. **A arquitetura contemporânea no Brasil**. 2.ed.São Paulo: Perspectiva, 1991, p.120.

Tedeschi, teórico da arquitetura, explicita que a Natureza, Sociedade e Arte são todos os argumentos necessários ao trabalho do arquiteto. Como elementos da Natureza são considerados a paisagem natural, o terreno, a vegetação, o clima. Como Sociedade, o uso físico e suas funções, o uso psicológico e as emoções, o uso social, a técnica, a economia, o programa de necessidades e a metodologia de projeto. E como Arte, o autor indica a forma, a plástica, a escala, o espaço, o gosto e a personalidade.²⁰ Levando em conta todos esses aspectos que deveriam ser seguidos pelo arquiteto, a questão que se impõe é: qual seria a linguagem mais adequada para representar os espaços, especificamente, o espaço de habitar? Seriam suficientes as representações concretas, artísticas, ou há outros modos de representação capazes de revelar o espaço de habitar?

Comumente, no mundo da tecnologia, os espaços, como a casa, são representados a partir de uma imagem. Os registros das imagens são feitos de várias formas: pode ser fotográfica; gráfica, através do desenho das suas plantas-baixas, das fachadas e dos cortes; e por desenhos livres das normas técnicas, como um croqui feito à mão. Ultimamente, com o auxílio do computador, é possível simular os ambientes que serão construídos e até “penetrar” nos ambientes futuros. Ou seja, as edificações são representadas através de imagens; podemos ver fotos destas casas, desenhos, representações próprias do pensamento concreto desenvolvidas pelas artes. Entretanto, seriam suficientes tais imagens para garantir uma ampla representação do espaço de habitar? A representação gráfica e fotográfica do espaço garantirá uma análise objetiva do edifício, da sua forma, da sua dimensão e do seu uso. Todavia, parecem ser insuficientes para interpretar a subjetividade do espaço. Sendo assim, como desvelar os valores afetivos do espaço de habitar?

A resposta pode advir da representação não-concreta do objeto, proporcionado pela Língua. Como vimos anteriormente, a Língua é formada por um pensamento abstrato e possibilita “construir” as idéias, representar uma realidade. Segundo Rajagopalan “a idéia de que a função principal e imprescindível da linguagem, ou seja, a de representar o mundo está muito fortemente arraigada entre nós e escancaradamente presente em quase todas as teorias lingüísticas”.²¹ Ele também confirma que as sentenças declarativas desempenham, em uma língua,

²⁰ TEDESCHI, Enrico. **Teoría de la arquitectura**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1981, p.28.

²¹ RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola, 2003, p.29.

sempre a sua função central: a de representar o mundo. Dessa maneira, busca-se nos textos a representação abstrata, subjetiva do espaço de habitar.

Assim, nesta investigação, a linguagem é conceituada, como representação, como significado que pode ser atribuído a uma determinada manifestação cultural, e não apenas como a faculdade que o homem possui para comunicar os seus pensamentos, seja através da língua ou por meio de outros signos. A expressão, a linguagem do espaço de habitar significa o que “moradia” pode representar tanto nos aspectos concretos (objetivos) quanto nos abstratos (subjetivos). A casa é objetivamente o abrigo, mas inclui também uma visão subjetiva, incorporal, imaterial; a casa representa o abrigo, o corpo, e também o ninho, a alma.²²

Na busca de todos estes aspectos, a fim de compreender a totalidade do significado de habitar, é inicialmente estudado, a partir de textos descritivos, o espaço de habitar do imigrante italiano, para posteriormente avançar na análise dos textos literários, que compõem o *corpus* deste trabalho.

2.3 O Espaço de Habitar do Imigrante Italiano

O imigrante italiano construiu a sua casa própria ao se instalar em terras sul-rio-grandenses. Porém, o primeiro abrigo foram os barracões de madeira que abrigavam várias famílias. Ficavam ali instalados até construírem as suas moradias definitivas. Esta situação é assim referida pelo narrador de “A Cocanha”: “O barracão era agora um reino de mulheres e crianças, ao menos enquanto não chegasse outra leva de imigrantes. A maioria dos homens tinha seguido para o mato, para derrubar árvores e erguer a primeira casinha de madeira”.²³

No país de origem, o imigrante italiano morava em edificações que abrigavam várias famílias, agora, no seu novo habitat, as casas seriam construídas individualmente para cada família. Ou seja, o modo como ocorreu o assentamento das casas nas áreas rurais da RCI constitui-se de maneira diversa do que havia na Itália. A este respeito, Júlio Posenato arquiteto e pesquisador, pioneiro no estudo da habitação imigrante italiano explica:

²² BACHELARD. Op.cit., p.78.

²³ POZENATO. Op.cit.(a), p.125.

Em relação à arquitetura rural do norte italiano da época da imigração, guarda uma relação – e não transposição – inequívoca sob o ponto de vista construtivo, porém quanto à organização dos espaços verifica-se um antagonismo: na Itália, geralmente todas as funções aglomeravam-se numa só edificação, em aldeias rurais, e no Brasil, a cada atividade corresponde sua própria construção, no próprio lote de cada colono.²⁴

Instalados primeiramente em um barracão, os imigrantes traçavam seus planos para o futuro, para o momento em que a iriam se transferir para a nova casa. Na obra ficcional, acima citada, o narrador assim se refere às expectativas dos recém-chegados, quanto ao sistema de assentamento, ao qual seriam sujeitos:

Rosa Gardone sentou-se à janela da rua, com sua agulha de crochê e seus pensamentos. Sentia-se dividida. Ansiava ir logo para própria casa, onde teria o filho e, enfim, a vida que sonhara com Aurélio. Mas tinha receios, também. O maior deles, pensava, era a solidão em que iriam ficar. Nunca tinha vivido só, longe dos outros. Na Itália, os vizinhos eram tão próximos que eram quase parte da família até para os mexericos. [...] O tempo todo, desde que decidiram vir para a América, ela imaginara que iam morar em pequenos povoados e vilas, como os *paesi* da Itália, onde todos moravam juntos e de onde saíam para trabalhar nos campos ao redor. Fora uma tola. Já no dia da chegada, quando viu as casas de colonos à beira da estrada, descobrira que não havia povoados. As casas eram isoladas, distantes umas das outras. Mesmo gritando, no caso de uma necessidade, o vizinho mais próximo não iria ouvir.²⁵

Quanto aos materiais utilizados na edificação das casas, o historiador Thales de Azevedo cita que as primeiras edificações foram feitas de taquara e barro,²⁶ técnica mais rudimentar utilizada para construções de abrigos. Havia abundância de madeira e de basalto na região e o imigrante italiano dominava com maestria o uso da pedra para a construção,²⁷ uma vez que era originário de regiões onde a pedra era utilizada como principal material das edificações. O domínio do emprego da madeira nas construções foi sendo adquirido pelo imigrante através da experiência, da sua capacidade de adaptação ao meio e da introdução de tecnologias como o uso de serras.

Na obra “A Cocanha”, a propósito, se lê uma descrição do modo como a madeira das árvores nativas era trabalhada pelos imigrantes:

²⁴ POSENATO. Op.cit.,(a) p.174.

²⁵ Idem, p.125.

²⁶ AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975, p. 172.

²⁷ BERTUSSI, Paulo Iroquez. Elementos de arquitetura da imigração italiana. In: WEIMER, Gunter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987, p.127.

Ao cabo de uma hora, o pinheiro está descascado igual a um grande palito. O velho Nicola desdobra o metro e mede as toras. Dois metros e vinte para as tábuas de parede, sessenta centímetros para as tabuinhas do telhado. Bépi e Antônio pegam o serrote com entusiasmo. Mas em pouco tempo baixam os braços exaustos. – Que pesado! parece que a madeira prende a serra – reclama Bépi. Nicola ri. Eles têm ainda muito a aprender: manter o serrote no prumo, usar as cunhas depois de a lâmina penetrar na madeira.²⁸

O imigrante construiu as suas casas, utilizando os materiais que a natureza dispunha: o bambu, o basalto e a madeira. Encontra-se aqui um exemplo de aculturação: diante da natureza, o homem, utilizando a sua bagagem cultural, transforma os elementos da natureza para construir a sua morada, a sua proteção. A esse respeito Thales de Azevedo afirma que:

[...] tanto no material empregado na edificação quanto no partido das habitações rurais e do terreno, os colonos combinaram elementos de sua cultura do país de origem com elementos do novo meio natural e da sociedade nacional com a qual veio integrar-se”.²⁹

Trata-se de um exemplo de arquitetura vernacular, definida por Carlos Lemos como:

A arquitetura feita pelo povo, por uma sociedade qualquer, com seu limitado repertório de conhecimentos num meio ambiente definido, que fornece determinados materiais ou recursos em condições climáticas bem características. Com o seu próprio e exclusivo “saber fazer” essa sociedade providencia suas construções, suas casas, satisfazendo a peculiares necessidades expressas em programas caracterizados por próprios e únicos usos e costumes. A casa vernácula é, portanto, uma expressão cultural. Só pode ser daquele povo e daquele sítio. É uma arquitetura que percorre gerações. É funcional. Está fora dessas questões ligadas a estilos arquitetônicos. É a oca do índio brasileiro, é o iglu esquimó, é a tenda árabe [...]. Quase sempre a casa é rural, porque a arquitetura erudita, com seus estilos e modismos, instala-se inicialmente nas cidades.³⁰

Essa genuína arquitetura vernacular guardava em si, tanto nas casas do meio rural, quanto nos primeiros núcleos urbanos – construídas primeiro em madeira e pedra e posteriormente em alvenaria de tijolos –, proporções, como a relação entre as suas três dimensões, largura, altura e profundidade, presentes nas esquadrias, na inclinação dos telhados, que confirmava, por parte destes construtores, um domínio de técnicas construtivas e de conhecimentos de geometria.

²⁸ POZENATO. Op.cit.(a), p.140.

²⁹ AZEVEDO. Op.cit., p.176.

³⁰ LEMOS, Carlos. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996, p.14.

Thales de Azevedo aponta que, sobretudo nas casas urbanas, o imigrante utilizou “o plano de disposição e de uso dos espaços, bem como certas técnicas construtivas tão antigas a ponto de já serem conhecidas de Vitruvius,³¹ como a do corte e da disposição dos blocos de pedra nos muros e alicerces.”³² Os conhecidos atributos vitruvianos da arquitetura são: *utilitas*, *firmitas* e *venustas* (utilidade, solidez e beleza).³³ Essas três características são visíveis em todas as casas construídas pelos imigrantes italianos, sobretudo, no período que pospôs as suas instalações provisórias.

Em uma definição clássica, apresentada por Aurélio Buarque de Holanda, a casa é tida como edifício de um ou poucos andares, destinado, geralmente a habitação, morada, vivenda, lar, família.³⁴ E, de fato, a imagem da casa está associada à família, tanto que o imigrante italiano construiu a sua com o objetivo maior de abrigar a sua família, com o intuito de construir um lar, como se percebe pela descrição feitas por Gutierrez, arquiteta e historiadora gaúcha:

Na propriedade, a casa, assim chamada consistia no prédio erguido com o acabamento mais esmerado e maior volume. Usualmente, possuía três pavimentos, que correspondiam, respectivamente, aos três setores: o porão, a ala residencial e o sótão. O porão podia ocupar todo o subsolo, ou parte deste, o pavimento térreo ou até situar-se isoladamente. Tanto nas casas rurais como nas urbanas, o mais comum era o aproveitamento das encostas, para no sentido transversal serem implantadas as moradias [...] Erguidos quase sempre de alvenaria de pedras alguns porões com ventilação quase sempre permanente, orientados na direção sul. No pavimento térreo, o acesso dava-se por uma porta ampla de duas folhas, que conduziam à sala de visitas, conhecida como *saloto*, e simetricamente ladeada pelos quartos de dormir. [...] Acima dos quartos ficava o sótão. Normalmente sem forro, contava com pé-direito baixo e aberturas pequenas. Nessas condições, o sótão conservava um ar quente e seco, adequado à conservação dos cereais que ali eram guardados. [...] Próxima à residência, em alguns casos, ligada por uma pequena cobertura, situava-se a cozinha, que servia de estar, lugar de convívio antes e depois das refeições.³⁵

³¹ Marcus Vitruvius Pollio, arquiteto romano e teórico, serviu a Júlio César (46 a.C.), escreveu um tratado de arquitetura em dez volumes *De architectura*, não reconhecido na sua época mas que exerceu enorme influência na renascença primitiva, sendo considerado o *vademacum* para todos os arquitetos. In: FLEMING, Jonh. **Dicionário Enciclopédico de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977, p.261.

³² AZEVEDO. Op.cit., p.177.

³³ FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.5.

³⁴ HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004, p.362.

³⁵ GUTIERREZ, Éster. **Arquitetura e assentamentos ítalo-gaúchos 1875-1914**. Passo Fundo: UPF, 2000, p.47-51.

Adentrando na casa construída pelos imigrantes italianos, verifica-se que um dos espaços mais utilizados, principalmente no seu convívio familiar, certamente era a cozinha. Sobre este *locus*, existem algumas descrições, dentre elas, esta de Júlio Posenato: “a cozinha é uma sala singela, com o fogo de chão de um lado, sobre o qual pende uma corrente do teto, para sustentar as panelas. Rodeando o fogo, bancos ou cadeiras reuniam a família e os vizinhos para orações e conversas”.³⁶ O referido pesquisador cita também um texto de Ducatti Neto, que assim descreve esse espaço doméstico:

No interior de uma cozinha de madeira, ligada à casa principal por uma passarela, na parte dos fundos, há um fogão de terra batida com cerca de dois metros quadrados de área, no centro do qual arde um bom fogo. Ao redor do fogão, encostados às paredes da cozinha, há bancos para que as pessoas de casa possam se assentar e aquecerem-se, exceto na parte da frente, reservada à cozinheira. Uma corrente de ferro pende do teto até o centro do fogão e nele são dependuradas as panelas contendo feijão, a carne, ou mesmo a água para o café ou o chimarrão, para todas as coisas, enfim, que se deseja cozinhar ou ferver. À noite quando faz frio, as pessoas de casa reúnem-se à roda do fogo até altas horas para comer pinhões, tomar mate e conversar.³⁷

Na obra de ficção “O Quatrilho”, o narrador apresenta a cena de um filó – encontro que se dava no período da noite realizada pelas famílias de determinada comunidade –, ocorrido na casa do personagem Aurélio, em que os vizinhos e amigos se encontram, em torno do “fogolar”, instalado na cozinha, para um momento de lazer.

Aurélio apanhou o baralho alto da prateleira. Fazia bem dez anos que não era usado. Ainda cheirava um pouco a querosene que passara nas cartas, à tarde, para tirar o mofo. Abancou-se da mesa com o velho Cósimo, Beppe e o pai de Teresa. – Os mais novos vão jogar cartas – brincou o velho Cósimo. – Os velhos vão esquentar o reumatismo perto do fogo. O que é que se joga? – O quatrilho - propôs Aurélio. Ângelo, Máximo, mais o Giácomo e o Agostinho, ficaram por ali para apreciar o jogo. As mulheres se acomodaram nos bancos em roda do *fogolar*.³⁸

O arquiteto Paulo Bertussi traça a seguinte descrição da casa do imigrante, focalizando o espaço cozinha e a sua transformação:

³⁶ POSENATO, Júlio. A organização doméstica na Imigração Italiana. In: COSTA, Rovílio. **Antropologia Visual da Imigração Italiana**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976 (b). p.18.

³⁷ DUCATTI, apud POSENATO. Op.cit. (a), p.247.

³⁸ POZENATO. Op.cit.(c)., p.44.

Ao escolher o lote rural para implantar a colônia o imigrante recebia pronta ou fazia a sua pequena casa. [...] Servia, inicialmente para todas as funções: comer, dormir, estar. Ao fazer a casa nova, fosse ela de qualquer natureza, a função da cozinha por muitas vezes continuou sendo na casa primitiva. Esta situação com o decorrer do tempo tomou duas direções diversas. A primeira, poderíamos dizer, acompanhou a evolução dos fogões. Após o fogo de chão do início foram construídos os “Focolaro”, “Focoler” ou “Larin”, assim chamados de acordo com a região de proveniência e que se apresentavam em diversas versões: uma plataforma elevada do chão, tipo caixão raso cheio de terra, ao centro o fogo, mais tarde a plataforma de tijolos provida de coifa e chaminé. No centro em um dos barrotes da cobertura era pendurada a corrente para prender a panela. Em seguida, o fogão de chapa, plataforma de tijolos provida de chapa de ferro sob o qual se fazia o fogo, e finalmente o fogão a lenha e a gás.³⁹

A respeito do uso do fogo nas habitações, o arquiteto Carlos Lemos ensina que também na casa portuguesa o centro de interesse da casa era o fogão, o centro irradiador de calor. Ele afirma que a casa deve ser entendida como um todo, como uma unidade, cuja função abrigo tem a primazia e o resto dela decorre. Prossegue dizendo que:

Principalmente, abrigo do fogo nos diz a história, do fogo aceso visando as divindades, tanto em Roma como na casa do índio; do fogo culinário; do fogo aquecedor nas noites de inverno inclemente. Lar, a pedra onde se acendia o lume desde os tempos romanos passou, em sentido figurativo, a significar a própria moradia. Em Portugal, até há pouco tempo, e no Brasil colonial, sempre se chamou a morada de fogo ou fogão. Qualquer recenseamento dizia que determinada cidade possuía tantos habitantes e tantos *fogos*.⁴⁰

O uso do fogo por parte do homem, como é sabido, representou uma passagem de nível de cultura; com o uso do fogo o homem passa a comer alimentos cozidos e a dominar técnicas como a confecção de utensílios e ferramentas. Na RCI, especificamente no atual município de Caxias do Sul, o professor Fernando La Salvia, em sua pesquisa sobre habitações subterrâneas, no Rio Grande do Sul, afirma que um grupo de coletores-caçadores instalaram-se nesta região, aproximadamente em 1750 a.C. e erigiram habitações em forma circular escavadas na terra, com cobertura em forma cônica feita de ripas e revestida com palha, tendo sempre a existência de um fogão semi-escavado.⁴¹ No século XX, da era Cristã, o uso do fogão localizado na cozinha dos imigrantes italianos, como fonte de calor, e

³⁹ BERTUSSI. Op.cit., p.125.

⁴⁰ LEMOS. Op.cit., p.11.

⁴¹ LA SAVIA, Fernando. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: WEIMER, Gunter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987, p.125.

elemento agregador do espaço, parece ser tão importante, como para o grupo de coletores e caçadores de outrora.

A casa-habitação, além de ser uma invenção humana para atender uma necessidade física de proteção das intempéries e dos elementos estranhos, apresenta outras finalidades. Para Papanek, “Nascemos no interior, vivemos amamos, criamos nossas famílias, veneramos, trabalhamos envelhecemos e morremos dentro da casa. A arquitetura espelha cada aspecto das nossas vidas - social, econômico e espiritual”.⁴² A casa não existe sem o ser humano, é ele quem confere o seu caráter a sua casa. Como explica o fenomenólogo Bachelard: “na comunhão dinâmica entre o homem e a casa, [...] estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico.”⁴³

A fim de investigar os valores subjetivos da casa, não expressos nas suas representações gráficas, fotográficas e descritivas, busca-se, através dos romances, a revelação desses valores subjetivos da casa. O romance, segundo Bakhtin,⁴⁴ é uma polifonia das vozes, um tipo de narrativa de linguagem múltipla que pode revelar aspectos que uma descrição não alcança. A intenção é, ir além, compreender o significado da morada além dos seus muros, como diz Ludmila Brandão, construir “um texto sobre casas não uma casa sobre textos”.⁴⁵

⁴² PAPANÉK, Victor. **Arquitetura e Design, Ecologia e Ética**. Lisboa: Edições 70. 1995. p.83.

⁴³ BACHELARD. Op.cit., p.62.

⁴⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. A teoria do romance. 4 ed. São Paulo: Unesp, 1998.p.101.

⁴⁵ BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva: matéria, afectos e espaços domésticos**. São Paulo:Perspectiva, 2002.p.17.

3 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO DE HABITAR ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO

3.1 As Categorias de Análise dos Textos Literários

A metodologia adotada neste trabalho é a Análise de Conteúdo que prevê a elaboração de categorias que norteiam a análise e interpretação feita pelo pesquisador do objeto de estudo. Laurence Bardin definiu o método da Análise de Conteúdo como uma hermenêutica controlada.¹ A palavra hermenêutica pode ser entendida como a interpretação de algo; no entanto, tal interpretação, na metodologia proposta, não é feita de modo livre, devendo ser balizada, controlada. Para atingir este controle, neste trabalho foram estabelecidas, dentre as diversas possibilidades existentes, determinadas categorias de análise, procurando contemplar os aspectos objetivos e subjetivos, relativos ao espaço de habitar do imigrante italiano, perfazendo os campos referentes à arquitetura, história e literatura.

Este método apresenta em seus domínios possíveis de aplicação o Icônico e o Lingüístico. Os aspectos lingüísticos são analisados neste capítulo através dos romances “A Cocanha”, “O Quatrilho” e “A babilônia” que constituem o *corpus* deste trabalho. Antes de tratar de cada uma das categorias, vinculadas aos aspectos objetivos, cumpre mencionar que na produção de um romance, conforme Antônio Dimas,² são considerados como componentes da narrativa, dentre outros, o foco narrativo, personagem, estrutura, espaço e tempo. Esses dois últimos, constituem a base da análise proposta nesse estudo.

Para a análise das obras literárias de Pozenato foram eleitas três categorias referentes aos aspectos objetivos: as relações histórico-sociais, os tipos de construção da casa do imigrante e de seus descendentes e as funções do espaço de habitar. Ainda, restaram escolhidas outras três categorias a respeito dos aspectos subjetivos, que são: as relações de poder, as necessidades motivacionais do homem e os valores oníricos.

¹ BARDIN. Op.cit.. p.35.

² DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1994, p.5.

A primeira categoria, sob os aspectos objetivos diz respeito às relações histórico-sociais, podendo ser compreendida através dos estudos de Vitalina Maria Frosi, que identifica quatro fases da evolução do contexto sociolingüístico e econômico³ da RCI. Essas são perfeitamente aplicáveis à arquitetura, uma vez que, tanto a linguagem falada e escrita de um povo, quanto a sua arquitetura, são manifestações culturais decorrentes de uma determinada situação sócio-histórica, política e econômica.

O período de 1875 a 1910, se constitui na primeira fase, em que “o processo foi de translação de cultura italiana esta área geográfica, não de aculturação com a sociedade brasileira. Modos de vida, normas de comportamento, tradições, usos e costumes italianos das províncias de origem foram preservados.”⁴ Ainda sobre este período a pesquisadora afirma:

Os primeiros aglomerados populacionais da RCI formaram-se ao longo das linhas ou travessões e constituíam comunidades de fala, em termos dialetais mistas, salvo algumas exceções. As vias de comunicação eram precárias, o meio físico agreste e hostil e grande foi a luta pela sobrevivência. Esses fatores mantiveram imigrantes e seus descendentes nesse espaço físico, isolado da comunidade brasileira, seja estadual, seja nacional. Formou-se assim, uma sociedade local do tipo vêneto-lombarda, tradicionalista e católica. A vida social e religiosa das pequenas comunidades desenrolou-se em torno das capelas. A capela representou o lugar de encontro não só para a realização do culto religioso mas, também, para a vida social.⁵

A segunda fase do processo sócio-econômico e cultural inicia em 1910, ano em que é inaugurada a estrada de ferro que faz a ligação entre Caxias do Sul e Porto Alegre, e se estende até 1950. Nessa época há prosperidade econômica e maior integração com a comunidade brasileira. Na década de trinta, inclusive, foi proibido, por questões políticas, o uso da fala dialetal italiana. A respeito desta fase, a estudiosa, detalha:

No aspecto econômico, este período é marcado pela comercialização e pela industrialização dos produtos agrícolas. Ao mesmo tempo em que a policultura continua a ser praticada como solução para as necessidades de subsistência, acontece também o cultivo intenso da videira. O vinho torna-se o principal produto, sua industrialização e comercialização rompem as

³ A expressão contexto sociolingüístico e econômico é compreendida, neste trabalho, como sendo contexto sócio-econômico e cultural.

⁴ FROSI. Op.cit.(a), p.37.

⁵ FROSI, Vitalina M. A linguagem oral da região da colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário. (Coord.) et al. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996 (c), p.160.

barreiras de isolamento da RCI. [...] O italiano e seus descendentes adquirem mobilidade geográfica e social, seja através de melhores vias de comunicação, seja pelos contatos comerciais. As pequenas comunidades da RCI se inter-relacionam. [...] A integração com a sociedade brasileira, embora seja lenta é uma fato.⁶

A terceira fase da evolução sócio-econômica e cultural na RCI, inicia em 1950 e se estende até 1975. Algumas características deste período são evidenciadas pela pesquisadora:

No aspecto econômico – a diversificação industrial – metalúrgica, mecânica, eletrônica, têxtil e outras – relega a um segundo plano a industrialização e comercialização do vinho. A RCI, por seu expressivo desenvolvimento econômico, projeta-se no Estado e no País. As vias de comunicação são melhoradas, novas estradas são abertas, a eletrificação chega a todas as comunidades rurais. Em todos os lares, o aparelho de rádio transmite suas mensagens em língua portuguesa.⁷

Nessa fase, também sucede uma alternância dos padrões culturais dos imigrantes italianos e dos seus descendentes:

Nesse, período a fala dialetal e a cultura italiana sofrem um processo de aniquilamento determinado por diversos fatores decorrentes da expansão econômica da RCI. [...] Há anulação de traços importantes na cultura tradicional oral que foram preservados e cultivados nos antecedentes períodos do processo social.⁸

O ano de 1975, alusivo às comemorações do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, marca o início da quarta fase da evolução sócio-econômica e cultural que se estende até os dias de hoje. Segundo a autora, este período:

[...] é marcado pela integração da RCI no contexto brasileiro maior. O crescimento e expansão econômica da região, seu parque industrial, a moderna tecnologia e tudo o que disso decorre instaura e determina uma nova ordem e um novo universo de valores. Novos modelos culturais são introduzidos, principalmente através da televisão, presente em todos os lares, são assimilados e passam a integrar a vida do dia-a-dia. [...] Há anulação da cultura tipicamente italiana, há abandono de usos e costumes italianos, há aniquilamento das formas tradicionais populares da expressão oral, dentre elas, a fala dialetal italiana e os provérbios dialetais italianos. Mesmo nas comunidades rurais, mostra-se a desintegração do patrimônio oral tradicional.⁹

⁶ FROSI, In: MAESTRI. Op.cit. (c), p.161.

⁷ Idem, p.163.

⁸ FROSI. Op.cit. (a), p.39

⁹ FROSI, In: MAESTRI. Op.cit. (c), p.165.

Aqui, no entanto, apesar de se verificar, de fato, a perda de interesse do patrimônio, tanto oral quanto o arquitetônico, por parte dos descendentes italianos, como manifestado por Frosi, observa-se, também, que nas décadas de oitenta e noventa surgem manifestações em sentido contrário, na defesa da manutenção e valorização desse patrimônio cultural. A propósito, é nesse contexto que se inserem os diversos estudos sobre a RCI, que passaram a ser publicados.

Além das fases da evolução do contexto sócio-econômico e cultural da RCI, apresentadas pela pesquisadora Vitalina Frosi, é necessário assinalar que, ao estudar os tipos de construção da casa do imigrante e de seus descendentes no Rio Grande do Sul, o arquiteto Júlio Posenato, estabeleceu, por seu turno, igualmente, quatro períodos no espaço de tempo compreendido entre 1875 a 1960. Ele definiu como primeiro critério de classificação o da expectativa de duração das edificações, ou seja, construções provisórias e permanentes, e o segundo as transformações ocorridas na economia do período.

Posenato, contudo, afirma que: “devido ao seu caráter dinâmico, não podemos estabelecer uma cronologia rígida para nenhum dos períodos arquitetônicos da imigração italiana, tanto os provisórios quanto os permanentes.”¹⁰ Cita como exemplo, que enquanto nas colônias antigas como a de Caxias do Sul já eram utilizados materiais industrializados, como madeira de serrarias e tijolos de olarias, as novas colônias estavam em fase de implantação. Assim, como adverte Posenato, as referências cronológicas podem valer apenas para uma determinada localidade, e ainda, com aproximações arbitrárias, “porque há que levar em conta as situações familiares, o modo de produção dos materiais, a estrutura de transportes, a proximidade ou distância das indústrias de beneficiamento.”¹¹ Não obstante essas colocações, o pesquisador propõe uma classificação, nos seguintes termos:

Cedendo à tentação, estabeleço datas, mas ressalvo imediatamente que se aplicam às colônias antigas, onde se conservou o acervo mais representativo da imigração italiana, e apenas como indicação de uma média: 1 - construções provisórias: primeira década da imigração; 2 - período primitivo: segunda década da imigração; 3 - período de apogeu:

¹⁰ POSENATO. Op.cit.(a), p.96.

¹¹ Idem, ibidem.

desde cerca de 1890 até em torno de 1930; 4 - período tardio: desde cerca de 1930 até fins da década de 1960.¹²

O primeiro período que corresponde aos anos de 1875 a 1880, ciclo das construções Provisórias, correspondeu, segundo o autor, “ao tempo de implantação da sociedade colonial, tanto urbana quanto rural. Com prioridade reservada ao estabelecimento da atividade produtiva, cabia à arquitetura uma atenção residual.”¹³ Já, a arquitetura dita como Permanente é dividida em três ciclos: de 1880 ao início de 1890, o período Primitivo; do final de 1890 a 1930, o período do Apogeu; e de 1930 a 1960, o período Tardio. O pesquisador justifica essa classificação evidenciando os fatores econômicos, e também afirmando que:

[...] a evolução das construções acompanha as mutações de sentimentos da sociedade que as erigem, compreendendo um momento de sedimentação, seguido de uma fase de euforia, à qual sucede o arrefecimento, que por sua vez desemboca na decadência.¹⁴

O período Primitivo¹⁵ corresponde às “edificações que sucederam imediatamente as construções provisórias. Foram erguidas numa época em que o ritmo de vida, já estabelecido, permitiu mais dedicação ao conforto de habitar.”¹⁶ Nesse período,

[...] a área construída das edificações aumentou consideravelmente em relação às construções provisórias. [...] As coberturas, geralmente em quatro águas, se faziam com tabuinhas. Os materiais se preparavam a domicílio artesanalmente. Não havia vidros. A expressão plástica baseou-se no despojamento.¹⁷

O período do Apogeu é definido como sendo o da fartura, proporcionada graças aos fatores indutores de boas safras, como a fertilidade do solo, e ao trabalho intenso na policultura. Havia também pouca circulação de dinheiro e uma reduzida comercialização dos produtos coloniais. Os materiais para a construção,

¹² POSENATO. Op.cit.(a),p.97.

¹³ Idem, p.73.

¹⁴ Idem, p.76.

¹⁵ O nome dado a este período como Primitivo, pode gerar dúvida em relação ao significado da palavra, uma vez que o vocábulo conduz a uma primeira interpretação a um sentido de antiquado, arcaico e atrasado, termos que não correspondem com o significado da arquitetura do período mencionado. O que sugere que o autor tenha utilizado a palavra primitivo referindo-se ao termo como sendo, o primeiro, o original, o que é primeiro a existir.

¹⁶ POSENATO. Op.cit.,(a). p.77.

¹⁷ Idem, p.78.

sobretudo a madeira e a pedra, disponíveis, na natureza, eram abundantes. Tanto os materiais, quanto a mão-de-obra não tinham ainda um valor monetário.

Essa situação refletiu-se nas edificações, nesse período estão as construções de maior porte do ciclo da arquitetura dos imigrantes italianos. Segundo Posenato: “mais do que uma necessidade de dimensionamento, a escala mostra a arquitetura como monumento à auto-afirmação do indivíduo como ser livre e realizado.”¹⁸ As casas apresentavam grandes dimensões, nem sempre refletindo as reais necessidades da família. Como havia abundância de materiais e facilidade de mão-de-obra, não haveria necessidade de economia. Quanto à sua expressão, a arquitetura continua sendo austera, os elementos construtivos são limitados ao essencial, sendo aplicado, por vezes, nas fachadas, alguns singelos ornamentos.

O período Tardio caracteriza-se pela natural integração das comunidades de imigração italiana com a sociedade brasileira. Posenato afirma que “o melhoramento dos transportes e o aprimoramento de vias de escoamento e comércio dos produtos, modificaram a estrutura da vida colonial: paulatinamente trouxe a conotação de custo, surgindo daí, a expectativa de lucro.”¹⁹ A mudança no perfil econômico, provocou algumas alterações nos modos de produção, também na área da construção. O beneficiamento mecânico e industrial dos materiais e a profissionalização da mão-de-obra elevaram os custos das construções, e, conseqüentemente, as casas sofreram uma redução de tamanho em relação ao período do Apogeu. Esse acesso a outros materiais também trouxe alterações, como o uso freqüente de vidro nos caixilhos das janelas e telhas de barro ou ferro galvanizado na cobertura dos telhados, ao invés das tabuinhas de madeira. Para o autor, “diversamente da geração dos pioneiros, a casa não mais significou a auto-afirmação, mas apenas o local para morar.”²⁰

Observa-se, tanto no texto de Frosi quanto no do Posenato, que o movimento cultural parece ser expresso por uma curva ascendente e descendente. Num primeiro momento, aparece a manutenção dos valores oriundos com a imigração italiana, num segundo, a perda ou desprezo dos mesmos, com a valorização apenas do novo e o esquecimento das tradições. Mais adiante, a partir dos anos oitenta, é que surgem manifestações em defesa da manutenção e valorização desse

¹⁸ POSENATO. Op.cit., p.83.

¹⁹ Idem, p.89.

²⁰ Idem, ibidem.

patrimônio cultural, com um olhar crítico sobre a herança cultural deixada pela RCI, no qual este trabalho se insere.

Outra categoria de análise dos aspectos objetivos são as funções do espaço de habitar, procurando focar o uso do espaço doméstico pelo imigrante italiano. Enrico Tedeschi, em seu estudo sobre Teoria da Arquitetura,²¹ explicita que o arquiteto ao projetar deve levar em consideração três itens: a Natureza, a Sociedade e a Arte. Como elementos da Natureza são considerados a paisagem natural, o terreno, a vegetação e o clima. A Sociedade engloba o uso físico do prédio, suas funções, ou seja, para que ele se destina; o uso psicológico, as emoções e sensações; o uso social, referindo-se a técnica e a economia. Como indicativo de Arte o autor refere-se à plástica, à forma, ao gosto, à personalidade e à escala; aponta também, no item Sociedade, a atenção que dever ser dada à metodologia de projeto e à elaboração do programa de necessidades.

A casa brasileira, já foi tema de estudo de alguns teóricos, dentre eles os arquitetos e professores Bittar e Veríssimo que se propuseram a traçar o perfil da transformação da arquitetura e da utilização do espaço da moradia no Brasil, percorrendo um período de 500 anos, isto é, desde a Independência do país até a virada do século XX. A metodologia adotada para essa investigação foi a de passar pela análise de cada um dos setores da casa, configurando-os no tempo e nos espaços urbano e rural, em todas as interdependências com a sociedade brasileira. Os setores analisados são os mesmos apontados por Plazola,²² quando indica que as partes características do programa de uma casa-habitação são classificadas em três grupos: estar, íntimo e de serviço, e que são utilizados comumente nos projetos de residências, elaborados por arquitetos. Conforme os referidos arquitetos, a sala compõe o setor social; os quartos e banheiros, o setor íntimo; e a cozinha, copa, áreas de serviço e alojamento de empregados o setor de serviços. Assim, segundo Bittar e Veríssimo:

Cada setor é analisado cronologicamente, abordando-se o espaço físico e social, verificando-se as suas inter-relações. Em muitas ocasiões, para a compreensão da arquitetura temos que nos valer de outros conhecimentos acessórios como a estética, a antropologia cultural, a sociologia, a história,

²¹ TEDESCHI. Op.cit., p.28.

²² PLAZOLA, Alfredo Cisneros. **Arquitectura habitacional**. México: Editorial Limusa, 1982.p.345.

sem a pretensão de dominar todas estas áreas, mas utilizando-as como ferramentas essenciais.²³

Na elaboração deste estudo, os autores tentam inicialmente conceituar a casa e lançam os seguintes questionamentos: “Mas o que é a casa? É o abrigo? O ninho? O repouso do guerreiro? O local de trabalho? O recanto dos encontros e reencontros? A personalização e identificação fechada de um universo? Um símbolo de *status* ou de refinamento? Uma brincadeira formalista?²⁴ A estas questões apresentam a seguinte resposta: “é de tudo um pouco, a casa, é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa mesma família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora.”²⁵

Para a análise da transformação do espaço de habitar dos imigrantes italianos e seus descendentes, revelada nas obras literárias que compõem o corpus deste trabalho, optou-se por utilizar as funções do espaço de habitar indicadas por Plazola, Bittar e Veríssimo, e reconhecidas no meio profissional dos arquitetos, compondo a categoria: funções do espaço de habitar – íntimo, social, serviço.

As três categorias que abordam a análise dos aspectos subjetivos tratam das relações de poder que se estabelecem entre os personagens das obras literárias em relação ao espaço de habitar, que são entendidas a partir de estudos do filósofo Foucault; as necessidades motivacionais do homem que abrangem desde a sobrevivência até a necessidade estética, segundo o psicólogo Abram Maslow; e os valores oníricos apontados pelo fenomenólogo Gaston Bachelard fazem referência às questões afetivas e inconscientes.

O espaço não poderia deixar de ser analisado também sob a ótica das relações de poder, que necessariamente se estabelecem entre os habitantes desse espaço. Segundo o filósofo Foucault:

Parece-me que, no final do século XVIII, a arquitetura começa a se especializar, ao se articular como os problemas da população, da saúde, do urbanismo. Outrora a arte de construir respondia sobretudo à necessidade de manifestar o poder, a divindade, a força. O palácio e a igreja constituíam as grandes formas, às quais é preciso acrescentar as fortalezas, manifestava-se a força, manifestava-se o soberano, manifestava-se Deus. A

²³ BITTAR e VERÍSSIMO. Op.cit., p.14.

²⁴ Idem, p.21.

²⁵ Idem, ibidem.

arquitetura durante muito tempo se desenvolveu em torno destas exigências. Ora, no final do século XVIII, novos problemas aparecem: trata-se de utilização do espaço para alcançar objetivos econômico-políticos. Aparece uma arquitetura específica. Philippe Áries escreveu coisas que me parecem importantes a respeito da casa, até o século XVIII, continuar sendo um espaço indiferenciado. Existem peças: nelas se dorme, se come, se recebe, pouco importa. Depois, pouco a pouco o espaço se especifica e se torna funcional. [...] Seria preciso fazer uma “história dos espaços” – que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes” – que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat.²⁶

O autor, um dos pioneiros no estudo do poder nas relações humanas, descreveu o poder como um o conjunto de ações de um sujeito sobre o outro.. Num primeiro momento o sujeito é detentor do poder, em outro momento, este mesmo sujeito, sofre a ação do poder. Segundo o pensador:

O exercício do poder é um conjunto de ações sobre ações possíveis; opera sobre o campo da possibilidade ou se inscreve no comportamento dos sujeitos atuantes: incita, induz, seduz, facilita, extrema, constringe ou proíbe de modo absoluto; contudo, sempre é uma maneira de atuar sobre um sujeito atuante ou sobre sujeitos atuantes, conquanto que atuem os sejam suscetíveis em atuar. Um conjunto de ações sobre outras ações.²⁷

Prossegue, ainda, explicando que o poder: “Não é um lugar que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se perde ou se ganha.”²⁸ Na sua visão, o poder se caracteriza como uma prática social:

O exercício do poder não é simplesmente uma relação entre “parceiros” individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros. O que quer dizer, certamente, que não há algo como o “poder” ou o “poder” que existiria globalmente, maciçamente ou em estado difuso, concentrado ou distribuído: só há poder exercido por “uns” sobre os “outros”; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apóia sobre estruturas permanentes.²⁹

Além das relações de poder, referidas por Foucault, a motivação, investigada por Abraham Maslow, é outro fator imprescindível na compreensão do comportamento humano, e o seu estudo pode ser aplicado para a análise dos espaços de habitar. Maslow, que integra o grupo de psicólogos humanistas, aliás,

²⁶ FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002(b), p.212.

²⁷ FOUCAULT, Michel. El sujeto y el poder. **Revista Mexicana de Sociología**, v.2, n.3. jul.set. 1988(c), p.25.

²⁸ FOUCAULT. Op.cit.(b), p.15.

²⁹ FOUCAULT, In: DEYFUS e RABINOW. Op.cit.(a), p.242.

teve na motivação a sua principal preocupação ao estudar a personalidade. Os motivos são as próprias necessidades humanas, as quais, o referido psicólogo hierarquizou em conjuntos, dentre elas: as fisiológicas; de segurança; de amor e pertinência; de estima e estéticas.

As necessidades de fisiológicas contemplam as necessidades de sobrevivência, ou seja, de alimento, de líquido, de descanso. Satisfeitas estas, imediatamente emergem outras. O autor, inclusive, faz um questionamento:

É verdade que o homem vive apenas pelo pão quando não há pão. Mas o que acontece aos desejos do homem quando há abundância de alimento e quando a sua barriga está cheia? Outras necessidades imediatamente emergem, as quais mais do que as necessidades fisiológicas, dominam o organismo. E quando tais necessidades são satisfeitas, outras (ainda mais superiores) surgem, e assim sucessivamente. Isto é o que queremos dizer quando afirmamos que as necessidades básicas do homem estão organizadas numa hierarquia de prepotência relativa.³⁰

A partir do momento em que estão satisfeitas as necessidades fisiológicas, surge a questão da segurança, que consiste na evasão de situações de perigo e recuo diante de condições estranhas, emergindo, portanto, a necessidade da busca por um abrigo. Estando essa a contento, aparece, na hierarquia de Maslow, a necessidade de amor e de pertinência, que revela o desejo de relações afetivas com pessoas de modo geral, e de pertencer a um grupo – seja familiar, social, profissional, religioso. A necessidade seguinte é a de estima, que diz respeito ao valor que o próprio sujeito se dá, ou seja, a auto-estima, e ao reconhecimento do seu valor pelos demais. A necessidade estética, a última da graduação, está presente nos indivíduos que buscam beleza e que rechaçam a feiúra. O autor assim exemplifica:

Tentei estudar o fenômeno em uma base clínico-personalógica, com indivíduos selecionados e convenci pelo menos a mim mesmo de que em alguns indivíduos há uma necessidade estética básica. Eles ficam doentes com a feiúra e são curados por ambientes bonitos. [...] Evidências de tal impulso são encontradas em todas as culturas e em todas as idades, mesmo que se recue ao homem da caverna.³¹

A última categoria analisada, nos aspectos subjetivos refere-se aos valores oníricos que vincula a casa a um ninho, uma concha, revela noções mais gerais

³⁰ MASLOW, Abraham H. **Motivation and personality**. New York: Harper & Row, 1970. p.38

³¹ Idem., p.51.

associadas à moradia, quais sejam, de proteção, sossego, concentração, estabilidade, ou o contrário. Uma afirmação clássica do autor e que pode expressar, em síntese, o seu pensamento é a seguinte: “Porque a casa é o nosso canto no mundo. Ela é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos.”³² Continuando essa idéia Bachelard, diz que os filósofos conhecem o “universo antes da casa, o horizonte antes da pousada. Ao contrário, os verdadeiros pontos de partida da imagem, se estudarmos fenomenologicamente, revelarão concretamente os valores do espaço habitado, o não-eu que protege o eu.”³³ Ainda, de acordo com o autor:

[...] todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes. Já não é em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vívida”, não é somente no momento presente que reconhecemos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. A velha locução: Levamos para a casa nova nossos deuses domésticos.³⁴

Desta forma, a partir da configuração dessas seis categorias, ficam definidos os critérios de análise, a fim de estabelecer as possíveis relações entre os aspectos objetivos de subjetivos do espaço de habitar e o texto literário.

3.2 A Cocanha

Ao abrir as asas do imaginário, a narrativa ficcional do romance permite ao autor mergulhar no cerne da natureza humana, na dinâmica dos relacionamentos, na relação com o tempo e o espaço, e o meio circundante. Ao criar um espaço o autor determina o cenário em que se estabelece a trama da história e a ação dos seus personagens. Na trilogia de Pozenato, as descrições feitas pelo narrador e as falas dos personagens que designam o espaço de habitar, são doravante analisadas, a partir das categorias já pré-estabelecidas, a fim de averiguar a transformação desse espaço e o significado da casa do imigrante italiano na RCI.

³² BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 24.

³³ Idem, ibidem.

³⁴ Idem, p.25.

A primeira obra analisada “A Cocanha”,³⁵ é ambientada no final do século XIX, no ano de 1883 com a partida de um grupo de imigrantes italianos do porto de Gênova, anterior ao marco oficial da imigração italiana que acontece no ano de 1875. O romance conta a saga desse grupo de imigrantes italianos que se estabeleceu no nordeste gaúcho, em busca de um sonho: possuir a sua própria terra e construir uma nova vida. A narrativa apresenta a vida coletiva, permeada de uma cultura própria, com seus conflitos, a busca pela sobrevivência, a união por objetivos comuns. Entretanto, nem todos os personagens saíram vitoriosos desta empreitada.

O casal, Rosa e Aurélio Gardone são os protagonistas do romance, e representantes da primeira geração da trilogia. No início da obra “A Cocanha”, quando os italianos entraram no barco a vapor que os levaria ao Brasil, conduzidos e acomodados na terceira classe, a personagem Rosa, tem um devaneio a respeito da vida que tinha e da vida que poderia vir a ter:

Rosa lamentou não ter trazido o seu colchão de penas. A cama era dura, e só tinha sobre ela um cobertor encardido de lã. **Pelo menos tinha seu travesseiro, ainda com cheiro de casa.** Arrumou o leito às pressas. Não queria perder o momento da partida, de olhar pela última vez a Itália, para onde nunca mais iria retornar. Chamou Aurélio e subiram ao convés.³⁶ (grifo nosso)

O pensamento de Rosa traz à tona o “cheiro da casa”. O olfato é o sentido mais primitivo do homem, aquele que permanece mais tempo retido na memória. O travesseiro que acompanhará Rosa na sua viagem além-mar, traz em si o cheiro de casa ao guardar a lembrança da sua terra natal. Dessa maneira a subjetividade do significado da casa aparece representada por um valor afetivo e por um valor de segurança.

Na chegada do grupo de imigrantes ao Brasil, a imagem que marca é a visão do morro do Pão de Açúcar na cidade do Rio de Janeiro. Uma paisagem formosa. Depois de uma breve estada, aportaram em Porto Alegre, bem mais próximos do seu destino. O narrador descreve que Domênico, um dos personagens,

³⁵ O termo “cocanha”, em dialeto vêneto, *cucagana*, significa fortuna, sorte, pepineira. Apud STAWINSKI, Alberto Vitor. **Dicionário Vêneto Sul-Rio-Grandense** – Português. Porto Alegre: ESTEF; Caxias do Sul: EDUCS, 1987.p.49.

³⁶ POZENATO. Op.cit. (a), p.47.

quase sentiu-se em casa ao desembarcar em Porto Alegre. A cidade não era maior que Verona e havia muitos italianos nas ruas. O barracão da Praça da Harmonia, destinado aos imigrantes, tinha uma disciplina que o fez lembrar dos tempos de caserna.³⁷

Este trecho denota que o lugar já se apresenta como um núcleo urbano em constituição, e o personagem, ao quase se sentir em casa, quando relaciona Porto Alegre a Verona, expressa a sua necessidade de pertinência, ou seja, representa a necessidade humana de pertencer a um lugar, a um grupo e ser aceito nele.

Continuando sua trajetória, o grupo foi destinado, a ocupar as terras ao nordeste da Província de São Pedro. Assim como na história da imigração, os italianos que formaram a RCI enfrentaram muitas adversidades para vencer a topografia íngreme da serra gaúcha, desbravar a mata nativa, e providenciar desde logo um abrigo. O narrador da história descreve a primeira casa que os imigrantes avistaram:

Depois de quatro ou cinco horas de escalada, aparece a primeira casa de um colono italiano. O lugar tem o nome de São Pedro, o que parece um bom augúrio, pois ele é o santo que abre a porta do paraíso. É uma casa pobre, de tábuas, rodeada pela roça de milho plantada na clareira.³⁸

A caminhada prossegue até o Campo dos Bugres, local onde serão instalados. Essa primeira casa feita em madeira e de modo singelo é um tipo de construção provisória e a presença da roça mostra que o morador está se apropriando do espaço, está se fixando no local.

Estando no Campo dos Bugres, o grupo de imigrantes parte para um lugar chamado Santa Corona, onde se instalarão definitivamente. Ao chegarem lá “no meio da manhã, o velho Nicola escolhe o lugar do barracão e manda abrir uma roça com foices”.³⁹ A construção de um barracão precedia a feitura das casas. O velho Nicola é um italiano da primeira leva, que domina os métodos construtivos, e ensina os outros:

Ele mede no chão três metros de lado por oito de comprimento. Vai ser uma construção provisória, explica, mas melhor do que um chiqueiro. Até vinte homens vão poder dormir ali, se ficarem enfileirados como leitões mamando na porca, com folga para guardar as ferramentas e os mantimentos. As

³⁷ POZENATO. Op.cit. (a), p.85.

³⁸ Idem, p.127.

³⁹ Idem, p.133.

paredes só vão ter dois metros de altura, não dá para carregar tábuas maiores no lombo das mulas. Mas com a cumeeira, até o bergamasco vai poder ficar de pé. E já pode ir se acostumando a cozinhar em cima de duas pedras. Vai ser assim, com sol ou com chuva.⁴⁰

O barracão, primeiro espaço de habitar do imigrante servirá para o abrigo e para dormir. A comida será feita ao ar livre. Depois de muito esforço e seguindo as instruções do velho Nicola, os colonos concluem a construção do barracão, em que ficarão alojados até construírem todas as casas. Cósimo, um dos líderes do grupo, inclusive, “tenta calcular quanto tempo levarão para fazer quinze casas. Quinze não, dezesseis, porque tinham se comprometido a construir também a casa da viúva Gioconda.”⁴¹

Durante a edificação das casas, o velho Nicola também tenta ensinar como fazer as tábuas e as tabuinhas para o telhado. “Isto já sei fazer – diz um dos irmãos Bertolini. Diante dos olhares de surpresa, explica com uma ponta de orgulho: – A gente fazia *scándole* nas montanhas. Somos tirolezes.”⁴² No final de um turno de trabalho, eles fazem algumas reflexões: “[...] se perguntam se não teria sido mais negócio receber a casa pronta do governo. Ela ficaria incluída no total da dívida. Mas, concordam, quanto menos ficarem devendo, melhor.”⁴³ Nicola explica que é possível usar a serra ao invés do machado para cortar as tábuas, mas eles decidem deixar este método para mais adiante.

Esses excertos indicam a primeira fase do processo sócio-lingüístico – dentro da categoria das relações histórico-sociais elaboradas por Frosi –, pois revelam, ainda, a manutenção das tradições usos e costumes italianos das províncias de origem. A narrativa também sugere que os imigrantes sofreram para construir as casas, o trabalho feito manualmente demandava muita energia física. Seguindo o pensamento trazido por Bachelard, pode se dizer que os imigrantes construíram as casas como um pássaro, operário desprovido das melhores ferramentas. “Não tem nem a mão do esquilo e nem o dente do castor. A ferramenta, na verdade, é o próprio corpo.”⁴⁴ Embora o século XIX tenha se caracterizado pelo avanço

⁴⁰ POZENATO. Op.cit.(a), p.133.

⁴¹ Idem, p.134.

⁴² Idem, p.139.

⁴³ Idem, p.140.

⁴⁴ BACHELARD. Op.cit., p.113.

tecnológico, marcado pela Revolução Industrial, esses imigrantes contavam apenas com machados, serras como ferramentas e o a energia do próprio corpo.

Superado o momento em que os imigrantes se imbuíram de erguer uma habitação para cada família, passaram a ocupá-las. A moradia destinada ao casal Rosa e Aurélio Gardone ganha destaque na narrativa, sendo assim descrita a sua ocupação:

Rosa respirou fundo o cheiro das paredes, de tábuas ainda verde. **Era a casa, a sua casa.** Tinha três por quatro metros, uma janela na frente e outra nos fundos, mas parecia enorme. **O piso era de terra batida e a mesa, de tábua áspera, mais parecia mesa de carpinteiro. Não importava, era dela a casa.** [...] Num prego atrás da porta Aurélio pendurou, cheio de zelos, a sua espingarda. Gastara na compra dois marengos, dos que trouxera cosidos no cóis das calças. Mas fora um gasto necessário, para se protegerem dos bichos selvagens, e também para a caça. Na prateleira, ela acomodou os utensílios de cozinha: a frigideira, a panela grande, o balde de madeira, as três bacias de folha, duas tigelas, os poucos talheres de metal. E também as ferramentas: o serrote de mão, o martelo, o machadinho, dois formões, o trado, duas limas, o facão, três maços de pregos. Num canto ficaram as enxadas, a foice, a pá, o machado. E ela tinha ainda todas as coisas vindas no baú.⁴⁵ (grifo nosso)

A apropriação do espaço de habitar por parte do casal demonstra que as necessidades fisiológicas estavam sendo atendidas e a existência da casa própria, passa a satisfazer também as necessidades de segurança e de pertinência. Para Rosa, o fato de ter a casa, *a sua casa*, mesmo sem conforto, é a realização do sonho de ter uma propriedade. Desejo, esse de todo o imigrante. O texto ainda mostra que os imigrantes já possuíam utensílios necessários para o dia-a-dia, que foram ganhos do governo, ou pagos com os seus proventos, o que evidentemente era de extrema valia e necessidade na formação da Região Colonial Italiana. A narrativa prossegue descrevendo sobre o apossamento do espaço de habitar dessa região:

A cama era um estrado de tábuas, junto à parede. Rosa estendeu o saco de brim do colchão e encheu-o com palha de milho desfiada. [...] Do baú, tirou os lençóis brancos e as fronhas bordadas de seu enxoval de noiva. A primeira noite merecia o melhor, era como um novo casamento. **O seu travesseiro, que teimosamente trouxera desde casa debaixo do braço,** estava feio, manchado das tantas chuvas e da poeira da viagem. Ela o apertou contra si antes de pô-lo na cama. **Deitada nele, a sua vida não ficava partida em duas, uma do lado de lá e outra do lado de cá do mar.** Ela continuava a ser a mesma Rosa de sempre, e não alguma outra que ela não conhecia bem. Pôs nele uma fronha limpa e acomodou-o com carinho,

⁴⁵ POZENATO. Op.cit.(a), p.152.

ao lado do travesseiro novo do Aurélio. Olhou então ao redor para ver se estava tudo em ordem.

– Falta alguma coisa? – perguntou Aurélio. Ela não ia dizer o que faltava, estavam apenas no começo, o resto iam conseguir com o tempo. Mas disse que queria um lugar para a santa. Uma prateleira pequena, perto da cama. – Na cabeceira ou nos pés? – Nos pés. Quero ver a santa quando estou deitada. Ele serrou uma ponta de tábua e pregou-a na quina da parede, encaixada nas travessas. Rosa tirou do fundo do baú, o quadro da Madona e a toalhinha de crochê. **Entronizou a Madona na prateleira e disse, como se falasse a uma amiga: – Cuida bem desta casa. (grifo nosso)**⁴⁶

Nesta parte do romance, percebe-se que as construções seriam do período provisório, de acordo com classificação proposta por Posenato – a casa apresentava dimensões diminutas e era desprovida de conforto. Conforme Thales de Azevedo: “a casa provisória, no lote rústico, era geralmente um singelo abrigo de cerca de 4m por 6m, apenas suficiente para acolher os anos pioneiros do estabelecimento nas ‘colônias’”.⁴⁷ Nessa moradia não há setorização de usos, pois o mesmo espaço é destinado para várias funções, sobrepondo-se os usos social, íntimo e de serviço, descritos por Bittar e Veríssimo ao estudar a história da casa no Brasil.

Quando Rosa escolhe um lugar de destaque para a imagem de Nossa Senhora, a Madona, simboliza a sua identificação com a sociedade tradicionalista e católica formada pelos imigrantes italianos. Rovílio Costa afirma que “a devoção mariana, sendo uma devoção doméstica fazia parte do dia-a-dia, da vida do imigrante e descendente”⁴⁸, é tida pelo imigrante como a “Mãe que sempre decide em favor de seus filhos, mãe que protege e que salva.”⁴⁹ Para o autor, os imigrantes faziam alusão a Deus como um ente ligado à Natureza, enquanto que Maria se relaciona à proteção do espaço doméstico. Frosi destaca que a vida religiosa e social, próprias dessa sociedade, se encontra muito presente na primeira fase da evolução do contexto sócio-econômico e cultural da RCI.

Outro objeto, que continua conservando significativa simbologia, é o travesseiro que acompanhou a personagem Rosa ao longo da trajetória, desde a Itália até a sua nova casa. Ele reforça a necessidade de pertinência, ao estabelecer um elo de ligação entre o país de origem e o Brasil. Rosa, como todo o imigrante,

⁴⁶ POZENATO. Op.cit.(a), p.152.

⁴⁷ AZEVEDO. Op.cit., p.172.

⁴⁸ COSTA, Rovílio. Culto a Maria entre os descendentes italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. **A presença italiana no Brasil**. v. II. Porto Alegre: EST, Turim: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p.535.

⁴⁹ Idem, p. 536.

trouxe na sua cultura, os seus usos e costumes, a religiosidade, o valor do trabalho, a tecnologia do meio rural italiano europeu. Ela ainda se sente de certa forma pertencendo àquela cultura, mas se defronta com uma nova realidade, que exigirá uma adaptação. O travesseiro funciona psicologicamente, neste caso, como um objeto transitório entre a realidade passada e a futura, que está sendo construída no presente.

De acordo com a narrativa, na casa de Rosa,

[...] para cozinhar, Aurélio erguera um telhado coberto de palmas, apoiado em estacas. Debaixo dele estavam alinhadas duas pedras, com restos de cinza entre elas. – É provisório – desculpou-se ele. – Esta casa vai ser a cozinha, depois de fazer outra casa de dormir.⁵⁰

Aurélio, dessa forma, revela não dar muita importância ao espaço de cozinhar. Logo depois de se instalar e na casa e nessas condições, Rosa recebe a visita das irmãs Giulietta e Gema. Rosa fica contente com o encontro, mas o café ainda não está pronto para ser servido. Então, a Gema passa a vistoriar o local e tecer suas considerações:

Gema riu e avisou, que antes do café, ia inspecionar tudo, ver se a Rosa estava bem instalada. Arregaçou um pouco a saia, como via fazer as damas ricas, empinou o nariz com ar de autoridade e começou a pôr defeito em tudo. Mal feito, esse canteiro. Muito alta, essa escada. Onde estão os vidros das janelas? Feia, essa cama. Não havia melhor lugar para a santa? Mas ao ver o fogão improvisado de pedras começou a elogiar.

– Grande, bonita, esta cozinha. Tem tudo, não falta nada. É a melhor cozinha que eu já vi. – E, de súbito, furiosa: – Quem foi o ignorante que fez isto? O Aurélio nunca viu uma cozinha?

– Coitado – disse a Giulietta –, ele ainda não teve tempo.

– Coitado, coitado. Coitada é quem tem de cozinhar aqui. Está decidido. Quando o Aurélio estiver fora, a Rosa come lá em casa. Pelo menos tenho uma cozinha decente. Avisei o Bépi. Primeiro me faz a cozinha. Depois o resto. Vem comigo, Rosa, vamos tomar o café na minha casa.

Sentindo-se protegida, Rosa acompanhou-as pela picada no meio do mato. A casa da Gema ficava a uma boa distância e, mais longe um pouco, a da Giulietta. Não era de fato uma casa, mas uma grande cozinha com o estrado de dormir num canto. Tinha o *fogoler* aceso, com a corrente presa ao teto, a mesa no centro, dois bancos compridos, uma prateleira com as tigelas e os pratos. – A cozinha é o mais importante da casa. Diz isso para o Aurélio. **Os homens não entendem nada dessas coisas.**⁵¹ (grifo nosso)

A personagem Gema se vale de um tom irônico para criticar a casa “nova” de Rosa, sobretudo a cozinha. Expressa a falta de cuidado que o cunhado teve ao

⁵⁰ POZENATO. Op.cit.(a), p. 158.

⁵¹ Idem, p.158-159.

construir a casa, sugerindo, sutilmente, a existência de conflitos na relação entre Rosa e Aurélio. Aparecem em evidência as relações de poder, mencionadas por Foucault, quando Gema diz que “os homens não entendem nada dessas coisas”. O universo doméstico, na sua compreensão, pertence às mulheres; portanto, cabe a elas exercer o domínio sobre tal ambiente. Reforça esta idéia, quando afirma que o seu marido, Bépi, construiu a sua casa de acordo com as suas exigências.

No momento seguinte Gema conduz a irmã Rosa para a sua casa, onde o fogo já está aceso, e ao priorizar a cozinha como o lugar mais importante da casa, sugere que é um local de acolhida, de conversa. A casa da Gema era uma grande cozinha, e atendia além das necessidades fisiológicas, as necessidades de amor e pertinência, pois se caracterizava pelo “calor” e pelo aconchego. Já a casa de Rosa parece satisfazer apenas as necessidades fisiológicas e de segurança, pois sua cozinha em nada lembrava um lugar de encontro.

No prosseguimento da história, também é apresentada a visão dos brasileiros estabelecidos na Colônia de Caxias, em relação aos imigrantes. O personagem, da narrativa, Barata Góes, engenheiro chefe da Comissão de Terras, relata para o novo funcionário, José Bernardino, que era porto-alegrense e escritor:

– Você já deve ter visto. Esses imigrantes são uma gente paupérrima. São já mil e novecentos colonos. Com as famílias, devemos ter umas dez mil pessoas na Colônia Caxias. O que mais faço é enviar ofícios ao Palácio do Governo, reclamando providências. Estamos fornecendo ferramentas, sementes e um pequeno subsídio. Esse subsídio devia ser para dezoito meses, tempo de o colono começar a roçar, plantar e colher o seu produto.⁵²

A fala de Barata Góes indica o período em que ainda não havia uma integração entre a cultura brasileira e a dos imigrantes italianos. A relação dos imigrantes italianos era preponderantemente com o governo, pois dependiam do seu auxílio para receber os utensílios domésticos, as ferramentas, as sementes; meios que possibilitaram o início do processo de ocupação e cultivo das terras a eles destinadas. Já por sua vez, o personagem José Bernardino surge, no romance, com o olhar do estrangeiro sobre o processo de formação da RCI. Ele tem a pretensão de escrever um romance e registra a sua visão sobre a região.

⁵² POZENATO. Op.cit.(a), p.177-178.

Notas sobre o cenário. Este é um povoado de barro, anda-se no barro, leva-se o barro nas botas onde se vá. Desse barro informe, espero, irão tomando corpo as formas todas da vida. As casas são de madeira, que a chuva e o sol vão deixando cinzentas. Estão postas ao longo das ruas, melhor seria chamá-las estradas, sem cuidado com o alinhamento: algumas estão à beira da rua, outras no fundo do lote. [...] Continuando o cenário. **Não é nem povoado nem roça.** Uma mistura das duas coisas. [...] Muito curiosas as manhãs de domingo na praça Dante. Chegam os colonos, de todos os lados, com suas mulheres e filhos. A impressão é de que ninguém fica em casa. Muitos deles caminharam seis ou oito horas pelas picadas. Estranho é que raras são as mulheres e crianças que chegam a cavalo. Quem vem montado são os homens. Quem vem a pé traz o calçado na mão e só o coloca antes de chegar na igreja.⁵³ (grifo nosso)

As anotações do personagem, José Bernardino, que também era um escritor, ilustram que o agrupamento das casas configura o início do núcleo urbano. Na sua forma construtiva a casa urbana não difere muito da rural. Nesse período da obra ficcional, as construções podem ser classificadas, segundo os parâmetros apresentados por Posenato, como permanentes, mas primitivas, tanto no espaço urbano quanto no espaço rural. É nesta fase que ocorre a sedimentação do assentamento dos imigrantes na RCI.

Retornando ao espaço rural e para a situação do casal Rosa e Aurélio Gardone, a narrativa denota muitos conflitos entre eles. Rosa estava grávida do primeiro filho, ele aparecia freqüentemente bêbado, parecia estar arrependido de ter vindo para a América, e se afigurava pouco afetuoso com Rosa.

Ele estava muito diferente de quando casara com ela. Havia dias em que estava animado e trabalhava sem descanso, como se o mundo fosse terminar no dia seguinte. Passara assim semanas rachando tábuas para fazer a casa de dormir. Queria deixá-la pronta antes do inverno, para poderem usar a primeira casa como cozinha. [...] Depois de pronta a casa, ao invés de ficar contente, passava o dia inteiro sem dizer ao menos uma palavra, como se tivesse raiva dela. Ela então chorava, sozinha, para não deixá-lo ainda mais aborrecido.⁵⁴

Apesar dos conflitos, Aurélio consegue cumprir a promessa, e constrói uma outra edícula também em madeira⁵⁵ que será utilizada para dormir. Nesse trecho,

⁵³ POZENATO. Op.cit.(a) p.196-198.

⁵⁴ Idem, p. 201.

⁵⁵ A respeito do uso dos materiais nas construções do período provisório é importante salientar que: “as casas de pedras irregulares naturais, ou pedras irregulares lascadas, ou pedras irregulares talhadas, foram surgindo, em menor número, ao lado das casas de madeira. A abundância do pinus araucária fez com que as casas de madeira prevalecessem em toda a área rural. Mesmo assim, quer nos centros coloniais, quer nas diferentes linhas rurais, houve exemplares de casas de pedra. Mais abundantes surgiram, após a primeira década, as casas de tijolos domésticos secados

observa-se as especificações de funções do espaço de habitar, em que os ambientes já aparecem com usos diferenciados, a cozinha como serviço e social, e o quarto como íntimo. O quarto também é o lugar do nascimento dos filhos e quando Rosa dá a luz ao primogênito da família, Ângelo, seu pai Aurélio Gardone faz um presságio: “– Esse vai fazer a América de verdade. Não como nós.”⁵⁶ Uma vez que ele nascera num outro contexto da imigração italiana, em que havia um maior desenvolvimento econômico.

Um outro personagem, Roco, ferreiro de profissão, também ambicionava *fare la Mérica*⁵⁷, mas de modo mais imediato. Para isso tencionava se estabelecer na área urbana e casar-se com Nina, que pertencia a uma família de gaúchos. A praça era o local de encontro dos dois. Num desses encontros ela comenta com Roco:

– O meu pai me perguntou quem é o gringo que vem falar comigo na praça. Roco não soubera o que dizer do susto. Mas logo Delfina mostrava todos os dentes alvíssimos, para completar: – Ele quer que eu te apresente lá em casa, domingo que vem. É para tu ires tomar um *simarón* e comer um *sorasco*. E pode ir vestido de *bombassa*.⁵⁸

Delfina (Nina) ao aglutinar uma palavra típica gaúcha a um acento do dialeto italiano, na sua fala, demonstra um dos elementos de aculturação dos imigrantes italianos com o povo gaúcho, e um contato inaugural estabelecido entre diferentes culturas, no caso, a gaúcha e a italiana, que se expressa no modo de falar. Analisando as relações histórico-sociais, o texto sugere a passagem da primeira fase para a segunda fase da evolução sócio-lingüística e econômica da RCI.

Os encontros de Roco e Nina resultaram no pedido de casamento, e como diz o brocado “quem casa quer casa”, ele instala a sua oficina no meio urbano, para angariar fundos e construir a futura moradia do casal. Trabalha exaustivamente, compra um terreno e inicia a edificação de uma casa⁵⁹ com proporções avantajadas.

ao sol (adobe), de tijolos cozidos, de boa textura, e finalmente tijolos industrializados em olarias.” DE BONI e COSTA. Op.cit., p.141.

⁵⁶ POZENATO. Op.cit.(a), p.212.

⁵⁷ Fazer a América. Expressão utilizada pelos imigrantes que partiram da Europa e se destinaram para as Américas.

⁵⁸ POZENATO. Op.cit.(a), p. 221.

⁵⁹ “Em 1893, o Código de Posturas Municipais de Caxias, que também normatizava as áreas de Nova Trento, Nova Pádua, Nova Milano e Ana Rech, não foi diferente das demais leis municipais do seu tempo. Sobre as edificações nas áreas citadinas, exigia plano de obras; determinava, para casas térreas urbanas que ficassem no alinhamento, pelo menos quatro metros de pé-direito. Os sobrados teriam de ter mesmos quatro metros de pé direito do andar térreo, 3,80 cm para o pavimento superior e 3,55 para o terceiro e assim por diante, na mesma proporção.[...] As janelas

Roco sabia que: “a casa deveria de atender ao regulamento: tamanho, altura e número e posição das janelas”.⁶⁰ O período da obra é de cerca cinco anos. Nina, neste período, contrai varicela e vem a falecer. Com a morte de Nina, a casa que teria apenas a função de habitação sofre modificações, dentre elas:

A oficina de Roco era agora no porão da casa [...]. Depois de muito lamentar e sofrer a morte da Delfina, ele decidira transformar a casa em pensão, já que tão cedo não ia poder enchê-la de filhos [...]. Contratara uma moça, a Marieta, para o serviço. E tinha já alguns hóspedes permanentes, com quem podia jogar cartas e tornar as noites menos compridas.⁶¹

O espaço erigido com o intuito de abrigar uma família, por ter sido construído de forma superdimensionada, pôde ser transformado num albergue, habitação do proprietário e também local de trabalho, a sua oficina. Essa casa é um exemplo do típico de construções do período do apogeu. A casa grande, ampla, não se constituía apenas em uma mera moradia, pois representava a ascensão social do seu proprietário. Ou seja, esse trecho da narrativa também pode incluir uma análise atinente aos valores oníricos, pois “a casa é um corpo de imagens que dá ao homem razões ou ilusões de estabilidade” como refere Bachelard.⁶² Para Roco, a casa pronta antes de casar, significava segurança e conquista, no entanto, isso se revelou uma ilusão. A sua amada veio a falecer antes da casa estar concluída. Essa perdeu, então, o seu uso original, precisou ser transformada para adquirir um novo significado para o seu dono.

O desejo de ser dono de uma propriedade acompanhada da prosperidade, nem sempre se realizou. Na narrativa, retornando a Santa Corona, as irmãs Rosa e Gema vão visitar Aurora, cuja filha adolescente tinha sido levada pelos fazendeiros da região dos campos de cima da serra e, da qual, não recebera mais notícias. Ao chegarem se deparam com a seguinte situação:

A casa de Aurora era de uma só peça. No meio dela, no chão um pau de lenha queimava, enchendo tudo de fumaça e cheiro de fuligem. Ao redor, junto às paredes estavam os estrados cobertos por trapos sujos, onde devia dormir toda a família. Aurora, deitada na meia escuridão, tossia. Rosa

de frente para as ruas e praças deveriam ter, pelo menos 1,75cm de altura; as portas 2,75cm. Ambas as aberturas teriam de dispor de 1,10cm de largura”. GUTIERREZ e GUTIERREZ. Op.cit., p.35.

⁶⁰ POZENATO. Op.cit.(a), p.224.

⁶¹ Idem, p.318.

⁶² BACHELARD. Op.cit., p.14.

chegou a sentir uma revolta no estômago. [...] Tudo era de uma miséria de fazer chorar.⁶³

Para agravar a situação triste de Aurora, o seu marido, Pier, acaba se enforcando, sendo o seu destino, a própria morte logo em seguida.

Assim terminava a América que o Pier tinha vindo buscar. A terra, que ele ainda não tinha pago, seria comprada por outro. Os filhos, quando crescessem, não iam ter onde plantar nem o direito de receber uma nova colônia. As meninas resolviam o problema casando, quando chegassem na idade. Mas os meninos teriam de começar tudo do nada, ou passar a vida trabalhando para os outros, como teria sido o destino deles se os pais ficassem na Itália.⁶⁴

Percebe-se que a casa da desafortunada Aurora atendia apenas a necessidade fisiológica e a necessidade do abrigo, não se constituindo num espaço de amor e pertinência. Nesse espaço de habitar, uma única peça, servia para todas as funções, social, íntimo e serviço, inexistindo setorizações. A história dessa família representa aqueles imigrantes que, não conseguindo tornar realidade os seus sonhos, permaneciam na mesma situação de miséria, como se tivessem ficado na sua pobre Itália. Bachelard considera “a casa mais do que uma paisagem é ‘um estado da alma’”,⁶⁵ e a penúria da casa dessa infeliz personagem, refletia o estado da sua própria alma.

Em contrapartida, para alguns outros habitantes de Santa Corona, a promessa do paraíso, a cocanha, parecia se concretizar, tanto que, podiam na véspera da Páscoa, preparar uma grande festa; essa comemoração era regada pela melhor comida e bebida que eles conseguiam prover. A celebração de suas conquistas se dá ao redor da mesa, num espaço privado, onde estão reunidos os mais próximos:

Chega enfim a hora de sentarem todos à comprida mesa feita de tábuas, apoiadas em cavaletes. Os olhares convergem num silêncio religioso para a polenta fumegante e para as travessas repletas de dourados passarinhos. É tão grande a comoção que, se alguém não disser uma brincadeira para provocar riso, as lágrimas vão começar a correr. É Bépi quem diz, vamos comer logo antes que venham os bugios. Riem todos, e com isso descem dos céus à terra. As mãos avançam sobre os pratos. Os passarinhos são tão bem assados que os dentes podem moer até mesmo os ossos, a começar pela cabeça, sem perder nada de nada. Para mais proveito de

⁶³ POZENATO. Op.cit.(a), p.245.

⁶⁴ Idem, p.249.

⁶⁵ BACHELARD. Op.cit., p.84.

tanta delícia, lambem os dedos, juntam na polenta a gordura que escorre, e ninguém diz uma palavra. Só depois de passada a sofreguidão é que percebem como estão em silêncio. Saciada a fome mais urgente, podem então, em rito mais lento, explorar a fundo os sabores e entornar os copos de vinho, vendo as estrelas no céu, **quem sabe imaginando-se no paraíso.**⁶⁶ (grifo nosso)

Os moradores de Santa Corona, também tinham a ambição de construir de uma capela. O narrador assim expressa o desejo do grupo: “Ninguém está sonhando em conseguir um padre só para eles, como tinham na Itália. Mas o certo é que depois de terem a igreja podem pensar até mesmo numa pequena vila, com escola, ferraria, quem sabe um agente postal.”⁶⁷ Para a construção da capela, existem duas opiniões em relação ao material, o senhor De Bastiani, um dos membros da comunidade, “pergunta se já está decidido se a igreja será de pedra ou de madeira. Ninguém dá resposta, e ele avança a sua opinião. Se é para fazer, que se faça logo uma igreja para durar, de pedra e de bom tamanho”⁶⁸. Um dos tirolezes diz que se a igreja for de madeira, mas bem feita, poderá durar muito tempo. Cósimo toma a palavra em meio à discussão e propõe: “– Por que não se faz uma igreja provisória de madeira, não muito grande, e depois se pensa numa maior, que pode ser de tijolo? Afinal, foi assim que a gente fez com as nossas casas.”⁶⁹ A maioria decide que a capela será construída provisoriamente de madeira.

A edificação das capelas, na primeira fase da evolução histórico-social da RCI segundo a pesquisadora Vitalina Frosi, caracterizou o surgimento de um espaço da comunidade, destinado não somente para os encontros de caráter religioso, porém, igualmente usado para outras atividades da vida social. O próprio personagem Miro, que prometeu doar o terreno para a construção da capela, alerta a todos “o quanto a igreja é importante para o progresso do lugar.”⁷⁰

Na continuação da narrativa, nas anotações para um romance realista do personagem José Bernardino, funcionário público, pode-se ler que tanto no meio urbano quanto no meio rural, o governo não zela pela vida dos cidadãos, referindo-se a falta de assistência médica, caso ocorresse uma epidemia de varíola, como a que causou a morte da noiva de Roco, a Nina. Ele registra o seguinte: “O senhor

⁶⁶ POZENATO. Op.cit.(a), p.255.

⁶⁷ Idem, p. 279.

⁶⁸ Idem, p. 280.

⁶⁹ Idem, p. 281.

⁷⁰ Idem, p. 279.

Júlio de Castilhos fez a sua constituição e elegeu-se Presidente do Estado, mas parece totalmente atarefado em extirpar as facções rivais e fazer sua pequena demagogia.⁷¹ O próprio escritor veio a falecer de pneumonia, sendo velado na sua própria casa. O seu corpo fora posto sobre a mesa da sala que, por ser pequena, foi acrescida a ela, outra mesinha. O seu amigo Bento “decidiu mentalmente que a cabeça do querido amigo repousaria nessa mesinha e que depois a guardaria consigo. Seria a lembrança do último lugar de descanso do genial poeta na face da terra.”⁷²

É possível perceber que nesta época, havia uma pluralidade nas funções do espaço de habitar: a sala da casa, usada para as atividades sociais, torna-se uma sala de velório. Durante o velório, os visitantes utilizam também os demais espaços da casa que transforma-se num lugar transitório, entre o público e o privado. O pensamento do personagem Bento designa também um valor onírico, no momento em que guarda a mesinha do amigo falecido. A presença da mesinha evocará a lembrança do genial poeta. Como diz Bachelard, “são objetos-sujeitos. Têm como nós, por nós, para nós uma intimidade.”⁷³

Na continuação do romance, Gema noticia para a sua irmã Giulieta que, finalmente, o Roco tinha casado, depois de ter sofrido muito com a morte da noiva, com a mulher que cuidava da sua pensão. “A moça se chama Marieta e era muito boa na cozinha e no serviço. A vila estava cada vez maior, até casas de tijolo estavam sendo construídas.”⁷⁴ Percebe-se, nesse trecho da obra, que a casa de Roco, que somava as funções de oficina e albergue, consolidou a sua função múltipla, contemplava todas as funções do espaço de habitar, ou seja, social, de serviço e íntimo, tendo também agregadas as funções de local para a produção de peças (oficina) e de hotelaria. A vila urbana desenvolvia-se, as casas de madeira foram sendo substituídas pelas de alvenaria, caracterizando o período do apogeu das construções dos imigrantes e dos seus descendentes.

Mais adiante, a personagem Gema oferece um almoço ao padre Giobbe, na sua casa, em Santa Corona. Conseguiu convencer o padre de almoçar na sua moradia e não na da Marieta, esposa de Cósimo. Naturalmente, no encontro,

⁷¹ POZENATO. Op.cit.(a), 296.

⁷² Idem, p.312.

⁷³ BACHELARD. Op.cit., p.91.

⁷⁴ POZENATO. Op.cit.(a), p.324.

estavam presentes o seu marido Bépi e sua filha Pierina. Rosa, irmã de Gema, também fora convidada e, durante a refeição lembrou do seu marido Aurélio, bem como, dos filhos, que ficaram em casa: “Ele e as crianças deviam ter se arrumado com o almoço, o Ângelo sabia mexer a polenta, tinha já oito anos.”⁷⁵ Naquele mesmo dia, Cósimo conta ao padre Giobbe que pretendiam substituir a capela antiga:

[...] **estavam pensando em fazer uma igreja nova, de pedra ou de tijolo, sentiam vergonha da igreja de tábuas.** Padre Giobbe não estimulava esse desejo, nem tentara convencer do contrário. Se de um lado ele não via razão para terem vergonha da pobreza da igreja, de outro era bom que alimentassem o sonho de uma igreja mais bonita. Os sonhos eram a melhor alavanca para a luta. [...] Claro, ele não era sonso para não perceber que o desejo de uma bela igreja tinha também a ver com razões mundanas, de sentir e mostrar o próprio sucesso ou até de fazer inveja aos vizinhos.⁷⁶ (grifo nosso)

A edificação da nova igreja, que poderia dar inveja aos outros, mostra o desejo e necessidade de buscar o belo, mesmo que seja para mostrar aos outros a sua capacidade de conquista. Segundo a escala das necessidades humanas, descritas por Maslow, essa busca remete além da necessidade de pertinência a necessidade da estética, ou seja, quando os indivíduos passam a buscar beleza, rechaçando a suposta feiúra.

Ao encaminhar-se para o final, a narrativa descreve o falecimento de Rosa. Durante o trabalho de parto, que acontecia no ambiente onde dormia, ela gera mais uma filha, que não terá a mãe para zelar. O filho mais velho, Ângelo, que já tem quatorze anos, é quem vai cuidar dos irmãos mais novos, como determina o pai Aurélio. Novamente se percebe que os espaços da casa recebem funções, pois o quarto é o lugar do “dormir eterno” e a sala da casa se transforma no local para o velório de Rosa.

O término do romance acontece no final do século XIX. Giulieta Besano, irmã de Rosa, e seus familiares decidem viajar para participar da festa alusiva à virada do século em Nova Milano. A filha Teresa, de 12 anos, é a mais animada com a viagem, sendo que ao chegar na localidade, fica encantada com “tantas casas, uma do lado das outras, tantas carroças, tantos cavalos tanta gente nas ruas, com roupas

⁷⁵ POZENATO. Op.cit.(a), p.335..

⁷⁶ Idem, p. 337.

tão bonitas”⁷⁷ A família Besano é recebida na casa do seu Tommaso, que assim percebida por Teresa:

A casa do seu Tommaso, o amigo do pai, era imensa. Um palácio, como os das histórias que a mãe contava da Itália. Era toda de tijolos, tinha vidros nas janelas, e o assoalho brilhava com o sol batendo nele. Era numa casa como essa que gostaria de morar. “Um dia vamos ter uma assim”, disse a mãe, “seu Tommaso foi um dos primeiros a chegar no Brasil.” Uma grande escada levava ao sótão e, para a alegria de Teresa, foi para lá que a levaram com as irmãs. O quarto em que ficaram tinha cortina de crochê na janela e um espelho quase maior que ela na porta do guarda-roupa. Não resistiu e pôs-se a dançar na frente dele, até que as mães, impertinentes, a atrapalhem.⁷⁸

A casa de Tommaso simboliza a realização do sonho. Construída em alvenaria, com caixilhos de vidro, e assoalho de madeira, mobiliada, com cortinas de crochê na janela, representava para Teresa, o “palácio” descrito nas histórias que a sua mãe contava referentes à Itália. Essa edificação representa o período do apogeu no que se refere ao tipo de construções e o seu dono parece ter superado as motivações meramente fisiológicas, ou mesmo de segurança, de amor e pertinência, pois ao construir uma nobre casa, certamente, se auto-afirma e atende também as necessidades estéticas.

Nas últimas linhas do romance, é descrita a festa que representa a comemoração e a diversidade de sentimentos por parte de alguns dos imigrantes que se instalaram e construíram o seu novo mundo na RCI, permeado de tristeza, mas também de alegria:

A banda de música tocava sem parar, enquanto a praça da igreja se enchia de gente. De repente o sino começou a tocar e o coração de Teresa disparou. Chegava a hora esperada. Tiros de morteiros e de foguetes quase a deixavam surda. E então, no céu escuro, explodiu uma bola colorida e uma chuva de luzes iluminou a torre da igreja. Depois outra e mais outra. **Teresa ouviu a mãe dizendo que os fogos no céu pareciam lágrimas caindo. Não era o que ela pensava. Para Teresa eram ramalhetes de flores, feitas de luz.**⁷⁹ (grifo nosso)

Ao finalizar análise percebe-se que a narrativa posta no texto literário estudado consegue revelar as transformações havidas no espaço de habitar do imigrante, que ocupou a RCI. Descreve como eram as edificações provisórias, que

⁷⁷ POZENATO. Op.cit.(a), p.369.

⁷⁸ Idem, p.370.

⁷⁹ Idem, p.371.

serviam para satisfazer, minimamente, as necessidades fisiológicas dos recém-chegados, informa, ainda, que os imigrantes, no período em que residiam nesses barracos, se dedicaram a erigir uma habitação própria, para cada família, com os poucos materiais e ferramentas que dispunham, em que as necessidades de segurança, amor e pertinência também seriam satisfeitas. Apresenta, igualmente, as alterações ocorridas nas edificações, com o incremento de novos materiais, e a necessidade de que as casas fossem divididas, para que houvesse ambientes próprios para cada uma das funções social, íntimo e de serviço. De fato, para muitos imigrantes, como para os personagens Roco e Tommaso, a edificação de suas casas representou a conquista de uma fortuna, a sua “cocanha”.

3.3 O Quatrilho

O segundo romance “O Quatrilho”,⁸⁰ inicia com a cena do casamento de Ângelo, filho de Rosa e Aurélio Gardone, com 24 anos e Teresa Besana, 19 anos, filha de Giulieta, irmã de Rosa, na capela de Santa Corona, em cerimônia presidida pelo padre Giobbe. Os noivos, nascidos no Brasil, são representantes da segunda geração dos imigrantes italianos retratados no primeiro livro da trilogia. Segundo a descrição do narrador, o dia da festa, era quente, típico de verão em que acabou desabando um temporal, e a festa de casamento precisou ser realizada dentro da casa de Aurélio Gardone. Gema, tia de Teresa, por parte de mãe, e as irmãs do noivo, Dosolina e Bambina, ficaram encarregadas dos preparativos da festa.

Dosolina e Bambina pareciam atrapalhadas, com toda aquela gente espremida dentro de casa, cheirando a suor e roupas molhadas. Por sorte, tia Gema tomava conta da situação e dava ordens à esquerda e à direita. Aurélio Gardone achava a tia Gema uma mulher disposta e despachada, mas podia fazer menos espalhafato e menos barulho.

– Fora, fora daqui, aqui mando eu – gritou tia Gema para Teresa, assim que a viu entrar na cozinha. – Vai cuidar do teu marido. Amanhã e depois não vai faltar trabalho. Descansa para hoje de noite.

E Teresa ria, concordava achava engraçado. Tia Gema berrava:

– Quem não me obedece eu empurro para debaixo da chuva. Quem não ajuda também não estorva. E despachava mulheres com louça, pratos de comida, garrafas de vinho. Teresa retornou à sala pelo corredor aberto, e de novo não o viu quando passou. Estava entretida demais com a festa. Aurélio Gardone sentia-se como um peixe fora da água, em sua própria

⁸⁰ O quatrilho é um jogo de baralho (cartas), em que quatro pessoas participam e os parceiros se trocam o tempo todo. Um dos jogos preferidos para o entretenimento dos imigrantes italianos.

casa. Pelo seu gosto, não teria havido festa alguma, ao menos na sua casa. Mas ninguém mais lhe perguntava a sua opinião e, mesmo que perguntassem, nada teria respondido. Os negócios da casa lhe davam incômodo, e ele queria paz. Já não tinha ido à igreja porque preferia ficar na toca.⁸¹

A casa de Aurélio, edificada por ele, já descrita no romance “A Cocanha”, permanece com dois volumes, sendo um a cozinha, e o outro a “casa de dormir”, ligados por um corredor. A casa de dormir também serviu como um espaço de estar, lugar onde foram servidas as comilanças da festa, preparadas na cozinha. Essa casa já apresenta as funções do espaço de habitar: social, íntimo e serviço; está, portanto, setorizada.

Com a realização da festa de casamento na casa, a sala, local de pouca permanência, torna-se o espaço de recepção dos convidados. Aurélio ao sentir-se “um peixe fora da água em sua própria casa”, revela a falta de privacidade com a chegada dos convidados. Subjetivamente, segundo Certau, numa casa, “todo o visitante é um intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado para entrar. Mesmo neste caso, o convidado deve saber ‘ficar no seu lugar’, sem atrever-se a circular por todas as dependências da casa”⁸². Aurélio parecia não estar disposto a dividir a sua casa, conquistada com muito esforço, com os convivas da festa. Ao mesmo tempo, Gema se preocupa em servir os convidados e dá ordem a todos. O espaço da cozinha é de domínio e poder feminino. A “boa” festa supõe um eficaz serviço culinário, e parece depender exclusivamente da atenção das mulheres na elaboração dos pratos e no serviço dos mesmos.

Durante a festa, em seus devaneios, Aurélio, lembra do seu relacionamento com a sua esposa já falecida.

Aurélio Gardone lembra como se fosse hoje. Quando chegou na colônia que lhe foi destinada, deixando Rosa no barracão dos imigrantes, e viu a altura das árvores que teria de derrubar par plantar ao menos umas covas de milho, chorou. Parecia ter ficado sem força. E foi chorando que deu a primeira machadada, e outra, e outra. A primeira árvore caiu e ele deu um grito de alegria. Alguns dias depois já tinha erguido um rancho e trouxe a sua Rosa. [...] Esperando já a Dosolina, Rosa o ajudava a rachar as toras de pinheiro para a sua primeira casa de verdade. [...] Aurélio Gardone olha as

⁸¹ POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. 16.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001(b), p.21.

⁸² CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**. Morar,cozinhar. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 203.

paredes do paiol. São estas as tábuas que fizeram juntos. Esta foi a casa em que nasceram todos os filhos.⁸³

O casamento de seu filho traz a memória, lembranças da sua vida nesta casa com Rosa. Casa que foi palco de cenas de alegrias e de muita tristeza. O mesmo espaço que assistiu ao nascimento de seus filhos e também a morte da sua esposa, agora recebe os convidados da festa. Como afirma Certeau nas casas,

[...] as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças, superar as provas, todo aquele longo trabalho de alegria e de luto que só se cumpre 'em casa', toda aquela lenta paciência que conduz da via à morte no decorrer dos anos.⁸⁴

Essa idéia também é corroborada por Bachelard, a casa “em seus mil alvéolos retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço.”⁸⁵

Thales de Azevedo, em seus estudos sobre a imigração italiana, assim descreveu a casa do imigrante italiano:

A vida associativa começa ao nível da família nuclear, na casa rural onde decorre grande parte da existência entre a morada e a cozinha: a dormida, a preparação da cozinha diária e das conversas, as refeições principais, o encontro depois do trabalho, as orações da noite, a conversa, os nascimentos e a morte, os banquetes de casamento, os bailes [...].⁸⁶

Após dois meses da realização do casamento, Teresa visita sua tia Gema que ao recebê-la deseja saber sobre a vida de casada:

Tia Gema trancou a porta da cozinha, com exagerado ar de precaução. Puxou um banquinho para frente de Teresa e prendeu-lhe as duas mãos entre as suas:

– Agora me conta que estamos sozinhas, me conta, me conta.
 – Contar o quê, tia?
 – Contar o quê! Ora não te faz de boba. Tudo quero saber tudo, tudo. Me conta do teu maridinho. Que lindo frango pegaste!⁸⁷

Teresa parece desentendida, mas também tinha o desejo latente de fazer confidências, quando a tia perguntou como estava o seu relacionamento com o

⁸³ POZENATO. Op.cit.(b), p.24.

⁸⁴ CERTEAU, GIARD e MAYOL. Op.cit., p. 206.

⁸⁵ BACHELARD. Op.cit., p.27

⁸⁶ AZEVEDO. Op.cit., p. 180.

⁸⁷ POZENATO. Op.cit.(b), p.29.

marido respondeu: “Cosi, cosi, como dona senza mari”⁸⁸ Esse diálogo, entre a tia e a sobrinha, na cozinha, demonstra que na casa do imigrante italiano, a cozinha, tinha como principal função a de serviço, porém também era o local das confidências, de revelação de segredos. Na longa conversa, igualmente, fala a respeito da vida da mulher na colônia, que é de muito trabalho e sofrimento. Teresa pergunta a tia Gema a respeito da prima Pierina que havia casado com Máximo, sobrinho do padre Giobbe. Gema assim responde a sua sobrinha:

Eu só não queria que ela casasse com o Máximo. Onde já se viu, aqui na colônia, andar com aquelas polainas brancas? Vai ver que é um vagabundo, eu pensava. Ele é sobrinho do padre Giobbe, mas isso não quer dizer nada. Mas a Pierina se engraçou por ele. Acho que o padre Giobbe deu também uma mãozinha, para se ver livre do sobrinho. Deus me perdoe. O Máximo é muito instruído. Ele lê almanaque, sabe. Sabe fazer as contas. **Escreve cada desenho que só vendo, parece de verdade.** Foi o Máximo que fez a casa deles, os móveis, tudo ele fez. Parece que está dando certo, ao menos por enquanto. Queira Deus que continue.⁸⁹ (grifo nosso)

A casa construída por Máximo, revela que foi edificada com um certo planejamento, uma vez que ele sabia desenhar. Possivelmente elaborou um croqui da casa, ao contrário da maioria, que teria sido construída de forma mais espontânea. O tipo de construção remete ao período permanente do apogeu. O fato, de que o personagem erigiu a sua própria casa com certa rapidez e com melhor qualidade técnica, demonstra uma maior prosperidade, característica da segunda fase da evolução sócio-econômica e cultural da RCI.

No decorrer da história, se realiza o filó, pacientemente articulado por Teresa. A reunião entre familiares e conhecidos, ocorreu numa noite na casa de Aurélio Gardone. O narrador assim descreve a ocasião social: “Dosolina, solícita, providenciara bancos para todos. Teresa cruzou com *pupà* e piscou o olho. O velho Aurélio sorriu satisfeito. Era o primeiro *filó* que se fazia naquela casa, desde a morte de Rosa, a pobrezinha.”⁹⁰ Nesta reunião, o jogo de cartas proposto por Aurélio para a diversão dos mais velhos foi o quatrilha. Os homens mais jovens apreciavam o jogo. As mulheres se acomodaram, ao redor do fogolar, e os seus assuntos versaram sobre o crochê, o próximo casamento que seria de Dosolina e Bambina, cunhadas de Teresa e sobre a comida e bebida a ser servida. Foi servido batata-

⁸⁸ POZENATO. Op.cit.(b), P.29. “Assim, assim, como mulher sem marido.”

⁸⁹ Idem, p.33.

⁹⁰ Idem, p.43.

doce e pipoca, quentão e vinho. Aconteceu a primeira troca de olhares entre Máximo e Teresa. Ainda durante as conversas, Teresa diz a prima Pierina que gostaria de conhecer a sua casa.

A descrição do *filó* desvela aspectos tipicamente culturais da RCI. Os homens se divertiam jogando cartas e as mulheres disputavam as prendas domésticas e colocavam as notícias em dia. É interessante observar que, mesmo nos dias de hoje, em pequenas comunidades rurais, permanece uma diferença nos modos de lazer nos fins-de-semana. Enquanto que os homens jogam cartas nos bares, as mulheres encontram-se na missa para a oração e troca de informações. Outro aspecto cultural, se refere à questão gastronômica. Os alimentos e a bebida servida é fruto do trabalho na terra. A cozinha é um lugar essencial na casa do imigrante, o *fogolar* exerce um poder aglutinador, as pessoas ficam ao seu redor, cumprindo as suas lidas diárias, bem como nos raros momentos de lazer. É, portanto, um lugar que não cumpre apenas a função de serviço, é também o local de estar, dos encontros sociais.

No retorno à sua casa, Pierina tem uma leve desconfiança a respeito das atenções dispensadas por Máximo à Teresa, durante o *filó*. Essa dúvida se dissipou quando lembrou: “beleza não põe a mesa. O pai cansava de dizer que os homens namoram as bonitas, mas casam com as que sabem governar a casa.”⁹¹ Ela se julgava digna do marido que era instruído e muito bem apessoado, porque apesar de não ser tão formosa,

[...] tinha a cabeça no lugar, porque não era avoadada. Não ficava perdendo tempo com bordados, crochês e coisas finas. Tinha as mãos grossas de lavar, cozinhar, fazer o pão, tirar o leite. Desde menina sabia fazer tudo isso. E que ninguém pensasse que era facial. Ela não queria se gabar, porque isso é feio. **Mas ninguém sabia governar uma casa como ela.** Chão limpo, panelas areadas, comida na hora. E no cabo da enxada ou foice na mão não perdia para um homem.⁹² (grifo nosso)

Assim, quando chegaram em casa, Máximo abriu a porta da cozinha, pendurou a lanterna e pediu um café bem quente com graspa. “A casa continuava em ordem”.⁹³ Para Pierina, quando o marido repete as ações de costume ao chegar em casa lhe confere a sensação de que nada mudou. O poder de gerenciamento da

⁹¹ POZENATO. Op.cit.(b), p.48.

⁹² Idem, p. 50.

⁹³ Idem, ibidem.

casa está em suas mãos, isto parece lhe dar a certeza que ainda tem o domínio da situação.

Como tinha sido tratado no *filó*, Teresa vai visitar a sua prima Pierina. Ao chegar na casa, Teresa ficou aliviada por não ter encontrado Máximo, e se impressiona pelos cuidados que a prima tinha com a casa. Pierina oferece um chá à prima e:

Atiçou o fogo embaixo da chaleira e saiu, dizendo que ia colher umas folhas de cidreira. Sozinha, Teresa distendeu as pernas e os braços e respirou fundo. Sentou-se melhor. Fechou os olhos. Havia um cheiro de limpeza, o calor era aconchegante, a chaleira chiava no fogo. Pierina estava de volta, apressada, solícita.

– Que bom que está na tua cozinha – disse Teresa, sem nenhum esforço para agradar. **Sentia-se** realmente **confortável**.⁹⁴ (grifo nosso)

O sentimento de Teresa reforça que a cozinha da casa do imigrante era, em geral, um lugar confortável, acolhedor. Era também o lugar de recepção da casa, cumprindo por isso, as funções de estar e serviço. Através da cozinha, tudo entrava e tudo saía. Pierina convida a prima para ver o restante da casa.

Teresa acompanhou-a. A casa não era grande, mas via-se que era bem construída. Tinha até mesmo janelas com vidraças. **Atravessaram o pequeno corredor que ligava a cozinha ao corpo da casa e entraram na sala**. Era uma peça bastante espaçosa, com três portas dando para os quartos. No centro, a mesa, de pés torneados. Na parede maior, um armário com portas de vidro, deixando ver nas prateleiras alguns copos e tigelas floreadas.

– Os móveis foram todos feitos pelo **Máximo**. Olha estas cadeiras – exibiu Pierina.

Teresa estava realmente encantada. Nunca tinha visto uma sala tão bonita. Pierina, de mãos na cintura, saboreava ostensivamente os seus olhos admirados. Teresa não fez questão de esconder o seu encantamento. E não era apenas para se tornar agradável. Mais do que o orgulho da prima, o que ela via naqueles móveis era a mão do Máximo. Que coisas lindas ele era capaz de fazer. Como seria bom morar numa casa assim.⁹⁵ (grifo nosso)

Durante a visita Teresa tem muitas surpresas:

Teresa entrou no quarto e prendeu a respiração. Antes que pudesse ver qualquer coisa, foi atingida em cheio por uma nuvem cheirosa. Era um cheiro forte, penetrante, diferente de todos os que até então sentia. Parecia perfume, mas não era só perfume. O cheiro dele, pensou. Abriu as narinas e respirou fundo. Sabia que pelo resto da vida não ia esquecer aquele lugar.

⁹⁴ POZENATO. Op.cit.(b), p.51.

⁹⁵ Idem, p.52.

Sentia-se mesmo um pouco tonta, como depois de um copo de vinho. A prima saboreou o seu ar embevecido:

– Eu te disse que não tinhas visto nada. Olha os trabalhos de madeira na cama. É puro cedro. **Olha a cômoda. Cabe tudo nas gavetas e ainda sobra lugar.** O espelho veio especialmente de Porto Alegre. Máximo não disse, mas custou um dinheirão. **Tudo aqui se fosse vender, dava um bom dinheiro.** Mas gosto é gosto.

Teresa olhou a prima e não disse nada. **Que idéia mais tola essa de pensar em vender tudo.** De repente, estava imaginando que aquele era o seu quarto, ela se arrumando no espelho.⁹⁶ (grifo nosso)

A casa construída por Máximo apresentava a mesma configuração que a de Aurélio, isto é, a cozinha era separada do corpo principal da casa. Conforme Gutierrez:

Próxima à residência em alguns casos ligadas por uma cobertura situava-se a cozinha, que servia de estar, lugar de convívio antes e depois das refeições. Parece ser incorreta a interpretação de que era necessário separar a área de dormir da cozinha devido ao perigo de incêndio; porém, é certo que isto aconteceu.⁹⁷

A descrição do interior da casa de Pierina reitera que Máximo, ao fazer os móveis buscava a beleza, a sua motivação era estética. No entanto, para Pierina o belo significava um poder, um *status* que agregava valor monetário aos produtos, uma vez que poderiam ser vendidos por um bom dinheiro; os objetos eram tidos como mercadoria, tendo mais significado material do que afetivo. Teresa, ao contrário, atribuía aos móveis um valor afetivo, ao se imaginar morando numa casa mobiliada daquela forma. Tanto que pede à prima:

– Eu estava pensando se o Máximo não podia fazer uma cômoda como essa para mim.

Gostou de si mesma. A voz tinha lhe saído natural, como se fosse isso mesmo que estava pensando.

– É só falar com ele – disse Pierina, sem entusiasmo.

– Eu falo com ele. Fiquei apaixonada por essa cômoda. Nem que eu fique um ano sem comer, quero uma igual.

– Por isso não – disse Pierina. – para ti ele é capaz de fazer de graça.⁹⁸

Máximo chega em casa, ele e Teresa, fazem um acerto sobre a feitura da cômoda. Teresa pagaria a madeira e Máximo não cobraria pelo seu trabalho. A visita de Teresa sugere uma aproximação dela e Máximo. A cômoda, como

⁹⁶ POZENATO. Op.cit.(b), p. 52.

⁹⁷ GUTIERREZ e GUTIERREZ. Op.cit., p.51.

⁹⁸ POZENATO. Op.cit.(b), p. 53.

mobiliário da casa que serve para guardar coisas, adquire um significado simbólico, ao guardar também o desejo de uma possível relação entre ambos. Como afirma Bachelard: “o armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são os verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta.”⁹⁹

Na continuação da história, surge uma novidade na casa de Aurélio, na qual, moravam Teresa, Ângelo e todos os seus irmãos. Agostinho Gardone, com 19 anos, irmão mais novo de Ângelo, pediu Adelaide Bertuol em casamento. Ângelo, preocupado com essa situação reflete: “A colônia era pequena, não dava para todos. O mais velho teria que ser o primeiro a procurar outro pedaço de terra. Era lei.”¹⁰⁰ A alternativa era comprar uma outra colônia. A aquisição de uma área de terra, não seria nada fácil, pois as terras disponíveis nas novas colônias estavam distantes de Santa Corona. Aconselha-se com padre Giobbe que lhe sugere conseguir uma colônia nas proximidades e não partir para as novas colônias e o personagem, nono Cósimo lhe sugere ir a Caxias, procurar o seu amigo Roco, a fim de conseguir um bom negócio. Ângelo decide morar em Caxias, lá seria mais fácil conseguir um bom negócio e também um trabalho, na indústria ou no comércio. Ele e Teresa partem de carroça para Caxias, com um destino certo, a pensão de Roco. Levavam consigo uma arca com as suas roupas e sacos de milho, todos os outros seus bens foram vendidos ao irmão Agostinho. Teresa reservou a cômoda para si, “por nada no mundo se desfaria dela. Um dia viria buscá-la”.¹⁰¹ Durante a emocionada despedida, Teresa diz ao seu sogro Aurélio, que se o filho que está esperando for menina, se chamará Rosa, em homenagem a sua avó.

Roco recebeu pessoalmente em seu albergue os novos hóspedes, Ângelo e Teresa. Na hora do jantar, servido pela sua esposa, “Roco apostava com seu vizinho de mesa que a estação do trem ia ser inaugurada antes do inverno terminar. O outro duvidava. Mas os dois estavam de acordo que Caxias, de agora em diante, ia mostrar o que era progresso.”¹⁰² No final do jantar, Roco convida a todos a jogar cartas. Teresa lembra que é seu costume rezar o terço, e não jogar cartas após o jantar. Percebe que a esposa de Roco, acompanhada de uma outra senhora, iniciam

⁹⁹ BACHELARD. Op.cit., p.91.

¹⁰⁰ POZENATO. Op.cit.(b), p.62.

¹⁰¹ Idem, p. 73.

¹⁰² Idem, p. 78.

a reza do terço. Ela aceita jogar cartas para fazer companhia, mas se sente constrangida.

No dia seguinte. Ângelo levantou cedo e foi até a Intendência para obter informações sobre compras de terras, mas não obteve sucesso no tal órgão público. Saiu a caminhar e ouviu uma conversa, “um homem falava em voz alta no centro de um grupo. Dizia que com a inauguração do trem, daí a pouco mais de um mês, Caxias ia se tornar a terra da promessa.”¹⁰³ Entrou em um bar e pediu um café. Avistou pessoas estranhas e perguntou quem eram. “- Fazendeiros – respondeu o moço, olhando para o balcão. – Fazendeiros? – repetiu Ângelo, sem entender. – Sim, Fazendeiros. Criam bois e ovelhas. Têm muitas terras. Não são italianos como nós. São brasileiros.”¹⁰⁴ Ângelo entendeu que era difícil encontrar terras para comprar, pensou que o melhor, primeiro, seria procurar um trabalho, fazer economia, e mais adiante procurar um bom negócio.

Na pensão, Roco conta à Teresa sobre outros atrativos da cidade, entre eles o Clube, onde passam filmes à noite, as lojas e edifícios, incentivando-a a conhecer a cidade. Enquanto Ângelo tenta resolver a questão do trabalho, Teresa se aventura e sai para passear; se depara com a fábrica de Abramo e depois avista o Clube, e ali é caçoada por algumas moças, sendo chamada de colona.

Ângelo e Teresa ao chegarem precisaram enfrentar uma nova realidade que se apresentava; com certeza a vida na cidade era muito diferente da colônia, fato que a princípio os deixou estupefatos. Há um contraste nos hábitos. Teresa ficou admirada porque o terço ficou em segundo plano em relação ao jogo de cartas, dando a impressão que na cidade tem mais o valor o prazer do que o dever. Ângelo, por sua vez, ao encontrar os fazendeiros-brasileiros, percebe a diferença na sua vestimenta, no seu tipo de atividade econômica, e fica impressionado por que são ricos, mesmo sem cultivar a terra. Da mesma forma, a conclusão da estrada de ferro cria uma grande expectativa, sobre o que esse avanço tecnológico poderia proporcionar para a cidade de Caxias do Sul.

O ano de 1910, em que é inaugurada a estação férrea, marca o início da segunda fase da evolução sócio-lingüística e econômica, proposta por Frosi, caracterizada por uma maior integração com a comunidade brasileira. Os italianos

¹⁰³ POZENATO. Op.cit.(b), p. 80.

¹⁰⁴ Idem, p.81.

adquirem mobilidade geográfica e social e, conseqüentemente, incremento na economia. A presença do cinema também representa um avanço cultural para a cidade.

Por conta das dificuldades encontradas e por estar grávida Teresa se vê obrigada a retornar para Santa Corona, sendo que até Santa Vicenza, parte da viagem, pode ser feita agora de trem. Na chegada é recepcionada por Aurélio, que passa a ser chamado por ela de *nono* e não mais *pupa*, já que em breve será avô. Pierina, que também está grávida resolve visitar Teresa.

Teresa recebeu a prima com abraços e beijos, radiante. A ele estendeu a mão, um pouco cerimoniosa. Máximo assistiu, com ar distante, as trocas de gentilezas das duas numa corrida para ver quem ganhava o filho antes. Ele se sentia esquecido e um pouco irritado. Arrependia-se de ter vindo. Finalmente Teresa pareceu lhe dar atenção:

– E o Máximo, não tem nada para contar?

– Ainda não me deram ocasião – retrucou, sem esconder uma ponta de irritação.

Viu que Teresa recolheu por um instante o sorriso, mas logo se recompôs:

– Vim visitar a minha cômoda. Estava com saudade dela.

Máximo tratou de se mostrar mais cordial, com remorso da agulhada:

– Muito obrigado pela parte que me toca. **Eu estava com saudade era da dona da cômoda.** E o Ângelo, como vai? – acrescentou imediatamente.

– Acho que vai bem. Batendo picareta nas pedras – riu Teresa.¹⁰⁵ (grifo nosso)

No reencontro das primas, aflora novamente um sentimento amoroso entre Teresa e Máximo, já demonstrado no *filó*, quando ele diz claramente que tem saudade da dona da cômoda. Simbolicamente, este móvel continua sendo o elemento que possibilita os dois apaixonados manifestar veladamente os seus sentimentos.

Enquanto isso, em Caxias, Ângelo continua trabalhando e está instalado numa pensão mais barata do que a de Roco. Passado alguns meses recebe, no mesmo dia, a notícia do nascimento da sua filha e de que Batiston, um comerciante e proprietário de terras, tinha uma colônia à venda. Ângelo encontra-se com Ambrósio Batiston na sua casa de negócio. A princípio o comerciante diz que não tenciona vender a colônia porque queria colocar um moinho naquelas terras, mas que dependendo das condições faria o negócio, e propôs:

¹⁰⁵ POZENATO. Op.cit.(b), p. 99.

[...] posso dizer que o preço é uma pechincha. O senhor mesmo vai concordar quando conhecer as terras. São quarenta hectares, metade ainda de mato. Já falei no rio, que vale ouro. **E tem casa, paiol, estrebaria. Tudo pronto para ir morar. É perto de Caxias. Três horas a cavalo.** Vê senhor Gardone, que eu realmente não devia vender essa colônia. Não por menos de cinco contos de réis.¹⁰⁶ (grifo nosso)

Ângelo Gardone fica fascinado com a idéia da compra e mesmo não tendo todo o dinheiro, decide conhecer a colônia. Pensa que o único meio de adquiri-la seria com a ajuda de um sócio. Volta para Santa Corona e faz a proposta de compra da colônia, em sociedade, para Máximo Boschini. Durante a explanação, Ângelo fala de todas as vantagens do negócio, em que o único problema é que a casa precisava de reparos antes de ser habitada, e diz a Máximo:

– Acho que já entendeu. A única solução é comprar em sociedade. Pensei em vocês, que também estão sem terra. Têm as terras do Beppe, mas não é a mesma coisa. A gente trabalha os dois juntos, até pagar a colônia. Depois divide, cada um com a sua escritura. Máximo ficou em silêncio, tirando a felpa imaginária da mesa. Olhou para a mulher. Pierina estava atônita, respirava ofegante. Não era para menos.
– Eu pensei assim: e – continuou Ângelo – **A casa é grande. Depois de arrumada, dá para duas famílias morar juntas.** São só duas crianças. Máximo não acreditava no que ouvia. **Aquilo era mais do que teria sonhado. Na mesma casa com Teresa, e assim caído do céu, sem ele movesse um dedo.**¹⁰⁷ (grifo nosso)

Máximo aceita ser sócio, com a condição de que possa ser construído o mais breve possível um moinho, para que, com os lucros dessa atividade, além das colheitas, pudessem garantir o pagamento da dívida. Ângelo concorda e fala que Teresa já havia aceito a proposta, inclusive, dela e a prima Pierina usarem a mesma cozinha da casa. Pierina questionada pelo marido afirma: “– O que vocês resolverem está bom – disse ela, obediente.”¹⁰⁸

Assim, depois de Gardone ter acertado com o Batiston que o valor total da colônia seria de cinco contos de réis e que a entrada seria de um conto e quinhentos, os dois novos sócios trataram de providenciar o conserto da casa e plantar o milho, no período de setembro a dezembro, para que pudessem levar as famílias para a nova moradia antes do Natal. O que acabou acontecendo, conforme o plano traçado. Chegam em San Giuseppe e são recebidos pelos vizinhos Nane

¹⁰⁶ POZENATO. Op.cit.(b), p. 104.

¹⁰⁷ Idem, p.107.

¹⁰⁸ Idem, p.108.

Mondo e Santina. Depois de se acomodarem e jantarem na nova casa, assim são narrados os sentimentos de Teresa:

À noite, exausta, Teresa podia sentir doendo cada parte do corpo. O menino da Pierina chorava. Quando pôde enfim, ir para o quarto, estirou-se na cama, sem mesmo tirar o vestido emprestado. Antes de apagar a lamparina, contemplou demoradamente a sua cômoda. Ao lado, Rosa dorme no berço feito pelo *nono* Aurélio. No quarto ao lado, Mássimo devia também estar dormindo. Deu um suspiro de satisfação e apagou a luz. Ouviu então o barulho do rio. **Esta era a sua casa. Podia dormir feliz.**¹⁰⁹ (grifo nosso)

Analisando os acontecimentos da história, percebe-se que a aquisição dessas terras e dessa casa se reveste de múltiplos significados. O primeiro, mais evidente do ponto de vista econômico, diz respeito a uma mobilidade, uma ascensão social; os jovens casais passam a ter a sua própria propriedade, ao invés de morar em terras de outrem – Gardone morava na propriedade do pai e Mássimo na do sogro. A posse de um pedaço de terra e da sua própria casa, sempre foi um objetivo fortemente almejado pelos imigrantes e descendentes da RCI, já demonstrado pelas falas dos personagens, na primeira obra da trilogia.

Além disso, a casa para esses dois casais representou o “ninho”, que acolhe a família. De acordo com Bachelard: “o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz.”¹¹⁰ Mássimo já havia pensado na alegria de estar morando na mesma casa com Teresa, ainda quando o negócio estava por ser feito, e Teresa por sua vez fica contente por ele estar dormindo no quarto ao lado. Pode admirar tranquilamente a cômoda feita por ele, morar na mesma casa sugere que algo está para acontecer entre eles.

De acordo com os planos, o moinho foi desenhado e construído sob a orientação de Mássimo, com auxílio da comunidade San Giusepe, que será beneficiada com a instalação desse empreendimento. Ângelo encontra uma maneira de quitar a dívida, trabalhando na lavoura, com o serviço da moagem da farinha e tomando emprestado o dinheiro dos colonos, pagando baixos juros, revelando a sua veia de capitalista.

¹⁰⁹ POZENATO. Op.cit.(b), p.113.

¹¹⁰ BACHELARD. Op.cit., p.26.

Na divisão das tarefas domésticas, Teresa ficou responsável pela cozinha e de cuidar das crianças, enquanto Pierina fazia a limpeza e arrumação da casa, considerado o serviço mais pesado. Máximo ficou responsável pelo moinho e Ângelo com o resto, e pelas transações fora de San Giuseppe. Da maneira como as coisas ficaram acomodadas, criaram-se oportunidades para os encontros de Teresa e Máximo, que iniciaram no moinho, instalado próximo ao rio, e que culminou numa ardente paixão. Pierina, em casa, sem desconfiar do romance do marido com Teresa, divaga:

A Teresa estava demorando. Era sempre assim. Quando saía, para ir até o rio, ou na casa de algum vizinho, parecia que não ia mais voltar. A Teresa não era de ficar em casa, como ela. Até era melhor, assim não ficavam as duas se empurrando. **Duas mandando na mesma casa não dá certo.** No começo ela tivera receio, até chegara a pensar em ter tudo separado. Mas a prima deixara a casa por conta dela e se encarregara da comida, e assim ficou. Uma não metia o nariz no que a outra fazia. Varrer, lavar, esfregar o chão, ninguém fazia melhor do que ela. [...] Também ele e o Ângelo tinham dividido as tarefas. Um cuidava do moinho e o outro do resto, e o que ganhavam era de todos. Nem numa família, pensou Pierina, as coisas poderiam dar tão certo. Não podia acreditar que os dois estivessem brigados. **Se a escritura não saía é porque ainda não era a hora.**¹¹¹ (grifo nosso)

O pensamento de Pierina revela que o poder é uma prática social e que circula nas relações sociais. O fato de cada cônjuge ter as suas atividades bem definidas, e não sobrepostas, proporcionava a cada um o domínio sobre um determinado espaço. Esse esquema, na idéia de Pierina, parecia funcionar. Havia um conjunto de ações de uns sobre os outros, sem aparentar conflitos no exercício do poder. Na comunidade italiana, os papéis masculinos e femininos eram muito bem definidos, competindo ao homem as tomadas de decisão relativas a negócios, ao tipo de atividade agrícola. Ele detinha o dinheiro na mão e o rendimento das safras estava sob a sua administração. Para a mulher, restava, aparentemente, apenas o domínio da casa e do e o seu entorno. Fazia a lida doméstica, cultivava a horta, tratava dos animais, e também trabalhava na roça. No entanto, exercia o seu poder de forma velada, dando opiniões, por vezes decisivas, e vendendo os produtos coloniais produzidos por elas, a fim de arrumar alguns trocados. A preocupação de Pierina, em relação à feitura da escritura era pertinente, pois ela sabia que tal documento garantiria a posse legal da terra e das benfeitorias.

¹¹¹ POZENATO. Op.cit.(b), p.140.

Ampliando os negócios, Ângelo se torna sócio de Stchopa, proprietário do armazém da localidade. No dia da festa de San Giuseppe, padre Gentile conversa com Ângelo, considera-o uma pessoa bem sucedida na localidade, convida-o para a diretoria da igreja, e também aproveita para comentar sobre a necessidade de construção da nova igreja. Ele aceitou a proposta do padre, essa nova posição apesar de contabilizar despesas, não previstas, também lhe garantiria *status social*.

Teresa, logo após a festa de San Giuseppe, vai a Caxias levando consigo a sua filha Rosa, colocando em prática o plano de fuga que vinha sendo articulado por ela e Máximo há meses. Ângelo pensava que a esposa estava visitando os parentes em Santa Corona. Máximo, com o pretexto de fazer as compras necessárias para o Moinho e para o armazém, parte para Caxias na companhia de Stchopa. Teresa o aguardava havia dois dias, no Hotel Menegotto.

Quando chegaram na cidade, observaram nas ruas o movimento das carroças, dos cavaleiros e das carruagens. “Na praça da igreja, em frente ao Hotel Menegotto, amarraram as mulas. Máximo quisera que Teresa esperasse bem instalada no melhor hotel de Caxias.”¹¹² Teresa recebe Máximo na portaria, e quando Stchopa viu os dois de braços dados ficou pálido, assustado. Máximo mandou que ele fosse cuidar dos negócios e que estivesse à uma hora da tarde na estação de trem. Ele, Teresa e Rosa, almoçaram na casa do velho Roco. Na estação de trem, Stchopa já os aguardava. Máximo foi incisivo com o sócio dizendo a ele que não retornariam a San Giuseppe e que não tinham destino certo. “Quando deu o sinal de embarque, abraçou Teresa e deu-lhe um longo beijo na boca. Era a última lembrança que queria deixar deles. Fizesse o Stchopa bom uso dela.”¹¹³

Stchopa chega a San Giuseppe à noite. Ainda em estado de choque, é recebido por Gardone que estava dormindo e se sente incomodado. Stchopa conta o que viu, Ângelo atônito manda-o embora. Com o barulho, Pierina levanta e Ângelo conta a notícia. Numa mistura de sentimentos de raiva, dor, espanto, ambos estão atônitos, não imaginavam que um dia isso pudesse acontecer. Depois de blasfemar, “No silêncio, Ângelo chegou a temer que a casa, em castigo, caísse por cima dele.

¹¹² POZENATO. Op.cit.(b), p.156.

¹¹³ Idem, p. 158.

Acabava de desafiar o céu, a santa mãe de Deus. Para o seu espanto, nada aconteceu.”¹¹⁴ Pierina, mesmo diante da dor, tem uma postura pragmática:

E agora? Agora não adiantava querer tirar leite da orelha da vaca. **A casa caiu e pronto.** O jeito era erguer tudo de novo. O marido quis ir ao diabo, que fosse! Ela nada tinha com isso. Ele que acertasse as contas lá com Deus. Quem faz por sua cabeça, paga do seu bolso. Para ela, Mássimo estava morto e enterrado. Não tivessem morado na mesma casa, até ontem, era capaz de jurar que ele não existia. Não ia tirar o leite de orelha de vaca. Saberá pôr cada coisa no seu lugar.¹¹⁵ (grifo nosso)

A história teve uma grande repercussão na comunidade. Pierina e Ângelo continuam morando na mesma casa, e Joanin que trabalhava no moinho, filho dos vizinhos, Santina e Nane Mondo, passou a morar com eles. Padre Giobbe, que não estava em San Giusepe, recebe um bilhete escrito por seu sobrinho, entregue por Roco a Cósimo, que por sua vez o entregou ao padre. Os dois conversam:

– É uma história meio cabeluda, padre vigário. Parece que o seu sobrinho roubou a mulher do Gardone e fugiram. Pegaram o trem até Porto Alegre e de lá iam para São Paulo, Rio de Janeiro, Argentina. Não sabiam, ou não quiseram dizer. Almoçaram na casa do compadre no dia em que foram embora. O Roco disse que estavam muito contentes. Pareciam estar casados há tempo.

– Imagino, imagino – disse o padre Giobbe. – Quer dizer que o caso vinha de longe?

– Não sei, isso não sei – retrucou o velho Cósimo, ajeitando os bigodões brancos. – **Sei que eles moravam todos na mesma casa, os dois casais.** Padre Giobbe apoiou a mão no queixo, estupefato:

– Não me diga, Cósimo. Não me diga.

– Eles já saíram daqui acertados assim – tornou o velho. – E a proposta, se não me engano, foi do Gardone.

– E esse Gardone – quis saber o padre Giobbe – continua morando na mesma casa com a, com a, com a outra?

– Com a Pierina? Não sei, mas acho que sim. **Eles só tinham uma casa.**¹¹⁶ (grifo nosso)

Ao final da conversa, Cósimo acrescenta:

– Nunca tinha visto uma história como essa – comentou o velho Cósimo se despedindo. – parece um jogo de quatrilha.

– Jogo de quatrilha? – perguntou o padre sem entender.

– Sim – riu o Cósimo. – **Cada mão de cartas, troca de parceiro.**¹¹⁷ (grifo nosso).

¹¹⁴ POZENATO. Op.cit.(b), p.158

¹¹⁵ Idem, p. 165.

¹¹⁶ Idem, p.175.

¹¹⁷ Idem, p.179.

Diante desses acontecimentos e da reviravolta que se sucede na história, a casa tem um papel decisivo; foi um elemento facilitador para a concretização do romance. A casa, ao mesmo tempo que garantia o abrigo, a segurança, a estabilidade, poderia se tornar, também, um embuste, uma armadilha. Bachelard, metaforizando, escreve: “assim como há casas que são ciladas, há conchas – armadilhas.”¹¹⁸ Assim como as conchas, as casas se abrem e se fecham, elas abrigam e expulsam, há sempre um vai e vem de vivências e sentimentos.

Ângelo Gardone e Pierina Boschini passaram a viver maritalmente, e Joanin retorna a sua casa. Padre Gentile não aprova, e aconselha Gardone a afastar-se de Pierina. Isso não acontece. Pierina engravida e ambos pensam sair de San Giusepe. O padre Gentile articula um movimento para que na comunidade ninguém mais faça negócios com Gardone, e o destitui da diretoria da igreja. Essa atitude do padre os isola da comunidade, forçando Ângelo a buscar negócios em outras localidades. A situação fica insustentável para o casal. Pierina, antes da missa, em que todos estavam presentes, dirigiu-se à sacristia e enfrenta corajosamente Gentile, no seu desabafo, o chamou de padre falso devido a sua maledicência em relação ao casal.

Gardone é obrigado a permanecer fora de San Giusepe por vários meses, em busca de alternativas para os seus negócios. Pierina fica em casa sozinha com os quatro filhos. Num desses dias,

À noite, com as crianças acomodadas na cama, viu uma lanterna que se aproximava. Pegou **a espingarda no prego e apagou o lampião da cozinha**. Agachada atrás do fogão, ficou esperando. **O primeiro que arriscasse a entrar, pelo menos levava uma carga de chumbo**. Com o coração saltando pela boca, ouviu as vozes se aproximando. Alguém disse: ‘acho que ela já foi dormir’. Parecia a voz da Santina.

– Pierina – ouviu então – está acordada?

Reconheceu a voz do vizinho, o Nane Mondo. Assim mesmo não respondeu. Aquele cachorro era igual aos outros.

– Pierina! – Chamou Nane Mondo, de novo.

– Pára aí senão eu atiro – gritou Pierina, sentindo o corpo todo arrepiado.

– Calma, Pierina – gritou Nane Mondo. – É de paz!

– Então vem devagar. Um por vez – gritou ela.

Pierina esperou uma eternidade. Sentiu a boca seca. De repente o Nane apareceu na porta da cozinha, com as duas mãos erguidas, a lanterna iluminando o rosto.

– Onde é que está, Pierina? – perguntou, assustado.

¹¹⁸ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.135.

– Espera aí – disse ela. Levantou-se de trás do fogão e caminhou para a porta, sem largar a espingarda.¹¹⁹ (grifo nosso)

A casa de Pierina subjetivamente sofre uma transformação, de abrigo, ninho, passou a ser o palco da cilada, e agora adquire ares de fortaleza. Como um reduto, a casa mantém seguros os seus habitantes. Concordando com a visão de Bachelard, “o refúgio contraiu-se. E, mais protetor tornou-se exteriormente mais forte. De refúgio passou a reduto. A choupana transformou-se em fortaleza da coragem para o solitário que nela deve aprender a vencer o medo.”¹²⁰ Pierina guarda a sua espingarda, atende os seus vizinhos que só puderam ir visitá-la, depois que o padre Gentile mandou dizer que terminou o tempo do castigo para o casal. Pierina diz que o casal tem a idéia de comprar um armazém e morar em Caxias, o que acaba ocorrendo.

O último capítulo da obra “O Quatrilho” inicia na casa nova de Pierina e Ângelo, localizada no centro da cidade, com um almoço oferecido justamente ao padre Gentile, enquanto ela se arruma no seu quarto, reflete:

Afinal de contas, tinham construído uma das melhores casas de Caxias. Toda de pedra e tijolo com dois andares, portão de ferro trabalhado, enfeites em cima da porta e das janelas. Ela mesma gostava de parar na frente, do outro lado da rua, para ficar admirando. **E era a sua casa que todos olhavam com inveja.**¹²¹ (grifo nosso)

Do seu quarto se dirigiu à sala:

Passou à sala, fazendo a última inspeção. **Tudo estava em ordem.** Nenhum pó nos móveis, os sofás alinhados, o espelho brilhante. Na sala de jantar, contemplou orgulhosa, os copos de cristal enfileirados sobre a toalha de linho, os pratos em porcelana inglesa, os talheres de prata. **Tudo brilhava.** Pierina gostava de coisas brilhantes. Ia passar à cozinha, para ver como estava a empregada com o almoço, quando ouviu tocar a campainha. Sorridente, retornou à sala.¹²² (grifo nosso)

O padre Gentile é recebido por Pierina e ao dar a bênção na casa diz: “- Belche fato – anunciou, retornando à sala. – Mas que bonita casa! Meus parabéns!”¹²³ Pierina se sente vitoriosa e ao apresentar os filhos diz: “– Estes dois – disse

¹¹⁹ POZENATO, Op.cit.(b), p.193.

¹²⁰ BACHELARD. Op.cit., p. 62.

¹²¹ POZENATO. Op.cit.(b), p. 203.

¹²² Idem, ibidem.

¹²³ Idem, p. 204.

apontando – são os mais velhos. Esses são Boschini, o Lourenço e o Máximo. Os outro sete são Gardone. Os meus sete pecados capitais – acrescentou ferina.”¹²⁴ Em seguida o almoço foi servido.¹²⁵

Padre Giobbe, que mora com padre Gentile, na canônica do centro da cidade, recebe uma bela carta de Teresa contendo uma foto da família: Máximo, Rosa e seus dois outros filhos. A mãe de Teresa, Julieta, que nesse momento se encontra na casa canônica, diz sentir-se culpada pela situação, por Teresa ter sido fruto de uma relação fora do casamento. Padre Giobbe a consola e lhe absolve. Mário, o jovem padre o chama para o almoço. Pensa que seria uma oportunidade para contar essa história ao jovem, como entretenimento e como lição. Finalizando o romance, padre Giobbe, introspectivamente, analisa:

Mas que lição? Era uma história incomum, e exatamente por isso sem sentido. Importantes eram as coisas que todos vivem e que, de tão comuns, nunca vêm à tona. Pensando melhor, não contaria essa história ao padre Mário. E a mais ninguém.¹²⁶

A casa de Pierina e Ângelo, em Caxias, representa o máximo que um imigrante poderia conseguir. Ao saírem do espaço rural para o urbano fazem uma grande mudança de hábitos, de atitudes, de comportamento, na casa tudo passa a ser mais refinado. A casa simboliza o status social alcançado. No aspecto construtivo, faz parte do período do apogeu. Os espaços são bem definidos e cada um corresponde a uma função, a sala corresponde ao social, o quarto ao íntimo e a cozinha ao serviço. O período corresponde a segunda da fase da evolução sócio-lingüística e econômica, em que há um expressivo desenvolvimento econômico, a casa representa a prosperidade de alguns imigrantes italianos.

Dessa forma, no romance “O Quatrilho”, os aspectos subjetivos, relacionados ao espaço de habitar, são predominantes em relação aos aspectos objetivos. A casa passa por mudanças; primeiramente atende as necessidades fisiológicas e de segurança, depois de pertinência e de estética. A casa que abrigou os protagonistas

¹²⁴ POZENATO. Op.cit.(b), p. 204.

¹²⁵ Através da breve descrição dos ambientes (há um refinamento nos objetos), o número de filhos do casal (partiram de San Giusepe com quatro filhos e agora fazem parte da família nove filhos), a revelação da personagem Pierina ao padre Gentile, que está com quarenta e cinco anos, o uso da campanha pelo padre (a energia elétrica chegou em Caxias em 1913), pode-se deduzir que o romance que teve seu início na década de dez, chega ao seu desfecho na década de trinta.

¹²⁶ POZENATO. Op.cit.(b), p. 211.

da história, se mimetiza, é um ninho, o abrigo das famílias que se transforma numa armadilha para o casal de amantes, para depois tornar-se uma fortaleza, protegendo aquela que foi traída, pela prima e pelo marido. E por fim, a casa construída na cidade, representou a virada do casal sobre todas as adversidades. Revestida do mais belo, do bom e do melhor, é um troféu que podem exibir à sociedade, como símbolo de uma vitória.

3.4 A Babilônia

O último romance da trilogia continua, dando seqüência ao segundo livro, retratando o destino dos casais que trocaram de parceiros, e a vida dos seus filhos, representantes da terceira geração dos imigrantes italianos. O romance, “A babilônia”,¹²⁷ dá voz às questões políticas e ideológicas, atinentes a RCI, enfocando o cenário nacional e internacional. Tem como pano de fundo o capitalismo instituído nessa sociedade. O romance sugere estar ambientado no período 1934 a 1942, iniciando no período de realização de uma Festa da Uva,¹²⁸ em Caxias do Sul, e termina mencionando a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

A história começa mostrando a vida cotidiana do personagem padre Giobbe, o mesmo que encerrou “O Quatrilho”, com suas reflexões a respeito da natureza humana. Padre Giobbe, de idade avançada, mora na casa canônica com o padre Gentile, seu único compromisso é rezar a missa matutina no hospital e atender os doentes. Com dificuldades de andar, utiliza um Ford modelo 1930, guiado por Ambrósio, para ir até o hospital. No retorno da sua missão, padre Giobbe, já podia ouvir o rádio ligado na casa canônica:

Padre Giobbe detestava o rádio, mas não tinha como fugir da tortura. O silêncio, com o qual se acostumara a vida inteira, não existia mais em lugar nenhum. As pessoas não sabiam mais viver sem algum barulho atordoando os ouvidos. Quando o cônego Gentile estava em casa ouvia os noticiosos

¹²⁷ Grande confusão ou algazarra em que todos falam e ninguém se entende.

¹²⁸ “Caxias inaugura hoje a IV Festa da Uva, glorificação justa e magnífica do trabalho agrícola dos seus habitantes e mostra admirável, ao mesmo tempo, do adiantamento e da perfeição que atingiu a vitivinicultura na zona colonial italiana. Revive, assim, a bela cidade colonial, a pompa das festas helenas a Dionisius e a alegria rumorosa e pitoresca com que o velho Lazio comemorava a vindima para agradecer a Baco a colheita opina e ao vinho generoso” (Diário de Notícias, Porto Alegre, p.12, fev.1934). RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. **Festa & Identidade**: como se fez a Festa da Uva. Caxias do Sul: EDUCS, 2002, p.99.

de todas as estações. Quando ele não estava era a empregada quem ouvia músicas o dia todo, pela “onda sonora da Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro”. De tanto ouvir, até ele aprendera de cor alguns sucessos do carnaval, a marchinha “morena, linda morena que me faz penar, a lua cheia, que tanto brilha, não brilha tanto como o teu olhar”. Mas essa era do ano anterior. O sucesso de 1934 era o “O orvalho vem caindo”, de Noel Rosa.¹²⁹

O padre Giobbe ainda podia ouvir pela voz do *speaker*: “‘Sua casa ainda não tem telefone?! Ele é uma exigência da vida moderna’. Na mesma voz empolada, em que pôs um tom sarcástico, padre Giobbe retrucou: Nossa casa já tem telefone! Já temos vida moderna!”¹³⁰ Durante a primeira refeição do dia, os padres conversam sobre questões políticas internacionais, padre Giobbe ainda guarda algumas atitudes dos tempos de penúria.

O Cônego Gentile tomou um café frugal e levantou-se da mesa avisando à empregada que não voltaria para o almoço. Padre Giobbe tornou a encher a taça com leite e café. Juntou os farelos de pão, no prato e na toalha, com a ponta do dedo, e levou-os à boca. Não era fome. Nem excesso de economia. Apenas um cacoete adquirido no tempo em que nada podia ser jogado fora, porque podia fazer falta no dia seguinte. **Os tempos eram outros, eram tempos de fartura, mas a ponta dos dedos não esquecia a fome passada.**¹³¹ (grifo nosso)

O progresso assistido por padre Giobbe, não é obra do acaso, as tecnologias existentes decorrem a partir das necessidades do homem, das descobertas científicas e da consolidação do capitalismo como sistema econômico. Na década de 30, o automóvel, o rádio e o telefone, já estavam a serviço de muitas pessoas na RCI, período correspondente a segunda fase do processo sócio-econômico e cultural, demarcada por Frosi, em que há um crescimento econômico na região, dado pela comercialização e industrialização dos produtos agrícolas. “No âmbito interno da região, muitos colonos prosperam e atingem um nível econômico elevado, urbanizam-se.”¹³² É o caso do casal Gardone: Ângelo e Pierina deixaram de morar na colônia e faz cerca de vinte anos que estão na cidade. A família mantém alguns costumes da vida rural mesclados com os da vida urbana:

Pierina ia aproveitar o dia para comandar uma faxina geral na casa. Ontem tinha chegado ao fim sua tarefa de verão: fazer a marmelada, num tacho em cima de tijolos, nos **fundos** da casa. O tacho ficava na sombra das árvores,

¹²⁹ POZENATO, José Clemente. **A babilônia**. Caxias do Sul: Maneco, 2006 (c), p.12.

¹³⁰ POZENATO. Op.cit.(c), p.13.

¹³¹ Idem, p.16.

¹³² FROSI, Op.cit.(a), p.38.

mas assim mesmo ela quase cozinhava junto com o figo, a uva, o marmelo. Era uma semana de sacrifício. Mas fazia por gosto. Atrás da casa tinha quase todas frutas de que precisava, como na colônia. [...] Do trabalho não tinha medo. Para ajudar tinha a Igenes, uma menina que trouxera da colônia para criar, e basta. Uma vez por semana pagava faxineira. Precisava, a casa era grande, não dava conta sozinha. As filhas tinham que estudar, aulas de piano, francês, sempre cheias de compromissos.¹³³

Numa manhã, em sua casa, Pierina recebe dona Gervásia que deseja ter uma conversa em particular. As duas se dirigem ao quarto, para que a faxineira não possa escutar a conversa. Pierina mostra com orgulho o novo mosquiteiro bordado que mandou comprar em Porto Alegre. Por sua vez, dona Gervásia oferece produtos de beleza da marca Coty para Pierina, que diz não precisar. No entanto, o que a conhecida vem realmente dizer a Pierina é que o seu filho mais velho, Lourenço Boschini, que estuda Direito em Porto Alegre, é comunista. Pierina fica apavorada, e no dia seguinte se dirige até a canônica para conversar com o padre Giobbe. Ela pretende que o padre dê alguns conselhos para o seu filho Lourenço, que está de férias acadêmicas.

No mesmo dia, como de costume, após o jantar com toda a família, constituída de dois enteados, e seus sete filhos com Pierina, Ângelo Gardone se dirige a uma saleta, que chamava de escritório. Pensa que os negócios na sua empresa de produtos alimentícios estavam indo bem, apesar da crise mundial, ocasionada pela queda da bolsa em Nova York. Observou que havia sido marcado no jornal um anúncio de venda de telefone, e pensou:

Pierina, ou algum dos filhos, estava em campanha para ele colocar um telefone dentro de casa. Não iam convencê-lo tão fácil, isso era um luxo sem necessidade. Na firma, sim. Hoje em dia era impossível fazer negócios sem telefone. Ficaria comendo a poeira dos concorrentes. 'Abandonada', dizia o anúncio. Estava falando para as mulheres: 'abandonadas na ilha'. Presas em casa. Era um truque de vendedor. Esperto, muito esperto. Convencia a mulher, a mulher convencia o marido, vinha o telefone para dentro de casa, as vizinhas ficavam sabendo, não iam suportar o ciúme, iam querer o seu. Desde que comprara as terras do Batiston, por cinco contos de réis, aprendera muito sobre como funcionava o comércio, não ia cair nessa lábia. Pierina teria caído? Na colônia, no meio do mato, aquilo sim era viver abandonado. Em caso de morte, só tinha o sino para dar aviso. Pierina nunca tinha sido de luxos, de despesa sem necessidade, por que ia agora querer telefone dentro de casa? Só para falar com as amigas? Nem tinha tantas amigas. Mas enfim, ela podia estar precisando mostrar que era moderna. **Em poucos anos até ele, que vivia na roça, tinha se acostumado com automóvel, com gramofone, com**

¹³³ POZENATO. Op.cit.(c), p. 17.

eletrola, com geladeira, com rádio. Nem conseguia mais imaginar como dava para viver sem tudo isso.¹³⁴ (grifo nosso)

Constata-se, a partir da narrativa, que a casa de Ângelo e Pierina é equipada com os aparelhos existentes na época e acessíveis a uma determinada classe social. Ângelo, ao expressar que não sabe como viviam sem essas modernidades, sugere que já está adaptado ao meio urbano. A existência dos aparelhos elétricos denuncia, igualmente, a existência de circulação de mercadorias, produzidas no Brasil e no exterior. O seu rádio, a sua geladeira, provavelmente seriam das marcas Zenit e General Eletric, produtos importados. Pierina também incorporou hábitos urbanos, como o de poder contar como auxílio de uma empregada; suas filhas já não ajudam nos serviços diários, como acontecia na colônia, elas devem freqüentar aulas de música e língua estrangeira. Para Pierina, o seu universo era a sua casa. Os acessórios da casa podem ser comprados em Porto Alegre, e já é possível adquirir um telefone. A casa acolhe funções mais específicas, não apenas existe o espaço social, mas também o social íntimo, como por exemplo, o escritório de Gardone.

O personagem Ângelo Gardone, vivendo na cidade, agora podia contar com o conforto que os avanços tecnológicos proporcionavam, nem ele mais se imaginava vivendo como no passado. Pierina entra no escritório, serve o chá, e diz estar preocupada com o Lourenço. Ângelo se refere ao enteado, como fosse realmente uma ameaça, uma vez que Lourenço já havia lhe perguntado como havia sido a partilha dos bens dos casais quando se separaram. Para Ângelo, os que partiram, Teresa, sua legítima esposa, e Mássimo, legítimo esposo de Pierina, não teriam direito ao capital adquirido.

No dia seguinte, Pierina convence Lourenço a conversar com padre Giobbe sobre o comunismo, e que ele vá visitar a fábrica do seu pai, a Productos Alimenticios Gardone. Lourenço pensou em dizer a sua mãe que o seu pai era um Boschini, e não um capitalista explorador, mas achou melhor acatar os pedidos da mãe. Ao visitar a fábrica constatou as práticas de exploração adotadas em relação aos empregados, o que conhecia apenas na teoria.

¹³⁴ POZENATO. Op.cit.(c), p.29-30.

Durante a Festa da Uva, realizada na praça Dante Alighieri, Lourenço Boschini conhece Sílvia, professora em San Giuseppe e filha de Mário Stranieiro, comerciante conhecido de seu padraço. Na praça “os artigos exibidos, dos vinhos à cutelaria, eram mostra da pujança das colônias, do trabalho tenaz do imigrante italiano, alardeava a propaganda da festa.”¹³⁵ A significativa produção mostrava que estava surgindo em Caxias uma classe operária. “O programa anunciava para o fim da tarde um curso de automóveis e batalha de flores. Mas nada disso lhe despertava interesse. Sílvia parecia ter mudado todas as coisas de lugar na sua hierarquia de preferências.”¹³⁶

Depois de ter participado ativamente da festa, vendendo cestinhos de uvas e atendendo os visitantes, Sílvia chegou em casa tarde da noite:

Na cozinha não havia mais fogo, apenas o cheiro de cinza quente, mas a luz estava acesa para esperá-la. [...] A água da chaleira ainda estava morna, podia fazer uma salmoura. Arrastou a gamela de madeira para perto do banco, jogou nela um punhado de sal grosso e despejou água.¹³⁷

Enquanto Sílvia descansava os pés na salmoura, método tipicamente utilizado pelos imigrantes italianos para relaxar depois de um dia extenuante, tia Bela entra na cozinha e conversa com Sílvia, perguntando como tinha sido o seu dia. Sílvia acaba revelando que conheceu um rapaz chamado Lourenço.

A Tia Bela, já com quarenta anos, assim chamada pelos sobrinhos, morava no Rio de Janeiro, e veio a Caxias participar da Festa da Uva. Casou-se aos dezesseis, teve uma filha, e logo descobriu que o seu marido era um aventureiro. Não restando outra solução para o seu caso, decidiu ir morar com a filha no Rio de Janeiro e começar uma vida nova. “Como tinha sido o pai, ela era agora também uma imigrante recomeçando a vida em outro lugar no mundo.”¹³⁸ Por ocasião do banquete oficial da Festa, sentam-se próximas na mesma mesa, Tia Bela, Sílvia e Pierina. Conversam sobre o Rio de Janeiro, e Sílvia diz a Pierina ter conhecido o seu filho.

Gardone participa de uma reunião dos que são adeptos ao fascismo de Benito Mussolini. Diziam que os homens de negócios deviam estar metidos na política. Na hora do almoço, Lourenço pergunta ao padraço: “- Quer dizer que temos

¹³⁵ POZENATO. Op.cit.(c), p.45.

¹³⁶ Idem, ibidem.

¹³⁷ Idem, ibidem.

¹³⁸ Idem, p. 59.

um novo fascista na cidade?”¹³⁹ E a discussão assim prossegue depois de trocarem farpas e de Ângelo dizer que exigia respeito na sua casa, e que nela não havia lugar para comunista.

- Sua Casa? – prosseguiu Lourenço friamente. – Esta casa é tanto dos Gardone quanto dos Boschini. Tenho tanto direito nela como o senhor.
- Esta casa é da família Gardone. E não vai ser entregue aos vermelhos.
- Então – tentou rir Lourenço Boschini – como sempre suspeitei, estou na família errada. Vou procurar minha família certa.
- Já vai tarde – berrou Gardone, descontrolado.¹⁴⁰

Lourenço sai de casa e se dirige a praça procurando o banco onde teve a sua primeira conversa com Sílvia. Sentia ter “rompido de vez as amarras com seu mundo pequeno-burguês. Estava pronto para ser um revolucionário.”¹⁴¹ Decidiu ir até a casa de Sílvia, disse ter sido expulso de casa por Ângelo, e comenta que vai se instalar na Pensão Central, e que não aceitaria dinheiro dos “velhos”.

A saída de Lourenço de casa demonstra uma mudança de valores. Não tem receio de enfrentar o padrasto, que tem convicções contrárias as suas. A disputa pela posse da casa revela que o espaço de habitar, mais uma vez passa pela questão da relação de poder. A definição dos legítimos herdeiros gera uma celeuma. Lourenço querendo fazer justiça, diz que a casa é de todos, no entanto, Gardone, ignorando as leis, crê que a propriedade lhe pertença de direito e de fato. Para Lourenço, permanecer na casa significaria aceitar os conceitos do padrasto; ao invés, sair de casa, significa uma ruptura dos padrões capitalistas. A casa, para ele, perdeu o valor de pertinência.

Lourenço passa a morar na Pensão Central e lá conhece Justino Andreani, ex-seminarista, que trabalhava como caixeiro em uma loja, mas tinha um gosto especial pelas palavras. “Economizava agora para comprar uma máquina de datilografia. As palavras adquiriam um brilho novo em letra de máquina.”¹⁴²

No transcórre da história, na casa de Gardone:

Quando Ângelo na hora do chá, depois da janta, abriu diante dela a caixa com o telefone novo, Pierina teve certeza. Ele tinha mesmo outra mulher.

¹³⁹ POZENATO. Op.cit.(c), p.70.

¹⁴⁰ Idem, p. 71.

¹⁴¹ Idem, p.72.

¹⁴² Idem, p.76.

Olhava o aparelho preto e brilhante, mas só essa idéia martelava a sua cabeça. Então era verdade.

– Não gostaste? Achei que ias gostar. Pediste diversas vezes.

– Gostei, gostei. Estava fazendo falta – fez ela sem entusiasmo.

Ângelo fechou a caixa, desenhado. Pierina deu de ombros e voltou para a cozinha. Não ia esconder o que sentia. Era uma tristeza grande, muito grande, e vontade de chorar que nem criança.

Pierina percebe que Gardone tem amantes, pensa numa possível separação, mas como o casamento não foi legalizado, sabe que perderá tudo com essa dissolução. Sílvia procura Lourenço na pensão Central, e ele lhe diz que o seu compromisso era com a revolução do proletariado e que não poderia assumir um relacionamento com ela. Terminada a Festa da Uva, retorna a rotina, Sílvia retoma suas atividades como professora em San Giusepe e Lourenço se instala na pensão Amazonas, em Porto Alegre, e consegue um emprego no jornal. “Mudou-se para o quarto da pensão, com a cama, o guarda-roupa de duas portas e a mesa minúscula. O banheiro era no fim do corredor. O quarto ficava no topo de uma escada com os degraus gastos.”¹⁴³ O lugar era fétido, cheirava a mofo e a urina, Lourenço se depara com essa nova realidade. Na sua trajetória de comunista convicto, irá habitar em várias pensões. Esse espaço de habitar transitório atende apenas as necessidades fisiológicas e de segurança. Nele não são encontrados os valores de amor, pertinência e muito menos de estética.

Em Caxias, Sílvia perde o seu pai, que se suicida. Ele foi velado na sua própria casa. Após o enterro,

Sílvia trancou-se no gabinete. Assim o pai chamava a saleta onde tinha seus papéis e seus livros. Eram muitos livros, uma estante cheia. Por isso a saleta era também chamada de a biblioteca. Sílvia lera todos ou quase todos eles. Era a única dentre os cinco irmãos a se interessar pela biblioteca do pai e talvez por isso escolhera ser professora, já seu pai achara difícil demais para uma mulher ser advogada.[...] Sílvia sentou-se à escrivaninha com um suspiro. Ali estavam o tinteiro, a caneta e o mata-borrão em linhas, tristes, de repente abandonados por seu dono.¹⁴⁴

Da mesma forma como os cômodos da casa, os seus objetos também guardam significados. É o espaço da biblioteca com seus livros que possibilitam uma aproximação, mesmo se imaginária, de Sílvia com o seu pai que já partiu. Bachelard refere que: “a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na

¹⁴³ POZENATO. Op.cit.(c), p.105.

¹⁴⁴ Idem, p.114-115.

narrativa da nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos.”¹⁴⁵ As memórias de um casa “transportamo-nos ao país da infância imóvel, imóvel como imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção.”¹⁴⁶

Após o falecimento do pai, Sílvia visita Lourenço em Porto Alegre. Depois de jantarem e assistirem um filme, ele a deixa no Hotel dos Viajantes. Um outro acontecimento triste abala a cidade. Padre Giobbe vem a falecer e é considerado um santo pela comunidade. No seu velório estavam presentes os representantes de todas as facções “partidários do fascismo, do integralismo, do getulismo e até mesmo do comunismo.”¹⁴⁷

Lourenço retorna a Caxias já com o codinome de Bruno Boeira, encontra-se novamente com Sílvia na pensão Central; estava indo em missão para o Rio de Janeiro e Sílvia deu-lhe o endereço da Tia Bela. Antes de chegar a seu destino, deseja conhecer a casa do seu pai Máximo Boschini, em São Paulo:

O trem parou na Estação da Luz rangendo os freios. Bruno Boeira saiu para a gare fartamente iluminada, que fazia a noite clara como o dia, conforme a predição de Thomas Edison. Eis uma grande cidade industrial moderna, pensou, com seu modo de penetrar em mundos desconhecidos com segurança. Um conceito bem definido clareava a realidade mais que as lâmpadas elétricas. Eis uma cidade industrial moderna, com seu brilho ostentatório e, nas sombras, a luta de classes. Esse brilho dava ao proletariado a ilusão de estar usufruindo as benesses do progresso capitalista, e portanto criava a alienação. Mas por outro lado revelava do quanto era capaz o trabalho humano.¹⁴⁸

O progresso da cidade de São Paulo impressiona o personagem; instala-se na pensão Universal, próxima da estação e obtém o endereço de seu pai na companhia de Força e Luz. No quarto da pensão “além da cama de ferro com o cobertor cinza, havia o criado-mudo, e no canto, a mesinha com jarra de água, bacia e sabão. Os lençóis estavam limpos, talvez não fossem comidos pelos percevejos. Estirou-se na cama e acendeu um cigarro.”¹⁴⁹ O narrador apresenta mais uma

¹⁴⁵ BACHELARD. Op.cit., p.25.

¹⁴⁶ Idem, ibidem.

¹⁴⁷ POZENATO. Op.cit.(c), p.127.

¹⁴⁸ Idem, p.140.

¹⁴⁹ Idem, p.142.

descrição do espaço de habitar transitório – a pensão – que parece estar em melhores condições do que a de Porto Alegre.

Lourenço “chegou na Barra Funda já no final do dia. O endereço que obtivera na Força e Luz coincidia com o de um sobrado de janelas verde, pequeno jardim na frente e portão de ferro. Parecia-se com todos os sobrados da rua.”¹⁵⁰ É recebido por Teresa, seu pai está na cidade a negócios; além de Rosa conhece seus outros dois meio-irmãos Aurélio e Guilherme. Conta à Teresa que Pierina casou com Gardone, e à noite ele janta com a família.

Deixa São Paulo e segue para o Rio de Janeiro, cidade que, para ele, “não era como São Paulo, que avançava em todas as direções como um polvo monstruoso, que a gente não ia nunca conseguir abraçar. O Rio era como que um punhado de cidades pequenas.”¹⁵¹ Dirigiu-se logo para a Ilha do Governador, onde morava tia Bela. Encontrou uma casa branca, de janelas azuis e com árvores ao redor. Na conversa com tia Bela, ela lhe conta como adquiriu a propriedade juntamente com o seu marido.

Dei a entrada e depois trabalhei como doida, dia e noite, bordei e bordei para fora, Antônio ajudando. Hoje está tudo pago. A casa é nossa.
 – Uma bela casa – cumprimentou Lourenço.
 – **Quando se quer muito uma coisa – completou ela – se consegue.**¹⁵²
 (grifo nosso)

A personagem tia Bela, ao empenhar-se ao máximo para adquirir a sua propriedade, demonstra ter herdado o legado cultural dos seus antepassados. O desejo pela posse da terra e de ter a sua casa, é o mesmo dos imigrantes italianos. Leva consigo o valor da propriedade impresso pela cultura, mesmo estando fora da RCI. Por este comportamento, pode-se inferir que as pessoas, ao mudarem de um lugar para outro, tendem a levar consigo a sua bagagem cultural.

Lourenço permanece no Rio de Janeiro, por conta das suas atividades políticas e hospeda-se num pequeno hotel no centro. Tem a oportunidade de conhecer o líder Prestes. Com a perseguição política em torno dos comunistas, ele foge para Santa Maria, e se refugia de casa de Tovar, seu colega de faculdade, onde soube que Prestes teria sido preso. Desmotivado pelo desfecho dos

¹⁵⁰ POZENATO. Op.cit.(c), p. 144.

¹⁵¹ Idem, p. 154.

¹⁵² Idem, p. 160.

acontecimentos do Partido Comunista, Lourenço decide ir para a Guerra Civil na Espanha, e Tovar se encarrega de angariar fundos com a família Gardone, afirmando que a verba seria destinada para a saúde de Lourenço, que necessitava de uma cirurgia. Com a ajuda de Justino Andreani, Tovar obtém os recursos para a viagem de Lourenço. Após a partida de Lourenço, Sílvia não recebe mais notícias suas, e sem esperança de revê-lo, casa com Esteves Ribeiro de Alencar, funcionário público.

Com a ausência de Lourenço e a debilidade física de Gardone, Máximo Segundo assume os negócios da empresa do padrasto. Pierina no seu devaneio, pensa no presente e lança um olhar para o futuro:

Desde que Máximo Segundo começara a trabalhar com o pai na firma, parecia ter vontade de ser o dono sozinho. Isso era bom, alguém precisava gostar do negócio. Mas ia dar encrenca, era certo que ia dar encrenca. O Ângelo já não estava bom, não respirava direito, mais. E ela também estava virando um caco. No dia que os dois faltassem, adeus família. Ia ser um para cada lado. **Igual a esse mundo de hoje, onde ninguém mais se entendia.**¹⁵³(grifo nosso)

Pierina, na sua intimidade, começa a ter consciência de que os tempos mudaram, há uma multiplicidade de idéias, a vida não é mais linear; o mundo parecia uma verdadeira babilônia, “onde ninguém mais se entendia.”

Com o falecimento de Gardone, Máximo Segundo Boschini, de estilo esnobe, se torna o mais jovem empresário da cidade. Preocupado com a herança chama o advogado:

– Doutor Alfredo. Espero que traga boas notícias.
 – Não há boas notícias sem más notícias – rio o advogado, sentando e abrindo a pasta de documentos. – Por onde começamos?
 – Quero saber da herança.
 – O falecido não fez disposições de última vontade. Quer dizer, não deixou testamento. De modo que só temos a lei para seguir. As regras da partilha estão em lei. A herança fica para os herdeiros legítimos.
 – Trocando em miúdos, como fica?
 – É complicado. A sua família é um caso atípico. – Abriu um largo sorriso, como se estivesse fazendo um elogio. – A dona Pierina, por exemplo. Não é cônjuge. Nem ela seria herdeira. A herdeira seria a outra, a cônjuge legítima.
 – Teresa Besana Gardone.
 – Isso. Com os filhos também é a mesma coisa. O senhor, por exemplo, não é filho do falecido...

¹⁵³ POZENATO. Op.cit.(c), p. 203.

– Não, mas é como se fosse. Sempre fui tratado por ele como filho.¹⁵⁴

O advogado esclarece que a herança seria dividida entre as legítimas herdeiras, a esposa legal do falecido Teresa Besana Gardone e sua filha Rosa Gardone. Lourenço por sua vez, depois de suas peripécias na Europa, e com o fim da Guerra Espanhola, retorna por Montevideú e se dirige à Porto Alegre, onde se encontra com Afrânio, colega de faculdade e de partido, que lhe comunica o falecimento do seu padrasto e que existe uma possibilidade de trabalho em Caxias como redator de um jornal. Lourenço vai a Caxias e procura a sua mãe:

Pierina estava sentada na cozinha, junto ao fogão a lenha, com um cobertor enrolado nas pernas. Era triste ficar assim, parada, sem fazer nada. Mas estava um traste. Depois do reumatismo, tinha agora essa tremedeira na mão. Não era mais capaz nem de segurar direito uma xícara. Entre um cochilo e outro lembrava coisas da vida. Não é que quisesse lembrar. As lembranças vinham sozinhas, as boas e as ruins. Por sorte, mais as boas que as ruins. Era o que a consolava.

A cozinheira acendeu a luz. No inverno anoitecia mais cedo. Quando era moça gostava disso, sobrava mais tempo par aos trabalhos de casa. Agora não gostava mais. As noites ficavam compridas demais, pareciam não terminar nunca. Quando se tem trabalho, o tempo passa ligeiro. Era uma tristeza não poder fazer nada.

Elza entrou na cozinha. era sua filha caçula e a que mais lhe fazia companhia. Os outros não paravam em casa.

– **Mãe, está uma pessoa aí que a senhora vai gostar de ver.**¹⁵⁵ (grifo nosso)

A princípio Pierina tem um pouco de dificuldade de reconhecer o filho, pois está com problema de visão, mas o reconhece pelo seu cheiro característico. É Lourenço. Passa a mão pela sua testa e vê uma cicatriz, ele diz que é a marca da cirurgia, mas na verdade era uma bala que lhe havia passado de raspão durante a sua participação na Guerra. Lourenço fica morando com a família Gardone, trabalha como advogado para o sindicato dos trabalhadores e como redator do jornal “A Hora”, fica sabendo que Sílvia casou, e ela, em contrapartida, toma conhecimento que ele retornou e que estava solteiro. O derradeiro encontro da mãe com o filho Lourenço, o militante comunista que vagou pelo país e participou de milícias no estrangeiro, quando retorna, se dá na cozinha. A cozinha aparece, novamente na narrativa, como local onde, além das alquimias culinárias, ocorrem os desencontros

¹⁵⁴ POZENATO. Op.cit.(c), p. 223-224.

¹⁵⁵ Idem, p. 230.

e os encontros. Apesar das transformações da sociedade, o fogão, na casa do imigrante italiano, continua sendo o elemento que atrai e que agrega.

O jornal em que Lourenço passa a trabalhar se manifestava como um veículo de comunicação inovador e dinâmico, a sua linha política apoiava a ditadura do Estado Novo, que pregava a nacionalização de tudo que tivesse traço estrangeiro. O narrador assim descreve a situação sócio-política da época em Caxias do Sul:

A cidade, nascida de imigrantes Há pouco mais de cinqüenta anos, tinha muito caminho a andar antes de se tornar “brasileira”. Todos pareciam andar esquecidos de que durante metade desses anos, nem escola em língua nacional existia para os filhos de imigrantes. Agora havia pressa. Escrevia-se contra as escolas que ensinavam em italiano. Exigia-se o fim dos sermões em língua “estrangeira”. Fazia-se chacota contra a língua “bastarda” que falava nas ruas da cidade, em concorrência com a língua nacional. Clamava-se ferozmente pelo fechamento dos jornais em língua italiana. Cobrava-se com boa dose de fúria, que as professoras pusessem de castigo que falassem italiano bastardo no pátio das escolas. Mas onde a verberação chegava ao ponto de fervura era na campanha pelo fim dos nomes estrangeiros em lugares públicos e logradouros. Uma cidade que tinha na praça central o nome de Dante Alighieri, que tinha uma rua Itália, um rua Mântua, um hotel Roma daria, ao ilustre visitante ou amável *touriste*, a falsa idéia de estar entrando em uma cidade estrangeira.¹⁵⁶

A campanha de nacionalização imposta pelo governo também afeta as comunidades da RCI. Segundo Frosi:

[...] o uso da língua portuguesa torna-se obrigatório. Ela passa a ser o instrumento lingüístico a ser usado na comunicação, na escola, na igreja, na vida em sociedade, em todo o lugar. Ela é língua oficial, adquire ‘status’, ganha prestígio como língua nacional e passa a exercer uma função niveladora.”¹⁵⁷

As pessoas que não adotassem a Língua Portuguesa eram invariavelmente perseguidas e excluídas socialmente.

No Café Sport, Lourenço e Justino, seu amigo e redator de um jornal concorrente discutem sobre o cenário mundial, as imagens do exército nazista invadindo a Polônia podiam ser vistas no cinema Apolo, o assunto era quanto tempo essa guerra ira durar, e se o Brasil acabaria envolvido.

Enquanto Lourenço se preocupa com as questões políticas, Máximo Segundo trata de resolver a questão da herança. No período do afastamento do

¹⁵⁶ POZENATO. Op.cit.(c), p. 241-242.

¹⁵⁷ FROSI, In: MAESTRI. Op.cit., p.62.

irmão mais velho foi designado como inventariante, e por sugestão do advogado, a solução legal de tomar a posse de todos os bens seria o de contrair matrimônio com a única herdeira legítima, Rosa Gardone. Máximo e seu advogado providenciam a vinda das herdeiras legítimas a Caxias do Sul. Ficaram hospedadas no Hotel Menegotto, o mesmo que serviu de palco para fuga de Teresa e Máximo Boschini, há muitos anos atrás.

Diante desse fato, Lourenço propõe a mãe Pierina que faça um acordo com as herdeiras. Idéia refutada por ela, crê que tem direito sobre o capital que ajudou a construir. Nesse ínterim Lourenço pede demissão do jornal “A Hora” e recebe uma proposta de trabalho para dar aula de francês na mesma escola em que Sílvia trabalha. O resultado do processo sobre a herança de Gardone, resultou depois da aprovação do juiz, Rosa Gardone como legítima herdeira, em vista de não ter sido aceita a proposta de Teresa de nomear Lourenço como gestor da sua parte. É conferido a Máximo plenos poderes sobre o mandato de gestão da empresa. A pedido de Máximo, o advogado Alfredo mostra a Lourenço o documento final a respeito da herança. Lourenço decide que não pode mais dividir o mesmo teto com o irmão.

Pierina não quis concordar.

– Mas vai se mudar por quê? A casa está quase vazia.

– O problema não é a casa. O problema é o Máximo.

– Santo Deus! - afligiu-se ela. – Brigaram de novo? Mas vocês são irmãos. Não custava se entenderem. É por causa da herança?

Lourenço não respondeu.

– Deviam ao menos pensar na mãe de vocês. Estou uma velha, quase sem poder caminhar, quase cega das vistas.

– O Máximo vai cuidar da senhora, mãe.

– Não é a mesma coisa.

E não era. Então alguma coisa começou a aparecer no fundo da sua lembrança. Uma conversa, tempo atrás, em que o Lourenço dizia que ela devia fazer um acordo com a Teresa, aquela vaca, senão perdia tudo. E ela dizendo que perdia tudo, mas não chorava. Sentiu uma palpitação ruim.

– Me diz, Lourenço. **Fiquei sem nada?**

Lourenço outra vez não respondeu.

– **Perdi também esta casa.**

– **Sim, mãe. Ficou sem nada, sem casa, sem nada.**

Tinha feito promessa de não chorar, mas desta vez não conseguia segurar as lágrimas. Tanto esforço para terminar assim. Passou por seus olhos um monte de lembranças.¹⁵⁸ (grifo nosso)

¹⁵⁸ POZENATO. Op.cit.(c), p. 289.

Pierina lembra com amargura de todos os seus sofrimentos físicos e morais. O quanto foi desprezada em San Giusepe, “trabalho dela e do Ângelo para fazer tudo o que tinham. Para agora ficar sem ter onde cair morta”.¹⁵⁹ Ela pergunta a Lourenço:

- Ficou com quem então, a casa? Com aquela...?
- Com a Teresa? Não, mãe. A Teresa não quis nada. Ficou para a filha, a Rosa.
- Pierina fez um muxoxo de desdém. Imagine se aquela vaca ia perder de ficar com a casa. A história não estava bem contada. Mas, enfim, não ia nem se importar com isso. Precisava era saber onde ia morar.
- A filha dela vai me tirar daqui?
- Não mãe. Não vai.
- Vai me cobrar aluguel? Não tenho com que pagar.
- Não ninguém vai lhe cobrar aluguel. O seu filho não vai tirar a senhora daqui.
- Qual filho?
- O Máximo. Quem mais poderia ser?
- Como é que sabes?
- É ele que administra, que manda nos negócios. E depois, ele vai casar com a Rosa.
- Pierina sentiu o coração parar, e começou a bater de novo.
- Eles vão casar?! – perguntou, precisava ouvir de novo para acreditar.
- Estão se acertando.
- Pierina ficou com um nó na cabeça. Não sabia dizer se isso era bom ou era ruim. Mas parecia ser bom. Afinal juntava tudo de novo, o que era dele e do Ângelo. Mas como ficavam os outros?¹⁶⁰

Lourenço diz a Pierina para falar com Máximo Segundo como ficaria a situação dos irmãos, e a mãe diz ao filho para que pode partir e cuidar da sua vida. Depois de Lourenço levar os seus pertences, livros e roupas e se despedir, Pierina sente que esse era o seu filho mais amado, e “nunca tinha se sentido tão sozinha. E só lhe vinha uma idéia, que girava e girava dentro dela: porque Deus não a levava agora? Não tinha mais nada a fazer neste mundo.”¹⁶¹

Ao deixar pela segunda vez a casa da mãe, dessa vez por outros motivos e triste por tomar essa decisão, percebe que é um tempo de mudanças. Aluga uma casa de madeira, numa rua chamada Itália; ali iria abrir o seu escritório de advocacia. Decide desligar-se do Partido Comunista Brasileiro, em uma reunião do partido em Porto Alegre, ao apresentar o seu pedido de desligamento é proposta a sua expulsão pelos seus correligionários que ele mesmo referenda.

¹⁵⁹ POZENATO. Op.cit.(c), p.290.

¹⁶⁰ Idem, ibidem.

¹⁶¹ Idem, p. 291.

Na escola em que Sílvia trabalha e Lourenço é professor de Língua Francesa, os dois encontram-se, ele conta que abandonou o partido, que sente muita saudades dela, Sílvia por sua vez também diz ter muita saudades. Na cidade alguns acontecimentos se sucedem por conta da política de nacionalização, até é proposta a troca do nome da praça Dante Alighieri ¹⁶² para praça Rui Barbosa. ¹⁶³

Em sua casa, Lourenço encontra dificuldades com as atividades domésticas, era um dia de sábado, e a empregada não viera,

[...] depois de diversas tentativas, já conseguia estabelecer um padrão para a quantidade de pó e a temperatura da água. Não era fácil viver sozinho, sem ter quem cuidasse dessas tarefas minúsculas mas decisivas. Como não começar o dia de mau humor se o café saísse aguado, ou morno? ¹⁶⁴

Naquela manhã, redigia uma petição sobre a herança que “baseava-se na acusação de esbulho e no pedido de restituição. Alimentava pouca esperança de que o argumento prosperasse, mas era a única forma de tentar salvar direitos dos nascidos depois da separação dos casais legalmente unidos.” ¹⁶⁵ A luta de Lourenço para realizar as mais simples tarefas domésticas retrata quanto o espaço doméstico, na RCI, era de domínio feminino. Os papéis atribuídos ao homem e a mulher eram muito bem determinados: para o homem era reservado o mundo dos negócios e o intelectual; e para a mulher, a casa, o seu entorno, chegando no máximo a exercer a profissão de professora, considerada uma atividade feminina.

O narrador assim anuncia um rigoroso inverno em Caxias:

Aquele inverno de 1942 tinha tudo para ficar na história. Nevadas jamais vistas cobriram a cidade. Todos os ângulos da praça, todas vistas da cidade foram fotografados, vestidos de branco. A população inteira, crianças e adultos, saiu às ruas encarniçadas guerras de neve. Festas de neve, na realidade.

Esse inverno ficaria também na lembrança da cidade pela declaração de “estado de guerra” ao Eixo. Na noite da notícia houve foguetes e uma passeata tentou agitar as ruas, apesar do frio de gelar os ossos. ¹⁶⁶

¹⁶² Poeta italiano que escreveu a Divina Comédia. Nasceu em Florença, em 1265, e faleceu em Ravenna, em 1321.

¹⁶³ Escritor e expoente da vida intelectual e política brasileira. Nasceu em Salvador, em 1849, e faleceu em Petrópolis, em 1932.

¹⁶⁴ POZENATO. Op.cit.(c), p. 305.

¹⁶⁵ Idem, Ibidem.

¹⁶⁶ Idem, p. 310.

Com a declaração de guerra do Brasil ao Eixo, representado pela Itália, Alemanha e Japão, o país, liderado por Getúlio, se coloca a favor dos Aliados e acaba enviando para a Itália um corpo expedicionário. Devido a essa posição política tomada pelo Brasil os descendentes de italianos são perseguidos, e tudo o que lembrasse a italianidade era duramente censurado, como exemplifica a narrativa “falar em italiano, ou cantar as velhas canções trazidas pelos imigrantes, é tratado como crime”.¹⁶⁷

Caxias passa ser a cidade dos perseguidos e dos perseguidores, a arbitrariedade da polícia não tem limites, e, na história, há rumores que na empresa Productos Alimentícios Gardone pessoas estão presas nos porões. Lourenço vai falar com o juiz, denunciando o caso, e este monta um esquema para verificar a existência do cárcere privado. Encontram preso o integralista Carlo Petacci, acusado por ter pendurado na estátua da Liberdade da praça Dante um cartaz “O tenente me prendeu”.

Máximo Segundo, que estava em Porto Alegre quando da descoberta do cativo, não gostara da idéia do doutor Alfredo de deixar a polícia usar o fundo do galpão, tão pouco aprovara a atitude do irmão de levar o juiz até lá. E pensa que “o certo é que tendo dinheiro não se ia para a cadeia. Dinheiro era o melhor negócio do mundo.”¹⁶⁸ Depois que terminasse a guerra pretendia comprar um carro alemão, um Mercedes-Benz, mas “o que lhe dera água na boca tinha sido um Nash 1940, enorme inteiramente vermelho. Um automóvel imponente”¹⁶⁹ que tinha visto nas vendas em Porto Alegre. Não podia se queixar da guerra; com a carestia, a sua empresa se transformara numa fábrica de dinheiro. A farinha de trigo triplicou de preço. Além disso, ficou noivo da Rosa, mas não lhe agradava a idéia de casamento.

Nesse entrevero, Lourenço faz algumas reflexões sobre a sua experiência de vida, e a sua relação com Sílvia. Ao abrir o seu Diário de Guerra percebe como o nome dela está lá, escrito muitas vezes:

De repente, Lourenço ouviu um ruído de xícaras vindo da cozinha. Não podia ser a empregada. Não era seu horário de trabalho. Gato também não, a não ser que algum gato de rua tivesse encontrado a porta dos fundos aberta. Ou um ladrão. Mas ladrão não ia entrar interessado em xícaras. Em todo o caso, não era bom arriscar. Pegou no fundo da gaveta o revólver que

¹⁶⁷ POZENATO. Op.cit.(c), 319.

¹⁶⁸ Idem, p.327.

¹⁶⁹ Idem, p.326.

dera com ele a volta ao mundo. Pela fresta da porta vi quem era. Sílvia, cheia de cuidados procurava alguma coisa na cozinha. O pó de café, talvez. Guardou o revólver no cinto, atrás das costas, e pensou em entrar. Mas desistiu. Deixaria para ela imaginar que lhe estava fazendo uma surpresa. Pé ante pé retornou para o escritório e guardou a arma. Minutos depois ouviu passos e Sílvia apareceu na porta com uma bandeja e duas xícaras de café.

– Serviço de mucama – anunciou ela, feliz.

– Bem eu me pareceu ter ouvido barulho na cozinha – brincou ele. – Cheguei a pensar que fosse ladrão.

– E quem te garante que não sou ladra?¹⁷⁰

Sílvia serviu o café, e viu sobre uma mesa o “Diário da Guerra da Espanha”; pediu a Lourenço se poderia olhá-lo. Ele assentiu ao pedido. Após conhecer a intimidade do seu diário “caminhou até ele, apertou o seu rosto contra os seios e deu-lhe um beijo na cicatriz da testa. Depois, pegou-lhe a mão e o arrastou atrás dela para o quarto. Lourenço se esqueceu de si, do tempo, e do espaço.”¹⁷¹ Depois de muitos contratempos eles parecem poder viver com intensidade um desejo acalentado há muitos anos. A casa simples, de madeira, é além do abrigo, o ninho do amor de Lourenço e Sílvia. O conceito de Bachelard sobre a casa-ninho justifica a narrativa e confirma um valor subjetivo do espaço de habitar,

A casa-ninho nunca é nova. Poderíamos dizer, de um modo pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco. Esse signo de volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. Nas imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente íntimo de fidelidade.¹⁷²

Após esse encontro, Sílvia pede o desquite a Esteves, o que para ele não era surpresa, pois já havia notado a aproximação dela e Lourenço. Facilita as coisas e pede transferência para outra cidade. Sílvia volta a morar na casa da mãe, e a sua avó lhe aconselha a ir embora de Caxias. Corre o processo de desquite de Sílvia que continua se encontrando discretamente com Lourenço.

Numa manhã, estando em sua casa Lourenço é avisado por Ighes que a dona Pierina morreu e pergunta à empregada da sua mãe como ela havia falecido.

¹⁷⁰ POZENATO. Op.cit.(c), p. 333.

¹⁷¹ Idem, p. 334.

¹⁷² BACHELARD. Op.cit., p.111.

- A dona Pierina morreu mais foi de desgosto – disse Ignes de repente.
- Por quê? interessou-se Lourenço. Ele podia ter parte nesse desgosto. Ignes estivera sempre ao lado da mãe e podia avaliar.
- **Ela não se conformava de ter perdido a casa.** Vivia dizendo: depois de tudo o que fiz, ficar morando em casa dos outros, parece castigo. De vez em quando ela estremeceia. Eu perguntava: o que foi, dona Pierina? São os meus pecados, dizia, estou pagando os meus pecados. Mas que pecados, a senhora não tem pecado nenhum. Ela me olhava e dizia: tu não sabes de nada, eu é que sei. Era assim.¹⁷³ (grifo nosso)

Como Máximo Segundo viajou para Porto Alegre, Lourenço assume os cuidados do velório e do enterro, mas ao chegar na casa da sua mãe, as primeiras providências já haviam sido tomadas. “O caixão estava já disposto sobre a essa, com as velas acesas e cercado de flores. A mãe tinha o rosto tranqüilo, com a coroa de cabelos grisalhos, cobertos por um véu de renda preta, e os olhos fechados. [...] E o rosário enrolado nas mãos cruzadas sobre o peito.”¹⁷⁴

O ritual do velório transcorreu conforme os costumes da Região Colonial Italiana; foi servida comida para os presentes, massa, brodo, bem como os aspectos religiosos eram seguidos à risca, a benção do padre, o terço sobre as mãos do defunto, as velas acesas. A sala, o espaço de habitar com função social, amplia o seu uso, passa a receber os conhecidos e também desconhecidos da família. O velório também é um acontecimento social.

A vida para Pierina não tinha mais sentido desde que perdera a casa. Já havia manifestado o desejo de morrer, como Ignes contou, ela “morreu de desgosto”. Perder a casa era perder o poder sobre o espaço doméstico, o único poder que tinha. A essa ruína material estavam associadas, tantas outras frustrações, a traição de Máximo, depois a de Ângelo, a sua indisposição com a figura clerical, os conflitos dos filhos mais velhos, e a sua crescente debilidade física. Concordando com Bachelard,

Nosso objetivo está claro agora: pretendemos mostrar que a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão a casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta

¹⁷³ POZENATO. Op.cit.(c), p. 340.

¹⁷⁴ Idem, p. 341.

contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. **Sem ela o homem seria um ser disperso.**¹⁷⁵(grifo nosso)

Durante o velório, Sílvia procura Lourenço. Combina um encontro no quarto que era dele, no andar superior da casa. Quando lá chegam diz ter um assunto sério a tratar. Conta que o seu desquite foi homologado e que decidiu sair de Caxias. Encaminhara a transferência para lecionar no Rio de Janeiro e morar na casa de Tia Bela que a esperava. Mostrou-lhe então o telegrama recebido: “*A MINHA CASA EH TUA CASA PT TRAZ JUNTO FIGURINHA DIFICIL VG BEIJOS PT TIA BELA*”¹⁷⁶

Sílvia, muito contente, diz que tem mais uma coisa importante para dizer:

– A maior novidade eu não falei. Adivinha o que é.
Lourenço não precisou adivinhar. Leu dava para ler, na alegria que transbordava dela. Pousou a mão no ventre de Sílvia, onde estava o seu filho ainda em botão, e foi escorregando até ficar de joelhos, o rosto afundado nela. Sílvia mergulhou os dedos em seus cabelos e ele se sentiu fundido como o mundo numa única peça. Mundo que não era uma babilônia.¹⁷⁷

No desfecho da história, na intimidade do quarto, há uma revelação, uma nova história começa para o casal Sílvia e Lourenço, mesmo estando em tempo de guerra, o relacionamento entre eles parece ser genuíno, nem tudo é uma babilônia. A casa acolhe os sentimentos e intenções mais profundas.

Ela mantém o homem através das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa.¹⁷⁸

Na mesma casa, o cenário pode ser de morte e de vida. Na casa de Pierina, o seu velório no andar térreo, e no superior o anúncio de uma nova vida. A casa emoldura o ciclo da vida que se refaz. Depois de diversos encontros e desencontros, com mil peripécias, o romance é concluído no espaço doméstico.

Essa obra, então, no que diz respeito ao espaço de habitar do imigrante italiano, coloca em evidência, de um lado, a casa de Ângelo e Pierina, como aquela

¹⁷⁵ BACHELARD. Op.cit., p.26.

¹⁷⁶ POZENATO. Op.cit.(c), p. 343.Grafado conforme a obra.

¹⁷⁷ Idem, ibidem.

¹⁷⁸ BACHELARD. Op.cit., p. 26.

que representou o auge da ascensão social, é uma casa grande, equipada com os últimos aparelhos que a tecnologia da época poderia oferecer.

Em contrapartida, mostra o espaço de habitar transitório de um dos protagonistas, Lourenço, que mora em pensões, casa de amigos e até em um alojamento em trincheira de guerra. É a morada transitória, passageira, como é passageiro esse período da sua vida de militante político. A narrativa sempre indica o local onde o personagem está instalado. Primeiro as pensões em Caxias, em Porto Alegre, e São Paulo, a casa do pai, na capital paulistana, a casa de tia Bela no Rio de Janeiro, novamente a pensão no Rio, hotéis, a casa do amigo em Santa Maria, o alojamento de guerra na Europa, e o retorno à pensão em Porto Alegre. Ainda, as saídas da casa da mãe, por duas vezes, a primeira por motivo político, e a na segunda por um desentendimento com seu irmão, por causa das questões de herança. Por fim, ele se instala em uma casa alugada, também caracterizada por um espaço transitório. São espaços que respondem as necessidades de abrigo e segurança, não atendendo as questões de pertinência e tão pouco de estética.

A casa de Pierina e Ângelo, por questões legais de sucessão de bens, após o falecimento de Ângelo, passa a ser propriedade de sua filha legítima, Rosa. Pierina, ao perceber que não mais possui nenhum bem, nem a sua casa, espaço sob o qual detinha o poder, deseja morrer. A casa a qual era atribuída o sentido de *status*, já não mais tinha para ela significado, não era mais sua. A casa que respondia as necessidades de abrigo, segurança, indicava o sentido da pertença e também o estético, de um momento para o outro, perdeu todas essas qualidades. Pierina sentiu-se “um ser disperso” ao não ter mais o seu espaço de habitar, e por isso prefere morrer.

Observa-se nessa obra a construção e a desconstrução do sentido do espaço de habitar; primeiro a casa do imigrante economicamente bem sucedido, representa o auge do que pode ser conquistado, para, após, significar a perda, a dispersão, a falta de sentido para viver. Do ponto de vista objetivo, a casa continua existindo, representa o período do apogeu da arquitetura, é um ícone, no entanto, subjetivamente, ela parece não mais existir para a pessoa que morou tantos anos nela, por não ser mais de seu domínio. A casa perdeu o significado de morada, de lar. Isso denota o quanto os aspectos subjetivos são relevantes, não são visíveis,

todavia, podem alterar radicalmente o significado do espaço de habitar, da segurança para a instabilidade, da pertinência para a perda total.

No entanto, nesse mesmo espaço, onde se pode assistir ao rito de despedida de um ser humano, é possível também ser anunciada uma nova vida. O ciclo da vida se repete, e a casa do imigrante se constitui em testemunha de muitas histórias, das diversas gerações que a habitaram.

4 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO DE HABITAR ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA

Após ter sido realizada a análise das obras literárias, nas quais foi possível identificar a transformação do espaço de habitar através da narrativa ficcional do romance, neste capítulo, procura-se analisar algumas imagens da casa do imigrante italiano, a fim de averiguar a possibilidade de se reconhecer a transformação do espaço de habitar, também através das imagens. O domínio icônico deste trabalho é constituído de fotografias e representações gráficas de casas dos imigrantes italianos, abrangendo o arco temporal do período das edificações provisórias até as permanentes, de 1875 até meados de 1940, que constitui também, em média, o período em que se desenrola as narrativas ficcionais estudadas.

Ulpiano Meneses destaca que as fontes visuais (iconografia) deveriam ser vistas como enunciados, e que os historiadores deveriam considerar a fotografia como parte viva de uma realidade social.¹ Sendo assim, o tratamento dado ao domínio icônico, ou seja, a seleção das imagens a serem apresentadas, foi realizada a partir do critério da transformação do espaço de habitar do imigrante italiano, do ponto de vista visual e funcional, ocorrida em um determinado tempo. O mesmo autor prossegue afirmando que “as imagens não têm sentido em si”² e que devem estar sempre relacionadas a problemática histórica. Assim são apresentadas imagens das casas representativas dos períodos primitivo e permanente, que sofreram modificações na medida em que a economia, na RCI, também se alterava.

Neste trabalho as imagens são tratadas como ilustrativas e esclarecedoras, não competindo com os textos tanto de cunho histórico e nem tão pouco como os textos literários. Busca-se, uma ligação entre o texto e a imagem, entendidos como sendo linguagens distintas, mas complementares. Apresenta-se inicialmente o texto de um historiador e imagens que fazem referência ao mesmo, para depois observar visualmente a transformação da casa do imigrante italiano e, na medida do possível, buscar uma aproximação entre a imagem e o texto literário.

¹ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Revista Brasileira de História, São Paulo. V.23, n.45, p 26.

² MENESES. Op. cit. p. 28.

A respeito das primeiras edificações construídas pelos imigrantes Thales de Azevedo afirma:

A julgar por algumas indicações, a estrutura seria de taipa simples. Escrevendo sobre a sua infância um colono recorda que nos primeiros anos de colonização 'a mais bela casa seria construída de taquara e barro', apenas 'um rancho para proteger-se das feras, com um fogo sempre aceso à noite quando vinham assustar-nos', [...] as mais recentes se faziam de pranchas de madeira cortadas a machado, portanto ainda muito grosseiramente talhadas.³



Figura 1 - Casa provisória de taipa
Fonte: Posenato, 1983, p.114.



Figura 2 - Casa provisória de madeira em Bento Gonçalves
Fonte: Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 1875-1925, v.I, p.455.

³ AZEVEDO. Op.cit., p.173.

Essas primeiras imagens apresentadas neste estudo representam a casa de taipa e a casa de madeira construída pelos imigrantes, observando que a casa de taipa é coberta por palha e a de madeira por telhas de madeira (*scándole*). Estas imagens remetem à literatura, quando são lembradas por alguns personagens da história, como na obra “A Cocanha”. Depois que os primeiros imigrantes executaram a estrutura de madeira do barracão o velho Nicola ordena e exclama: “E podem ir já buscar taquaras e folhas de coqueiro. Na América, diz o velho Nicola gracejando, as telhas estão prontas nas árvores, é só pegar e usar.”⁴ A respeito da primeira casa do imigrante, o historiador Thales de Azevedo complementa: “a casa provisória no lote rústico, era geralmente um singelo abrigo de cerca de 4m por 6m apenas suficiente para acolher a família durante os anos pioneiros do estabelecimento nas ‘colônias’.”⁵

A seguir, as imagens mostram a casa de pedra e de madeira – o singelo abrigo – constituída apenas de um módulo, com porta central e janelas nas laterais, formando uma composição simétrica. Nota-se que as telhas de madeira, originais na casa de pedra, foram substituídas por folhas de zinco, e na casa de madeira, foram substituídas por telhas cerâmicas. A casa de madeira apresenta também um elemento decorativo, o óculo (abertura superior às esquadrias), que serve para melhorar a ventilação da edificação. As fotografias retratam os materiais que compõem a casa, a sua forma básica e volumetria. Para analisar com precisão os espaços, pode-se se utilizar também a representação gráfica da edificação.



Figura 3 - Casa Cavalleri, em pedra, Monte belo do Sul – 100 da Leopoldina.
Provável data de construção: 1885, período provisório. Fotografia de Maria Isabel Filippon, agosto 2003

⁴ POZENATO. Op.cit.(a), p.134.

⁵ AZEVEDO. Op.cit., p.172.



Figura 4 - Casa Delmiro Dallé, em madeira, Monte Belo do Sul, 100 da Leopoldina; Provável data de construção: 1880, período provisório. Fotografia de Maria Isabel Filippon, abril 2002.

A representação gráfica de uma edificação demonstra com exatidão as suas dimensões, a distribuição dos ambientes internos, os elementos arquitetônicos, as aberturas, os detalhes construtivos. Para uma análise mais precisa da transformação do espaço de habitar do imigrante italiano, são dados os desenhos técnicos de quatro construções situadas no município de Monte Belo do Sul, Rio Grande do Sul. Primeiro são apresentadas duas fotografias da casa do imigrante italiano, de modo que possa ser feita a compreensão da mesma como um todo; depois os desenhos para a identificação dos dados concisos da edificação. Além disso, através da leitura das plantas-baixas é possível ver a distribuição dos ambientes e as suas dimensões, e através das fachadas podem ser identificadas as aberturas e a altura das construções.

O desenho técnico das edificações tem por objetivo, representar com exatidão a casa construída, nos seus mínimos detalhes, dentro da técnica das projeções ortográficas e normas pré-estabelecidas de desenho. Entretanto, o desenho técnico também permite interpretações; cada sujeito percebe uma imagem de acordo com as suas motivações e sua bagagem cultural. Bachelard faz um interessante comentário a respeito do desenho das casas antigas:

Inicialmente podemos desenhar essas casas antigas, dar-lhes conseqüentemente uma representação que tem todas as características de uma cópia do real. Esse desenho objetivo, desligado de qualquer devaneio, é um documento rígido e estável que marca uma biografia.

Mas essa representação exteriorista, se pelo menos demonstrar habilidade de desenho, talento e representação, logo se torna insistente, convidativa; e a simples apreciação da expressão adequada, da construção adequada prolonga-se em contemplação e em devaneio. O devaneio volta a habitar o desenho exato. A representação de uma casa não permite que um sonhador fique indiferente por muito tempo.⁶

Dessa forma, o leitor pode estabelecer relações entre as fotos e os desenhos, conforme o seu próprio entendimento, ou seja, sua contemplação e devaneio.

A primeira casa representada através de fotografias e desenhos é a casa de Aristides Fantin, sendo a sua característica principal a construção em módulos. O primeiro módulo, situado à direita no desenho, é o de maior dimensão, onde existia o *fogoler*. Já os módulos seguintes, os menores, foram acrescentados posteriormente e serviam de dormitórios e outras funções.

CASA ARISTIDES FANTIN

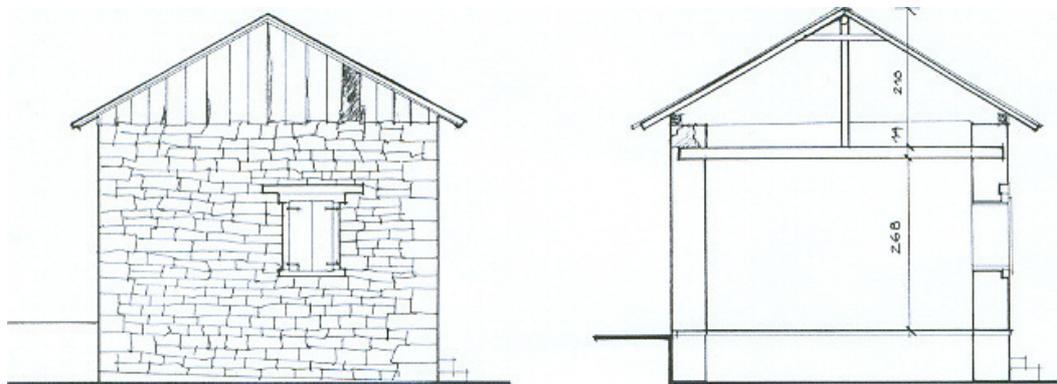


Figura 5 – Casa Aristides Fantin – Monte Belo do Sul – Capela Nossa Senhora do Rosário
Data provável de construção 1880, período Provisório. Fotografia: Maria Isabel Filippou - abril de 2002

⁶ BACHELARD. Op.cit., p.64.

CASA ARISTIDES FANTIN

FACHADA LATERAL E CORTE TRANSVERSAL



FACHADA FRONTAL E PLANTA-BAIXA

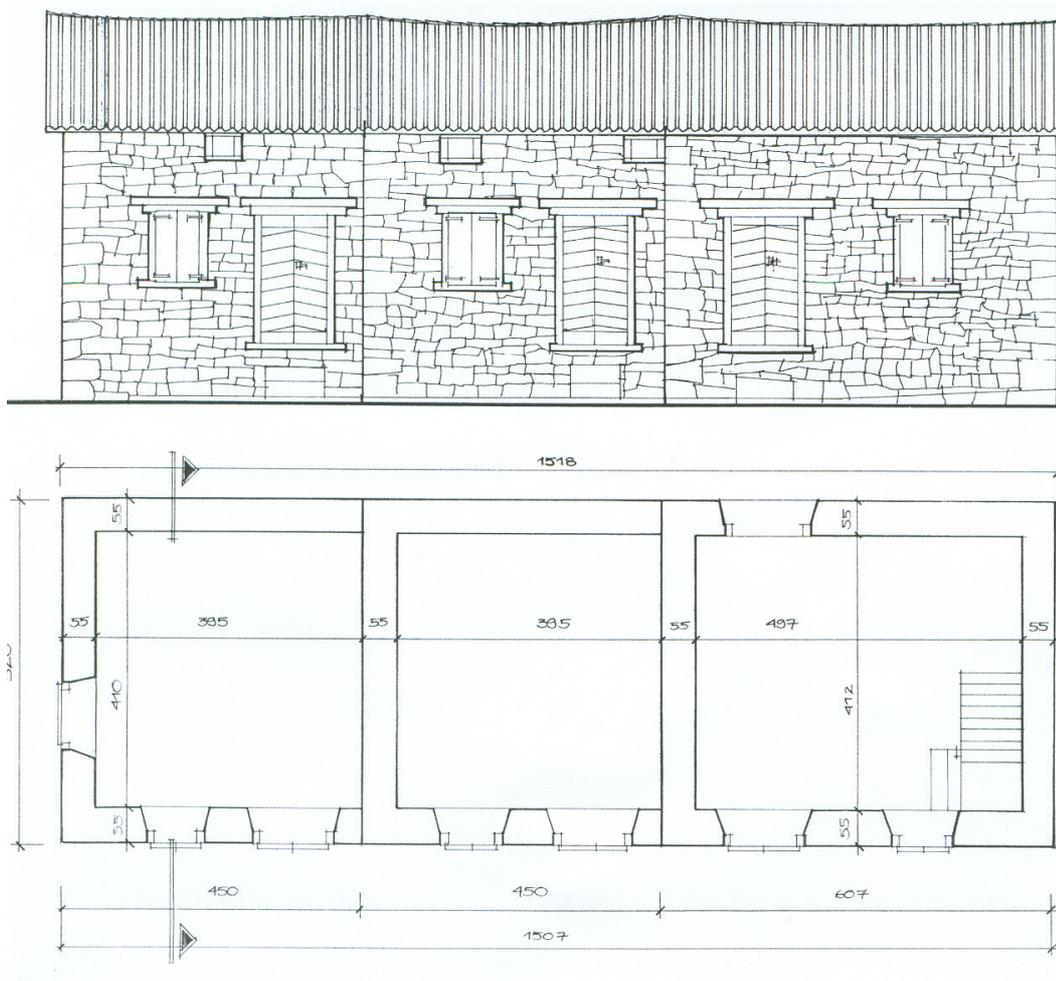


Figura 6 – Casa Fantin, levantamentos métricos e desenho de Maria Isabel Filippin, abril 2003.

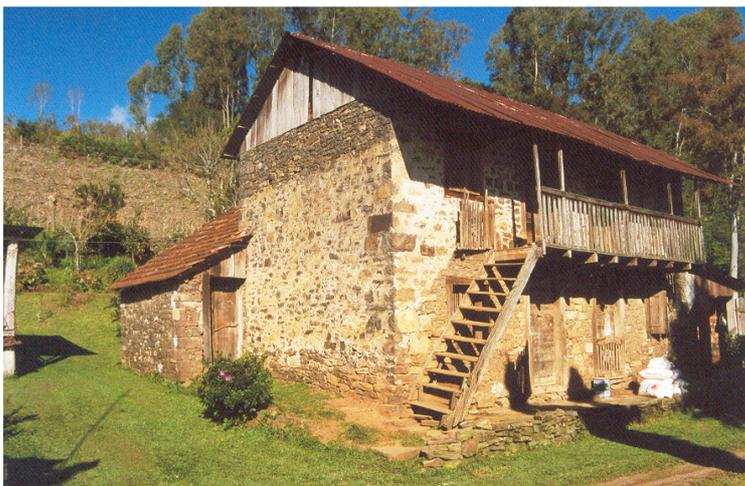


Figura 7 – Casa Magnan/Tramontina – Monte Belo do Sul – Capela Santa Rita
Data de construção: 1885 Fotografia: Maria Isabel Filippon – abril 2003

CASA MAGNAN/TRAMONTINA

Composta de três volumes: o principal de dois pavimentos, o segundo volume é a cozinha, anexada ao volume principal, e o terceiro uma garagem anexa. (acrescida à casa original)
Construída em pedra, com presença do *ballatoio*, (sacada), elemento típico da arquitetura friulana.



Figura 8 - Casa da região de Friuli/Venezia/Giulia
Fonte: I magnifici borghi: Frisanco, Poffabro, Casasola. 2004
Fotografia: Antônio Zuccon - 2004.

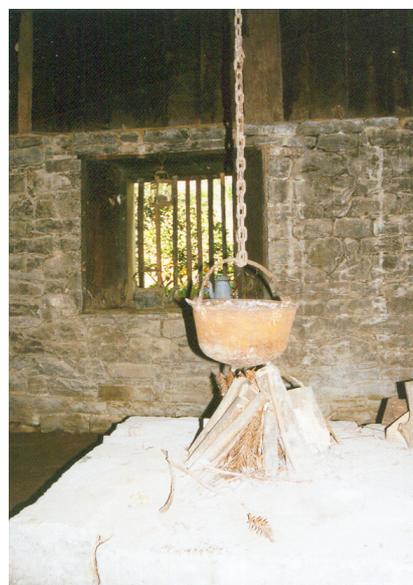


Figura 9 – Interior da cozinha da casa Magnan/tramontina
FOGOLER – fogão típico da cozinha da casa do imigrante
Fotografia: Maria Isabel Filippon – abril 2003

Novamente podemos relacionar o domínio lingüístico ao domínio icônico ao lembrar no romance “A Cocanha” a descrição da cozinha da personagem Gema:

A casa da Gema ficava a uma boa distância e, mais longe um pouco, a da Giulietta. Não era de fato casa, mas uma grande cozinha com o estrado de dormir num canto, **tinha o fogoler aceso, com a corrente presa ao teto**, a mesa no centro, dois bancos compridos, uma prateleira com as tigelas e os pratos.⁷ (grifo nosso)

⁷ POZENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000, p.159.

CASA DE CECCO/TRAMONTINA

A casa situada no meio rural de Monte Belo do Sul, anteriormente propriedade da família De Cecco e atualmente propriedade da família Tramontina, apresenta o volume da cozinha totalmente separado da casa de dormir. O subsolo da cozinha, em pedra, era um espaço reservado para os animais, já o subsolo da casa de dormir, também em pedra era utilizado como cantina. As fotografias mostram uma vista frontal e uma vista de fundos do conjunto arquitetônico. Data provável da construção 1885.



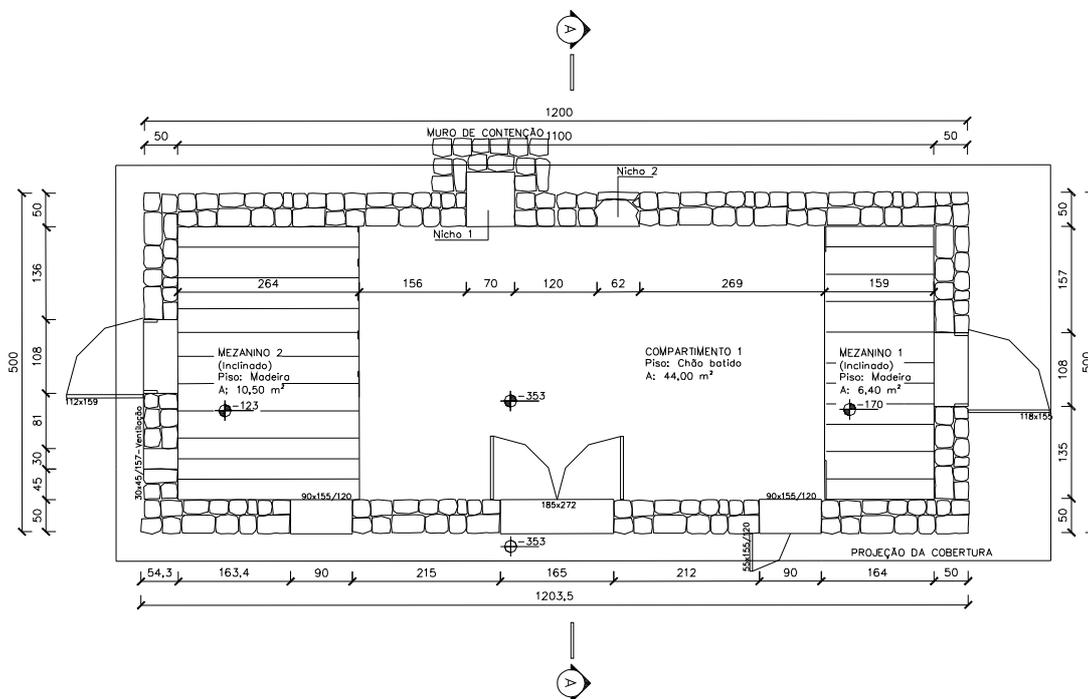
Figura 10 – Casa De Cecco/Tramontina (vista frontal) – Monte Belo do Sul – Capela Nossa Senhora da Saúde Cozinha (volume menor) e Casa de dormir (volume maior) – Fotografia: Maria Isabel Filippin, setembro 2002.



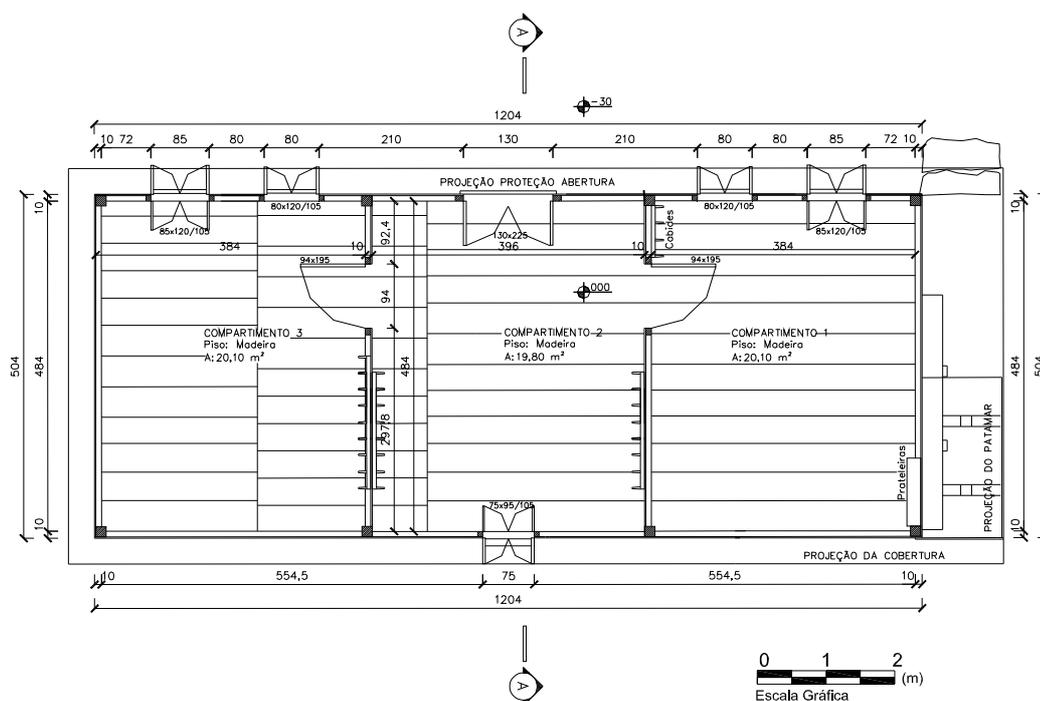
Figura 11 – Casa De Cecco/Tramontina (vista fundos!) – Monte Belo do Sul – Capela Nossa Senhora da Saúde Cozinha (volume na frente) e Casa de dormir (volume ao fundo) – Fotografia: Maria Isabel Filippin, abril 2004

CASA DE CECCO/ TRAMONTINA CASA DE DORMIR

PLANTA-BAIXA DO PORÃO DA CASA DE DORMIR (em pedra)



PLANTA – BAIXA DO PAVIMENTO TÉRREO DA CASA DE DORMIR (em madeira)



0 1 2 (m)
Escala Gráfica

Figura 12 – Casa De Cecco/ Tramontina, levantamento métrico de Maria Isabel Filippin e Marliesi Gisele Tams, desenho de Marliesi Gisele Tams, abril 2004.

CASA DE CECCO/ TRAMONTINA - CASA DE DORMIR

FACHADA NORTE (frontal) E FACHADA SUL (fundos)

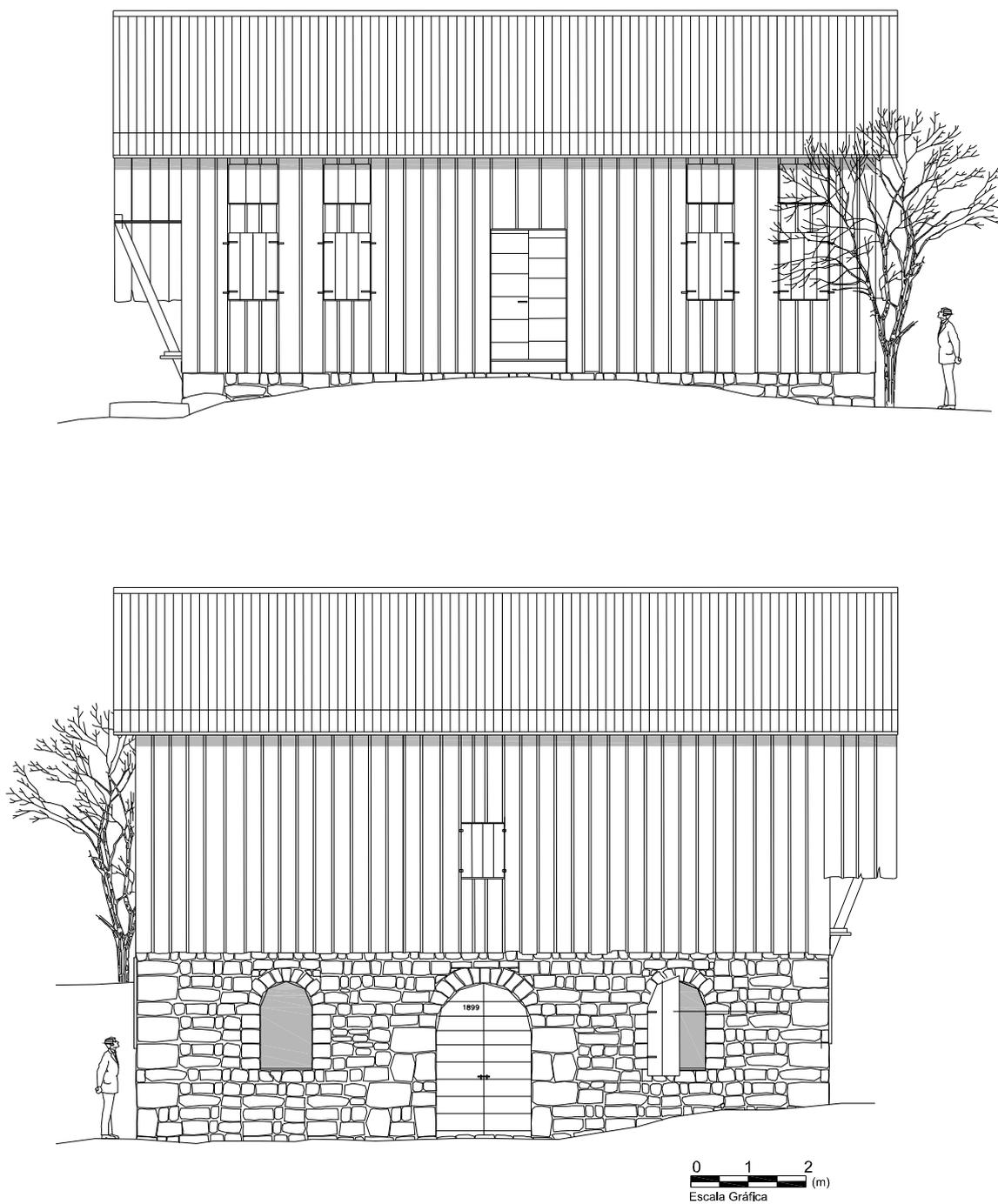
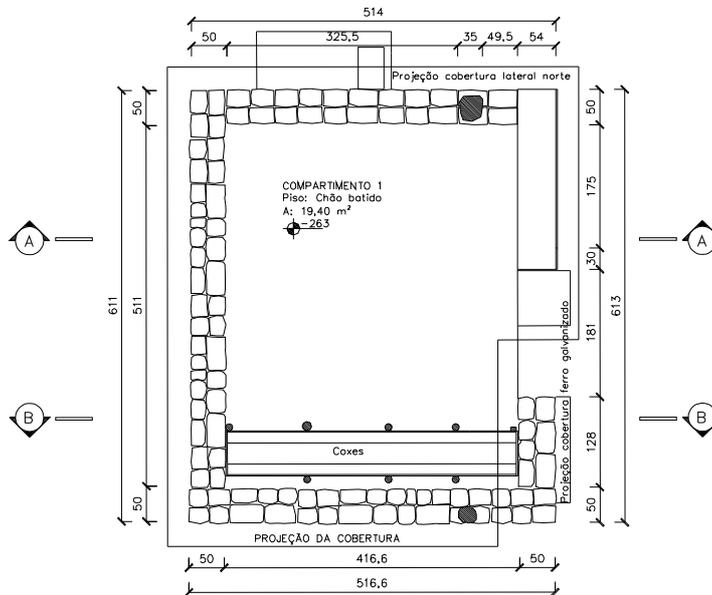


Figura 13 – Casa De Cecco/Tramontina, levantamento métrico de Maria Isabel Filippin e Marliesi Gisele Tams, desenho de Marliesi Gisele Tams, abril 2004.

CASA DE CECCO/ TRAMONTINA - COZINHA

PLANTA-BAIXA DO PORÃO DA COZINHA (EM PEDRA)



PLANTA – BAIXA DA COZINHA PAVIMENTO TÉRREO DA COZINHA (EM MADEIRA)

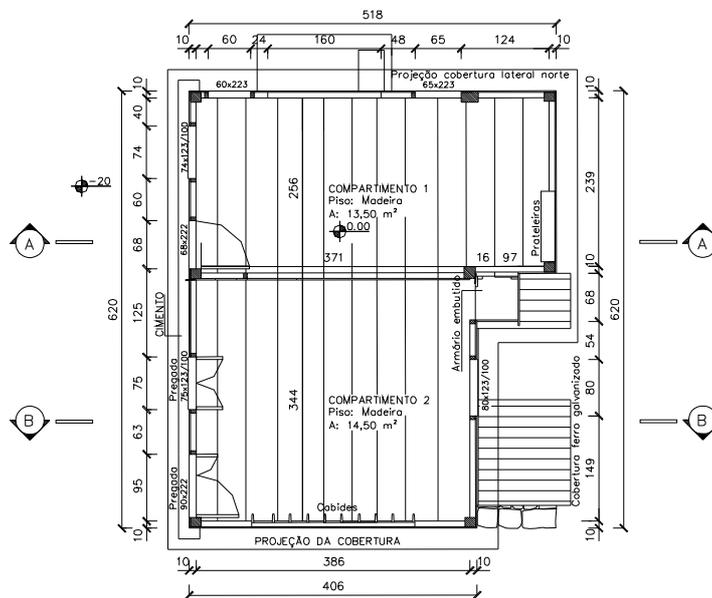


Figura 14 – Casa De Cecco/Tramontina, levantamento métrico de Maria Isabel Filippou e Marliesi Gisele Tams, desenho de Marliesi Gisele Tams, abril 2004.

CASA DE CECCO/TRAMONTINA - COZINHA

FACHADA LESTE (frontal) e FACHADA OESTE (fundos)

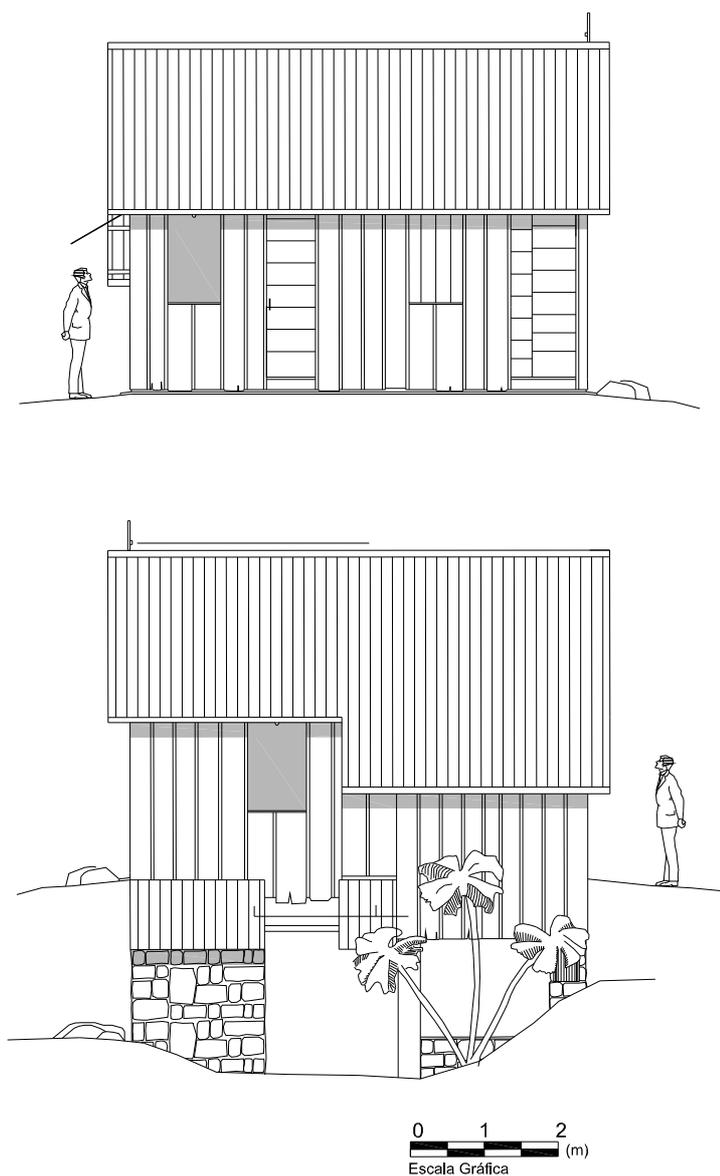


Figura 15 – Casa De Cecco/Tramontina, levantamento métrico de Maria Isabel Filippin e Marliesi Gisele Tams, desenho de Marliesi Gisele Tams, abril 2004.

Uma das características da casa do imigrante italiano é a construção da cozinha separada do volume principal da casa, o motivo era o perigo de incêndio que havia por que o fogão ficava aceso durante o dia, enquanto todos trabalhavam na roça. Um exemplo desse tipo de construção com dois volumes separados é a casa De Cecco/Tramontina. Por vezes o volume menor (cozinha) era ligado ao volume maior (casa de dormir) por uma circulação coberta chamada de corredor.

A edificação composta com dois volumes e corredor coberto aparece no romance “O Quatrilho” que inicia com a cerimônia e a festa de casamento dos personagens Ângelo e Teresa. Era um dia chuvoso e por isso a festa realizou-se na casa do pai do noivo, Aurélio Gardone. Pode-se observar que a casa descrita apresentava o corredor coberto, elemento característico da casa do imigrante italiano, Dosolina, Bambina e Teresa estavam na cozinha, enquanto que os convivas estavam na sala:

Dosolina e Bambina pareciam atrapalhadas, com toda aquela gente espremida dentro de casa, cheirando a suor e roupas molhadas. Por sorte, tia Gema tomava conta da situação e dava ordens à esquerda e à direita. Aurélio Gardone achava a tia Gema uma mulher disposta e despachada, mas podia fazer menos espalhafato e menos barulho.

– Fora, fora daqui, aqui mando eu – gritou tia Gema para Teresa, assim que a viu entrar na cozinha. – Vai cuidar do teu marido. Amanhã e depois não vai faltar trabalho. Descansa para hoje de noite.

E Teresa ria, concordava achava engraçado. Tia Gema berrava: – Quem não me obedece eu empurro para debaixo da chuva. Quem não ajuda também não estorva. E despachava mulheres com louça, pratos de comida, garrafas de vinho. **Teresa retornou à sala pelo corredor aberto, e de novo não o viu quando passou.** Estava entretida demais com a festa.⁸ (grifo nosso).



Figura 16 – Casa Somensi – Bento Gonçalves – São Pedro
Data de construção: 1923 – período permanente primitivo
cozinha em alvenaria – casa de dormir em madeira
Fotografia: Maria Isabel Filippin - junho 1007



Figura 17 – Casa Tomasi – Bento Gonçalves – São Pedro
Data de construção: 1910 – período permanente primitivo
cozinha e casa de dormir em madeira
Fotografia: Maria Isabel Filippin - junho 1007

CASA ALDO FILIPPON

A casa de Aldo Filippin representa uma construção do período permanente e do apogeu, com porão em pedra e pavimento térreo e sótão em madeira. O porão além de servir como cantina, também abrigava uma ferraria.



Figura 18 – Casa Aldo Filippin – Monte Belo do Sul – Capela Nossa Senhora da Saúde
Data provável de construção 1900 – Fotografia: Maria Isabel Filippin, novembro 2002.



Figura 19 – Casa Aldo Filippin – Monte Belo do Sul – Capela Nossa Senhora da Saúde
Data provável de construção 1900 – Fotografia: Maria Isabel Filippin, novembro 2002

CASA ALDO FILIPPON

FACHADA OESTE (frontal) e FACHADA LESTE (fundos)

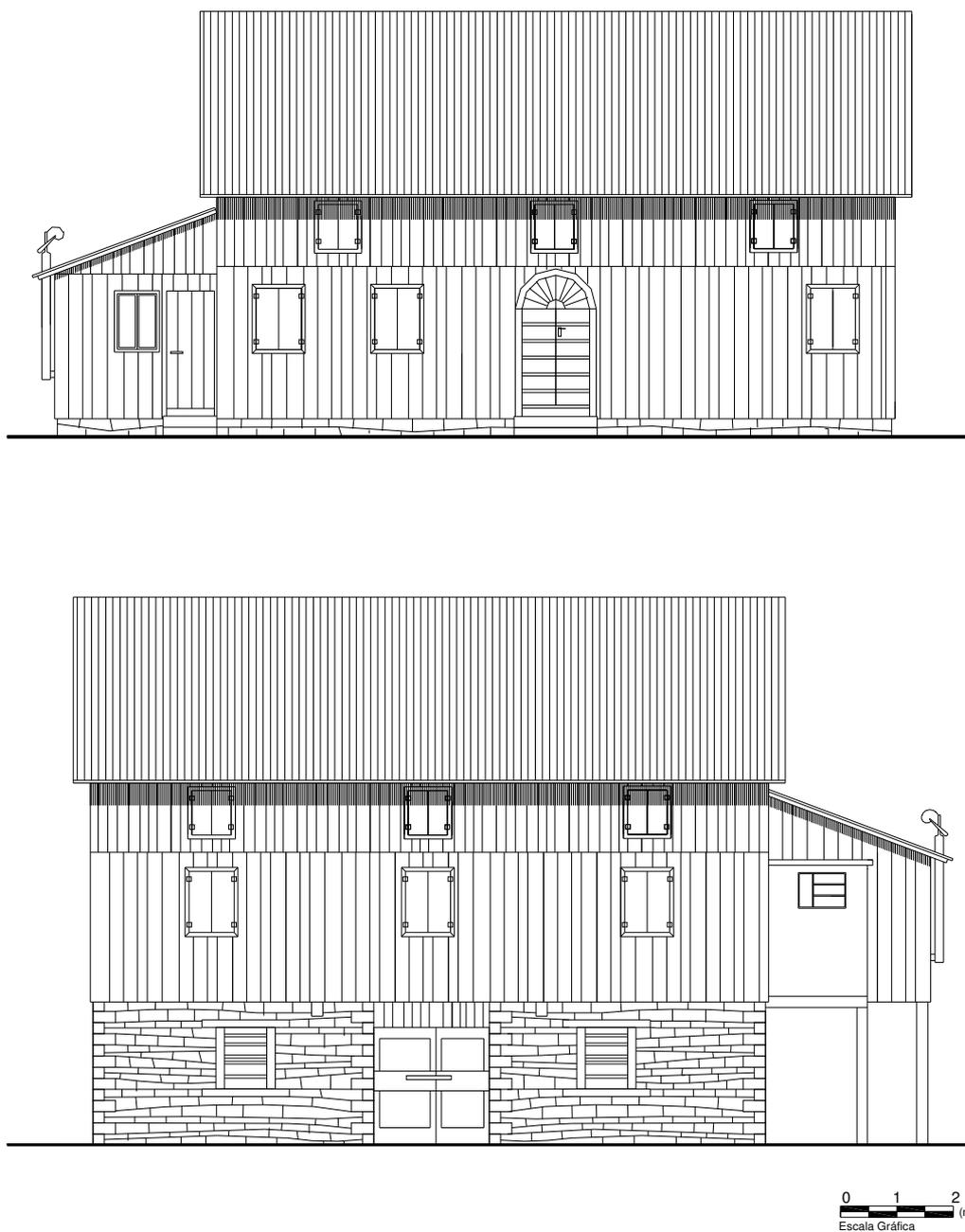


Figura 20 – Casa Aldo Filippón, levantamento métrico e desenho de Maria Isabel Filippón, novembro 2002.

CASA ALDO FILIPPON

PLANTA-BAIXA DO TÉRREO (em madeira) E DO PORÃO (em pedra)

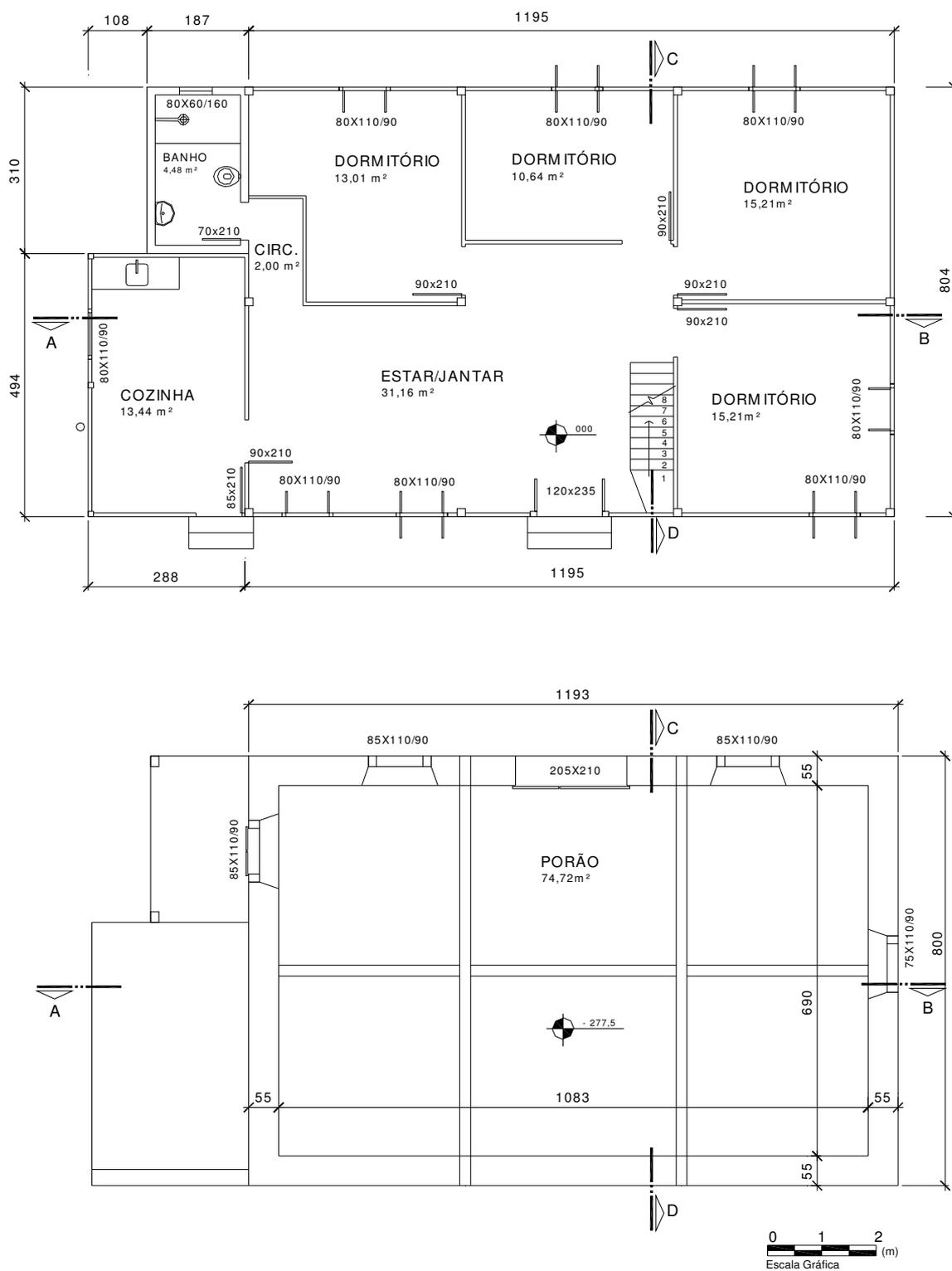


Figura 21– Casa Aldo Filippón, levantamento métrico e desenho de Maria Isabel Filippón, novembro 2002.

Aproximando mais uma vez a obra literária às imagens da casa, apresenta-se agora a Casa Salton, situada em Monte Belo do Sul. Esta foi erigida pela família De Marco, é um exemplo do período permanente/apogeu. É uma residência de alvenaria, rebocada, com detalhes em alto relevo. É constituída por um volume principal e um anexo. O volume principal, contém o porão com função de cantina, o nível térreo como comércio e o nível superior servindo para os dormitórios. O volume menor em anexo é a cozinha. Tem uma sacada no nível superior conferindo à casa uma certa imponência.

Essa edificação representou um símbolo de *status* para os seus proprietários. Da mesma forma, que a casa de Tommaso descrita, no final de “A Cocanha” representava para a personagem Teresa, a casa-palácio:

A casa do seu Tommaso, o amigo do pai, era imensa. Um palácio, com os das histórias que a mãe gostava de contar da Itália. Era toda de tijolos, tinha vidros nas janelas, e o assoalho brilhava como o sol batendo nele. Era numa casa como essa que gostaria de morar.’ Um dia vamos ter uma assim’, disse a mãe, ‘seu Tommaso foi dos primeiros a chegar no Brasil. ‘ Uma grande escada levava ao sótão e, para alegria de Teresa, foi para lá que a levaram com as irmãs. O quarto em que ficaram tinha cortina de crochê na janela e um espelho quase maior do que ela na porta do guarda-roupa.⁹

CASA SALTON

Está situada na zona urbana de Monte Belo do Sul, numa quadra frontal à praça principal do núcleo urbano. Representa a mais bela, elegante e imponente construção do núcleo central da cidade.

Edificada em 1938, com a dupla função de residência e comércio, foi o elemento de referência para os habitantes de Monte Belo, na época distrito de Bento Gonçalves.

⁹ POZENATO. Op.cit.(a), p.370.

CASA SALTON



Figura 22 – Casa Salton - Monte Belo do Sul
Fotografia: Maria Isabel Filippin, outubro de 2002.



Figura 23 – Casa Salton - Monte Belo do Sul
Fotografia: Maria Isabel Filippin, abril de 2003.

CASA SALTON - FACHADA PRINCIPAL

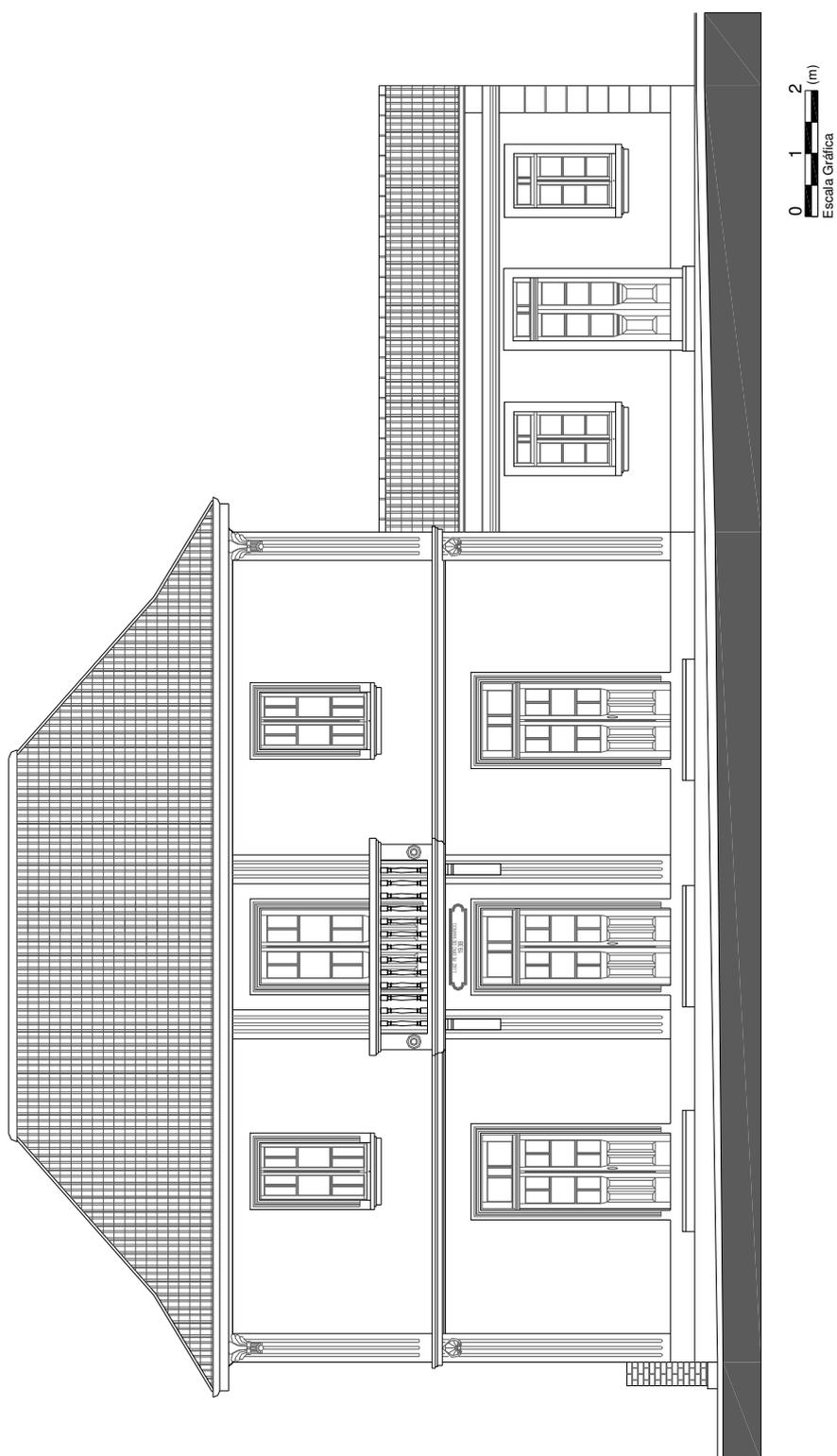


Figura 24 – Casa Salton, levantamento métrico de Maria Isabel Filippin e Ângela Petrolí, desenho de Ângela Petrolí, abril de 2004.

CASA SALTON - PLANTA-BAIXA DO PAVIMENTO TÉRREO

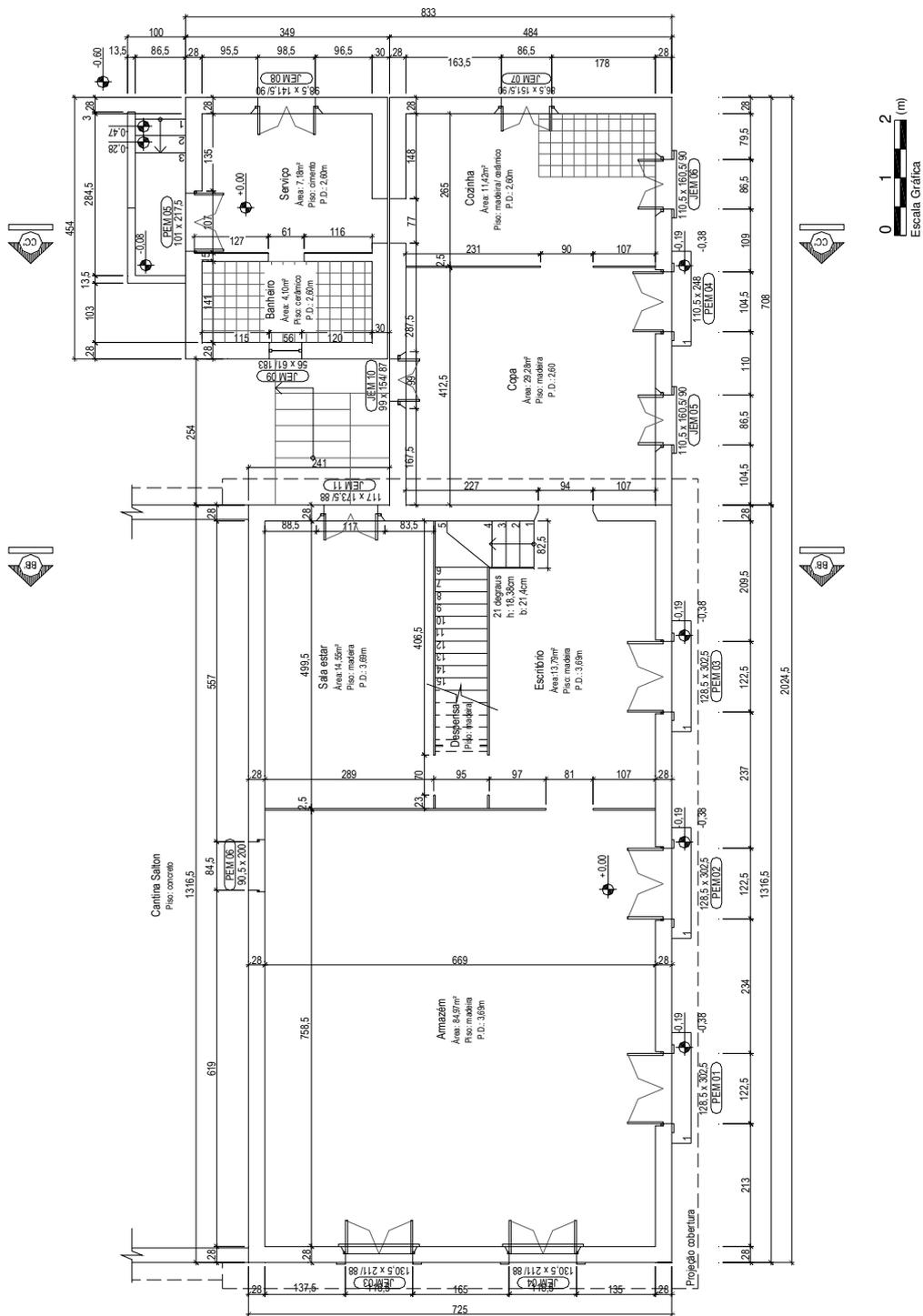


Figura 26 – Casa Salton, levantamento métrico de Maria Isabel Filippin e Ângela Petrolí, desenho de Ângela Petrolí, abril de 2004.

CASA SALTON - PLANTA-BAIXA DO PAVIMENTO SUPERIOR

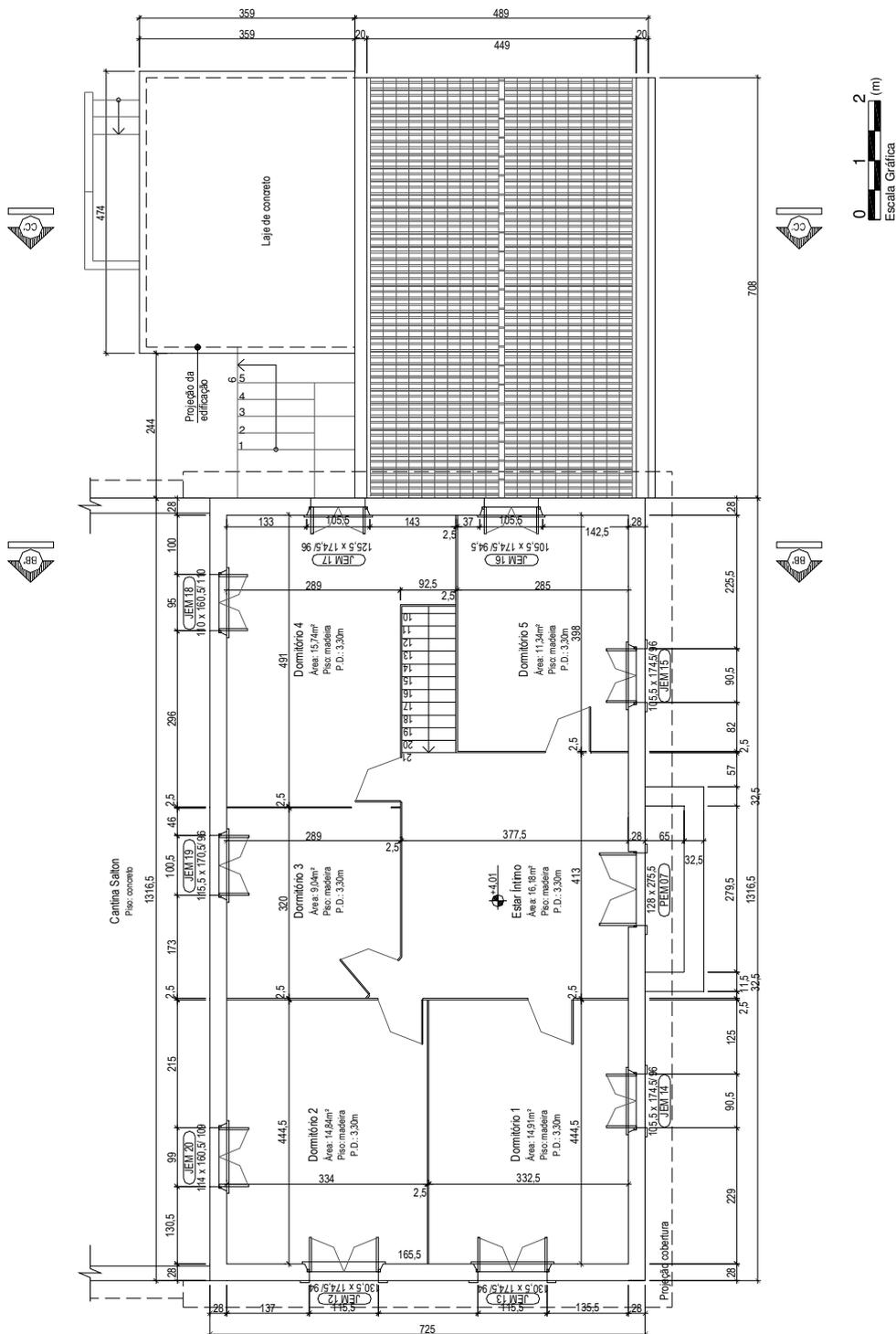


Figura 27 – Casa Salton, levantamento métrico de Maria Isabel Filippin e Ângela Petrolí, desenho de Ângela Petrolí, abril de 2004.

A TRANSFORMAÇÃO DA CASA DO IMIGRANTE ITALIANO
QUADRO COMPARATIVO DE IMAGENS – fachadas e fotografias

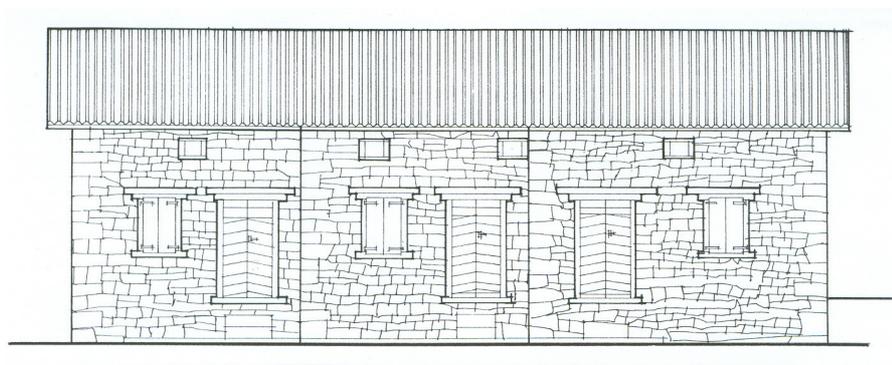


Figura 28 – Casa Aristides Fantin – período provisório

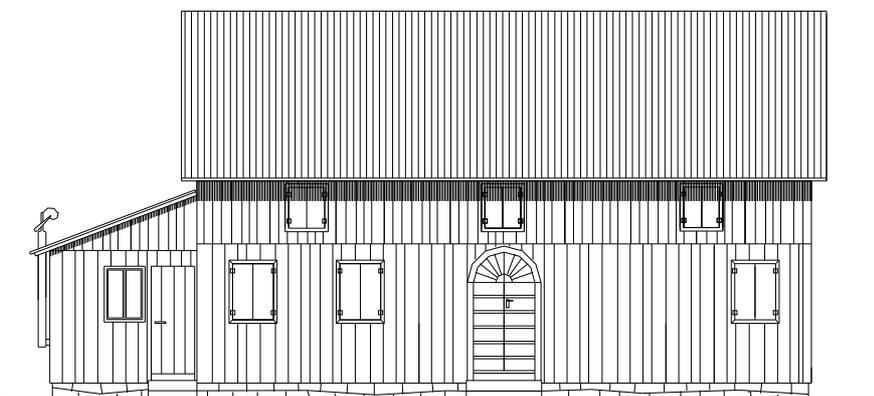


Figura 29 – Casa Aldo Filippin – período permanente/primitivo



Figura 30 – Casa Salton – período permanente/apogeu



Figura 31 – Casa Aristides Fantin – período provisório



Figura 32 – Casa Aldo Filippin – período permanente/primitivo



Figura 33 – Casa Salton – período permanente/apogeu

Essa amostra de imagens das casas dos imigrantes italianos construídas no período do final do século XIX até o início da década de quarenta, demonstra visualmente as transformações ocorridas no espaço de habitar dos imigrantes italianos. Quanto aos materiais utilizados nas construções, no primeiro momento de assentamento foi utilizada a pedra como principal elemento construtivo, por estar disponível na natureza e porque os imigrantes dominavam a técnica de execução em cantaria. O uso da madeira era reservado para a estrutura da cobertura, para as esquadrias, entrepisos e feitura de telhas.

No segundo momento, quando os imigrantes começaram a aprender o corte da madeira, este foi o material mais utilizado para a edificação das casas, por ser encontrado em abundância no ambiente natural. O porão continuava sendo executado em pedra e o restante da casa, o pavimento térreo e o sótão, em madeira. Na seqüência, as técnicas construtivas acompanharam o desenvolvimento econômico da região, a alvenaria de tijolos começou a ser utilizada. As casas feitas de tijolos cozidos recebiam como acabamento reboco, muitas vezes com adornos em relevo.

Quanto à forma e função, as primeiras casas constituíam-se apenas de um volume, onde todas as funções do espaço de habitar eram ali realizadas. Uma variação dessa casa do período provisório, é a criação de um outro modelo em que foram acrescentados outros módulos, como por exemplo a casa Alcides Fantin. Na medida em que as casas foram aumentando de tamanho, os espaços adquiriram uso específico, sendo possível diferenciar as funções, social, estar e de serviço, como mostra a casa de Aldo Filippin e a casa Salton, que abrigava também uma função comercial.

Formalmente as edificações tinham um caráter austero com predomínio do uso do ângulo reto, tanto nos volumes construídos quanto nas esquadrias. A simetria é o princípio compositivo adotado e pode ser observada desde as casas do período provisório até nas casas do período permanente. Através dessas imagens, fotografias e desenhos, é possível verificar os materiais utilizados; a forma e função, itens que atendem aos aspectos objetivos do espaço de habitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço de habitar, como salientado no início deste estudo, é de suma importância para qualquer ser humano, uma vez que serve de abrigo e proteção; mas não apenas isso: nele se insere uma série de significados que, ao final deste trabalho, se pode dizer que é tão ou mais importante que a sua utilidade. Esta constatação é possível após a realização da análise dos aspectos objetivos, quais sejam, as relações histórico-sociais, os tipos de construção e os usos dos espaços, e dos aspectos subjetivos, ou seja, as relações de poder, as necessidades motivacionais e os valores afetivos e oníricos, presentes nos textos literários em exame, no que tange ao espaço de habitar do imigrante italiano na RCI.

Ao estudar os romances de José Clemente Pozenato, que compõem a trilogia da imigração italiana no Rio Grande do Sul, “A Cocanha”, “O Quatrilho” e “A Babilônia”, que constituem o *corpus* deste estudo, através de categorias objetivas e subjetivas percebeu-se que as narrativas desvelam a presença de fortes elementos imateriais nos ambientes vividos e a transformação da casa do imigrante através dos tempos. A casa e suas dependências não são apresentadas apenas como meras edificações, com muros inanimados, como caixas inertes, mas sim, espaços cheios de significados decorrentes da interação de seus moradores, que carregam consigo seus valores, seus hábitos, sua cultura. A casa-habitação, portanto, que seria uma invenção humana feita para atender uma necessidade física de proteção das intempéries e dos elementos estranhos, vai além disso; como explica Maffessoli, “a casa é o pivô em torno do qual vai se articular toda a vida social.”¹

A obra literária que trata do início da saga dos imigrantes italianos, ambientada nos idos de 1883, descreve as transformações do espaço de habitar desses recém-chegados à América, mostrando como ocorreu a passagem das edificações provisórias às permanentes. As casas, referidas na narrativa, evoluíram

¹ MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 2.ed. Porto Alegre: Vozes, 1999, p.104.

a partir dos acréscimos tecnológicos, pelo desenvolvimento econômico da RCI e, ao mesmo tempo, demonstram como o espaço de habitar não se consistia em mero abrigo, já que a sua conquista representava ter chegado à fortuna, conquistado a “cocanha”. Contudo, nem todos os personagens alcançaram o sucesso prometido pelos colonizadores, sendo vencidos pelos infortúnios em sua trajetória.

No livro “A Cocanha” percebe-se que as casas retratadas, na maior parte do tempo, são tidas como abrigo, para que os imigrantes pudessem se proteger dos riscos que o ambiente apresentava, mas que, em seguida, passaram a ser vistas também como símbolo de *status*. Dessa forma, a casa, como indica o texto de Pozenato, representou para o imigrante, o sonho realizado, o símbolo da posse, da propriedade, o abrigo que o dignifica. Ter a casa própria institui-se como um valor na cultura da RCI.

Já, na segunda obra de Pozenato, “O Quatrilho”, cuja narrativa inicia por volta do ano de 1909, os espaços de habitar mais relevantes são a casa reformada pelos personagens principais da história, localizada no meio rural e a casa adquirida na cidade de Caxias do Sul, situada em ambiente urbano. A primeira habitação, que os casais protagonistas foram ocupar serviu, num primeiro momento de moradia, depois, de espaço propício para que houvesse a relação adúltera – era uma armadilha, uma cilada para o casal de amantes – e, enfim, se transformou numa fortaleza, para proteger a família ocupante de hostilidades da comunidade. A edificação comprada na cidade, por Ângelo e Pierina, por sua vez, representou a virada do casal traído, sobre todas as adversidades. Essa residência apresentava elementos decorativos, era de grande porte, demonstrava o apogeu econômico do casal e podia reproduzir o rápido progresso que região experimentava.

Em “A Babilônia” são colocadas em evidência, as transformações da casa: de um lado, a casa grande e refinada, equipada com os mais modernos aparelhos disponíveis na época, isto é, durante as décadas de 30 e 40, mostrando o auge da família Gardone, mas que, ao fim da história com a perda do domínio por parte da matriarca Pierina, acabou trazendo-lhe a melancolia e a morte, e, de outro lado, as habitações transitórias ocupadas pelo personagem Lourenço, seja nas pensões, hotéis e na casa de amigos utilizadas em suas estadas por diversas cidades, seja na casa de aluguel, em Caxias. Espaços que só satisfaziam às necessidades de abrigo e segurança, e não as demais, como de pertinência e de estética.

A transferência da propriedade da casa dos Gardone para a filha legítima, Rosa levou à perda do poder que Pierina exercia nesse espaço. Ela não foi despejada, continuava ocupando a casa, mas o sentimento de que não era mais sua, fez com que o seu mundo desmoronasse. A aquisição da casa, com sacrifício, significou uma conquista, pois para o imigrante italiano, ter a sua propriedade, era um valor fundamental. Ao, de uma hora para outra, com o óbito do companheiro, perder o domínio sobre tal bem, mesmo que não tenha tido que desocupar a habitação, fez com que a sua vida perdesse sentido. Provavelmente, em uma outra cultura, em que ter uma propriedade não fosse tão significativo, a mesma situação resultaria em outro desfecho, pois, na prática não houve o despejo. Pierina pôde continuar morado na casa.

Igualmente relevante é o fato da casa Gardone, ao mesmo tempo em que abrigou o velório da personagem Pierina, também foi o local do anúncio de que uma nova vida estava chegando, quando no antigo quarto de Lourenço, Sílvia comunica-lhe que estava grávida. A casa é testemunha do ciclo da vida que se repete.

Esses episódios contidos na narrativa demonstram os valores subjetivos do espaço de habitar. Apresentam significados para a casa, que vão além daquilo que o olhar consegue apreender. Como salienta Pozenato, “todos sabem que no dicionário não estão os significados. O significado só se realiza num discurso. No dicionário a palavra casa não tem significado. Ela só tem significado no discurso em que ela aparecer.”²

A linguagem literária mostra o espaço vivido, a interação do morador com o seu espaço de habitar, permitindo que a casa e seus ambientes adquiram significados. Ou seja, é ultrapassada a idéia de casa como mera proteção, pois ela, além da casa-abrigo, torna-se a casa-ninho, a casa-cilada, a casa-fortaleza, a casa-palácio, a casa-status, a casa-transitória, a casa-morte, a casa-vida. Essas são representações que a morada assume com a atuação do homem nesse espaço – a casa é palco das representações da vida cotidiana.

Por outro lado, apesar das obras literárias estudadas retratarem um contexto sócio-histórico bem definido, relatando o dia-a-dia de uma população com valores

² POZENATO, José Clemente. **Processos culturais:** reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: EDUCS, 2003(d), p.49.

culturais bastante singulares, que passavam por transformações específicas, é possível constatar que os valores simbólicos atribuídos a casa podem ser encontrados em outros tempos e lugares. Certamente, não há dificuldade de se localizar as ditas casas-*status*, edificações com a pretensão de ser suntuosas, em diversas culturas e épocas.

Além da análise do texto literário (domínio Lingüístico), as imagens das casas construídas pelos imigrantes na RCI (domínio Icônico), que ainda permanecem erguidas, serviram para que se visualizasse a transformação dessas edificações nos períodos descritos por Frosi e Posenato, que igualmente é percebida na trilogia de Pozenato.

Constata-se, ainda, que enquanto na arquitetura e na história se está atento ao registro das edificações e dos fatos, na literatura há a recondução dos fatos e a apresentação do ponto de vista do escritor, que interpreta, analisa e evidencia discursos específicos sobre o contexto cultural, histórico e arquitetônico. Tanto a arquitetura, quanto a literatura são tipos de arte que utilizam meios diferentes de expressão. A arquitetura tem como meio a forma e a literatura, a palavra. Por isso, através da literatura podemos “conhecer” os espaços, mesmo sem tê-los visto ou penetrado neles. O texto oferece ao leitor, por meio da voz do narrador e dos personagens, uma descrição do espaço, revelando os seus aspectos subjetivos, os sentimentos, as relações humanas, enquanto que a arquitetura serve para demonstrar a forma e a função prevista para o espaço construído.

Diante disso, pode-se considerar que a imagem e o texto são meios de representação complementares, como cita Walty: “colocar imagem e escrita em campos opostos e excludentes é no mínimo, ingenuidade, já que, mesmo à nossa revelia, tais códigos se encontram em constante interação”.³ Assim, a linguagem do espaço de habitar, entendida como a representação do espaço doméstico, pode ser compreendida através de várias formas de representação: a gráfica-imagem ou a escrita-texto. Ambas possuem as suas vantagens e as suas limitações, o desenho preza pela objetividade, enquanto que o texto literário oferece ao investigador a subjetividade.

³ WALTY, Ivete, Lara Camargos. **Palavra e imagem: leituras cruzadas**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.90.

Tal subjetividade, por se apresentar com grande relevância como demonstrou a análise das obras de Pozenato, é de se concluir que não pode, de forma alguma, ser desprezada por aqueles que planejam e projetam o espaço de habitar. É necessário humanizar o entendimento da própria arquitetura, levando em conta os aspectos imateriais, construindo uma Arquitetura para o Homem.

Enfim, é de salientar que o presente estudo respondeu as questões norteadoras, ao mostrar pela linguagem literária que o contexto histórico, as mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas, na RCI, influenciaram na transformação da casa do imigrante italiano e dos seus descendentes; além disso, a metodologia utilizada proporcionou, pela análise dos romances, o reconhecimento de aspectos objetivos e subjetivos do espaço de habitar do imigrante italiano. A pesquisa revelou-se mais uma motivação para a preservação do patrimônio cultural arquitetônico na RCI. Não bastasse a relevância histórico-arquitetônica, manter esses ambientes dignamente utilizáveis representa resguardar o significado que o espaço de habitar teve para as gerações que construíram em outras terras, suas novas moradas, e que podem continuar sendo preservadas pelas gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História. História Geral e História do Brasil**. 12.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. A teoria do romance. 4 ed. São Paulo: Unesp, 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BERGAMASCHI, Heloisa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. **Colônia: um conceito controverso**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.
- _____. A Eberle: uma indústria metalúrgica. In: **Coletânea CCHA: cultura e saber**. Caxias do Sul: UCS, 1998.
- BERRUTO, Gaetano; BERRETA, Mônica. **Lezioni di sociolinguistica e linguistica applicata**. Napoli: Linguori, 1980.
- BERTUSSI, Paulo Iroquez. Elementos de arquitetura da imigração italiana. In: WEIMER, Gunter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987.
- BITTAR, William; VERÍSSIMO, Francisco. **500 anos da casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva: matéria, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRUAND, Yves. **A arquitetura contemporânea no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2. Morar,cozinhar**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1996.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD: 1875-1925, volume I e II 2.ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

COSTA, Rovílio. Culto a Maria entre os descendentes italianos do Rio Grande do Sul. **In: DE BONI, Luis A. A presença italiana no Brasil**. v. II. Porto Alegre: EST, Turim: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DE BONI Luis A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Vozes,1982.

DE CURTIS, J. N. B. O espaço urbano e a arquitetura produzida pelos Sete Povos das Missões. **In: WEIMER, Günter (Org.). A arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto,1987.

DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1994.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI. v.5. **Anthropos-Homem**. Porto: Imprensa Nacional 1984-1997.

FILIPPON, Maria Isabel; MENEGUZ, Sílvia regina Facchin. Humanismo latino e o padrão estético: portas e janelas na arquitetura dos imigrantes italianos em Monte Belo do Sul – do prático ao iconográfico. **In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; DAL RI, Júnior Arno; PAVIANI, Jayme. (Orgs.). As interfaces do Humanismo Latino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FLEMING, Jonh. **Dicionário Enciclopédico de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. **In: DREYFUS, Hubert L., RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995 (a).

_____. **A Microfísica do Poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002(b).

_____. El sujeto y el poder. **Revista Mexicana de Sociologia**, v.2, n.3. jul.set. 1988(c).

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FROSI, Vitalina Maria, MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____. Provérbios dialetais italianos. **In: CHRONOS**, Revista da Universidade de Caxias do Sul v.29, n.1. Caxias do Sul, 1996(a).

_____. Proveniências dos Imigrantes Italianos e suas falas dialetais. In: HERÉDIA, Vânia B.M.; ZUGNO, Paulo Luiz. (orgs.) **Anais do Seminário Internacional Vêneto/RS. Modelos de desenvolvimento comparados – 1945/2000**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003(b).

_____. A linguagem oral da região da colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário. (Coord.) et al. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996 (c).

GIRON, Loraine Slomp. A imigração Italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José Hildebrando. (org.) **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

GUTIERREZ, Éster. GUTIERREZ, Rogério. **Arquitetura e assentamentos ítalo-gaúchos 1875-1914**. Passo Fundo: UPF, 2000.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Contexto histórico da Itália antes da unificação. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza; POZENATO, José Clemente. (Orgs). **Cultura, Imigração e Memória: percursos e horizontes, 25 anos do ECIRS**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

_____. **Processo de industrialização da Zona Italiana: estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

IANNI, Constantino. **Homens sem paz**. São Paulo: Civilização Brasileira [s.d.].

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre:Leitura XXI, 2004.

LAPLATINE, François. **Aprender Antropologia**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura. Um conceito antropológico**. 11.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LA ROSA, Jorge (org.) **O significado do aprender**. 7.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LA SAVIA, Fernando. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: WEIMER, Gunter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987.

LEMOS, Carlos. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

MACEDO, Francisco R. de. Arquitetura Luso-Brasileira. In: WEIMER, Günter (Org.). **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre:Mercado Aberto,1987.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 2.ed. Porto Alegre: Vozes, 1999.

MARCONI, Mariade; PRESOTTO, Zélia M. N. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2001.

MASLOW, Abraham H. **Motivation and personality**. New York: Harper & Row, 1970.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Revista Brasileira de História, São Paulo. v.23, n.45, p 11-36. jan. 2003.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

NOJIMA, Vera Lúcia. O homem, seus objetos e a comunicação In: CONTO, Maria de Souza. **Formas de Design**. Rio de Janeiro: PUC RJ, 2004.

PAGANO, Carla. **Origini della geometria**. Turim: Edizioni "il Capitello", 1995.

PAPANEK, Victor. **Arquitectura e Design, Ecologia e Ética**. Lisboa: Edições 70. 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PETRUCCI, Eladio G. **Materiais de Construção**. Porto Alegre: Globo, 1980.

PLAZOLA, Alfredo Cisneros. **Arquitectura habitacional**. México: Editorial Limusa, 1982.

POSENATO, Júlio. **Assim vivem os italianos. Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983(a).

_____. A organização doméstica na Imigração Italiana. In: COSTA, Rovílio. **Antropologia Visual da Imigração Italiana**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976(b).

POSENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000(a).

_____. **A babilônia**. Caxias do Sul: Maneco, 2006(b).

_____. **O Quatrilho**. 16.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001(c).

_____. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003(d).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. **Festa & Identidade: como se fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RYBCZNSKI, Wiltold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SABBATINI, Mario. **La regione di colonizzazione italiana in Rio Grande do Sul: gli insediamenti nelle aree rurali**. Firenze: Cultura Cooperativa Editrice, 1975.

SCHUMACHER, Evaldo Luiz. **Guia didático da arquitetura de Caxias do Sul**. v.1. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

STAWINSKI, Alberto Vitor. **Dicionário Vêneto Sul-Rio-Grandense – Português**. Porto Alegre: ESTEF; Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

TEDESCHI, Enrico. **Teoría de la arquitectura**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1981.

WALTY, Ivete, Lara Camargos. **Palavra e imagem: leituras cruzadas**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZUCCON, Antonio. **I Magnifici Borghi: Frisanco, Poffabro, Casasola**. Treviso: Vianello, 2004.

ANEXOS

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA

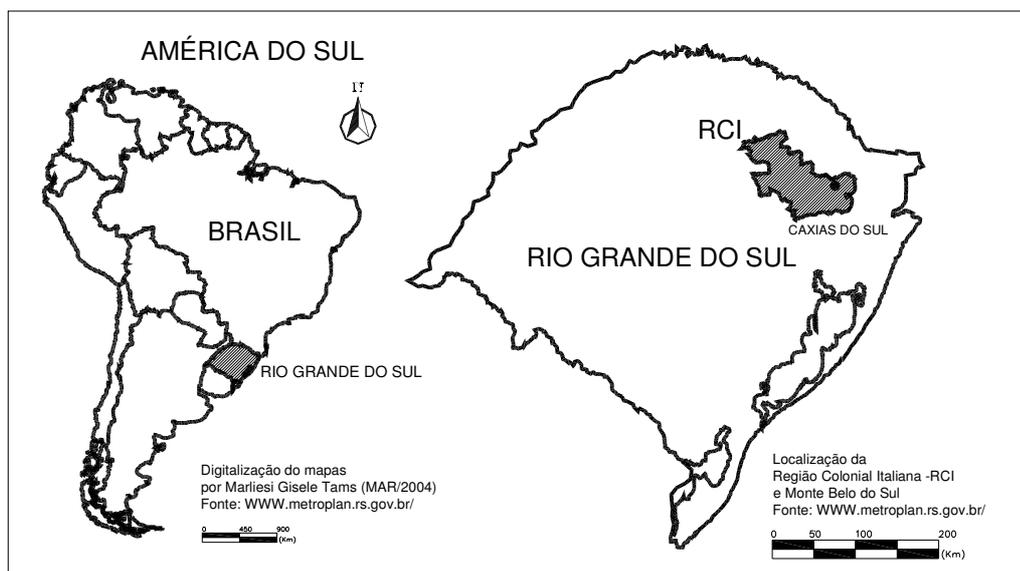


Figura 34 - Mapa da RCI

Marco no desenvolvimento da RCI: a construção da estrada de ferro

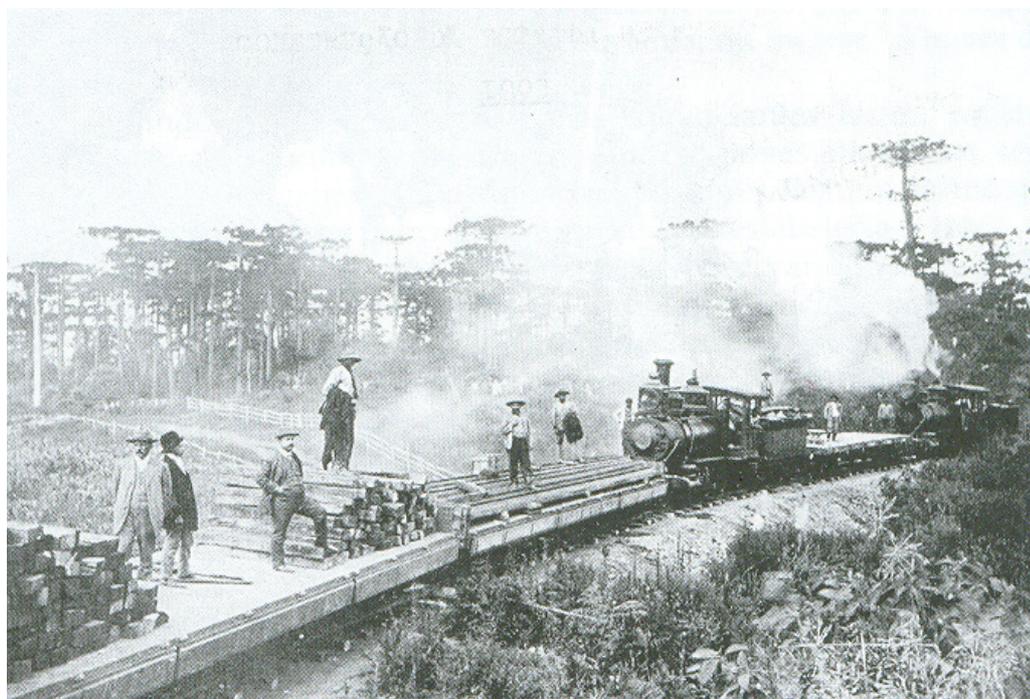


Figura 35 – Inauguração da Estrada de Ferro Montenegro – Caxias do Sul Caxias do Sul 1910. Fotógrafo Domingos Mancuso Acervo Histórico Municipal de Caxias do Sul. A. 5377. Doação Francisco Fortuna.

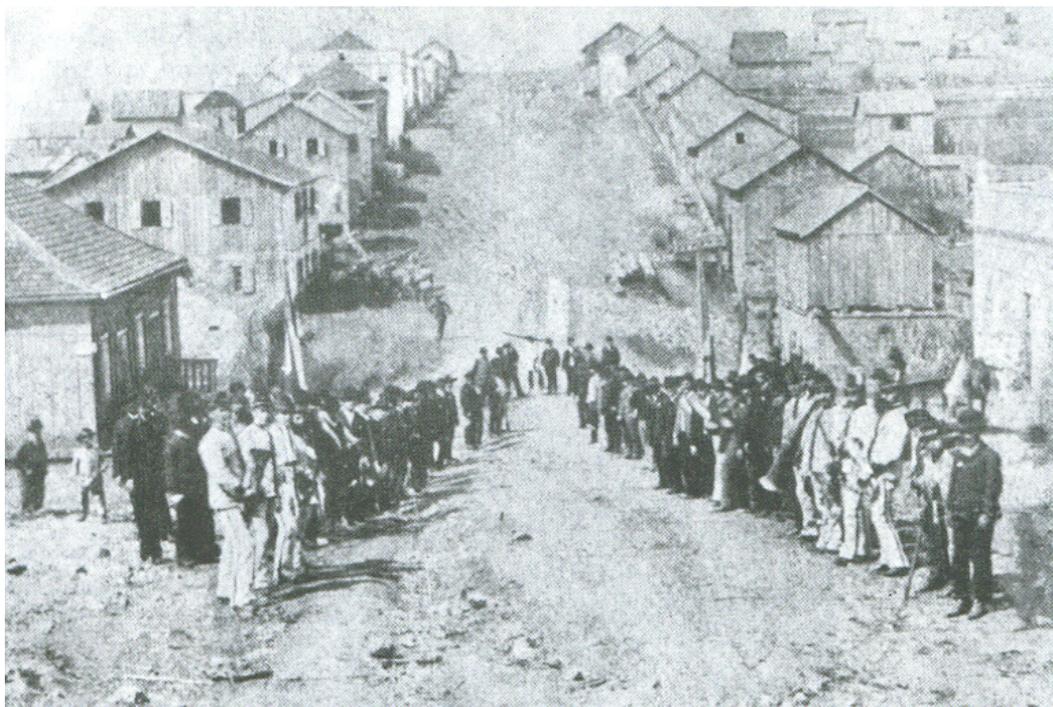


Figura 36 – Via Júlio de Castilhos em 1885 – Caxias do Sul

Fonte: Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud 1875-1925, vol I, p.130.



Figura 37– Praça Dante Alighieri em 1925 – Caxias do Sul

Fonte: Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud 1875-1925, vol II, p.4.

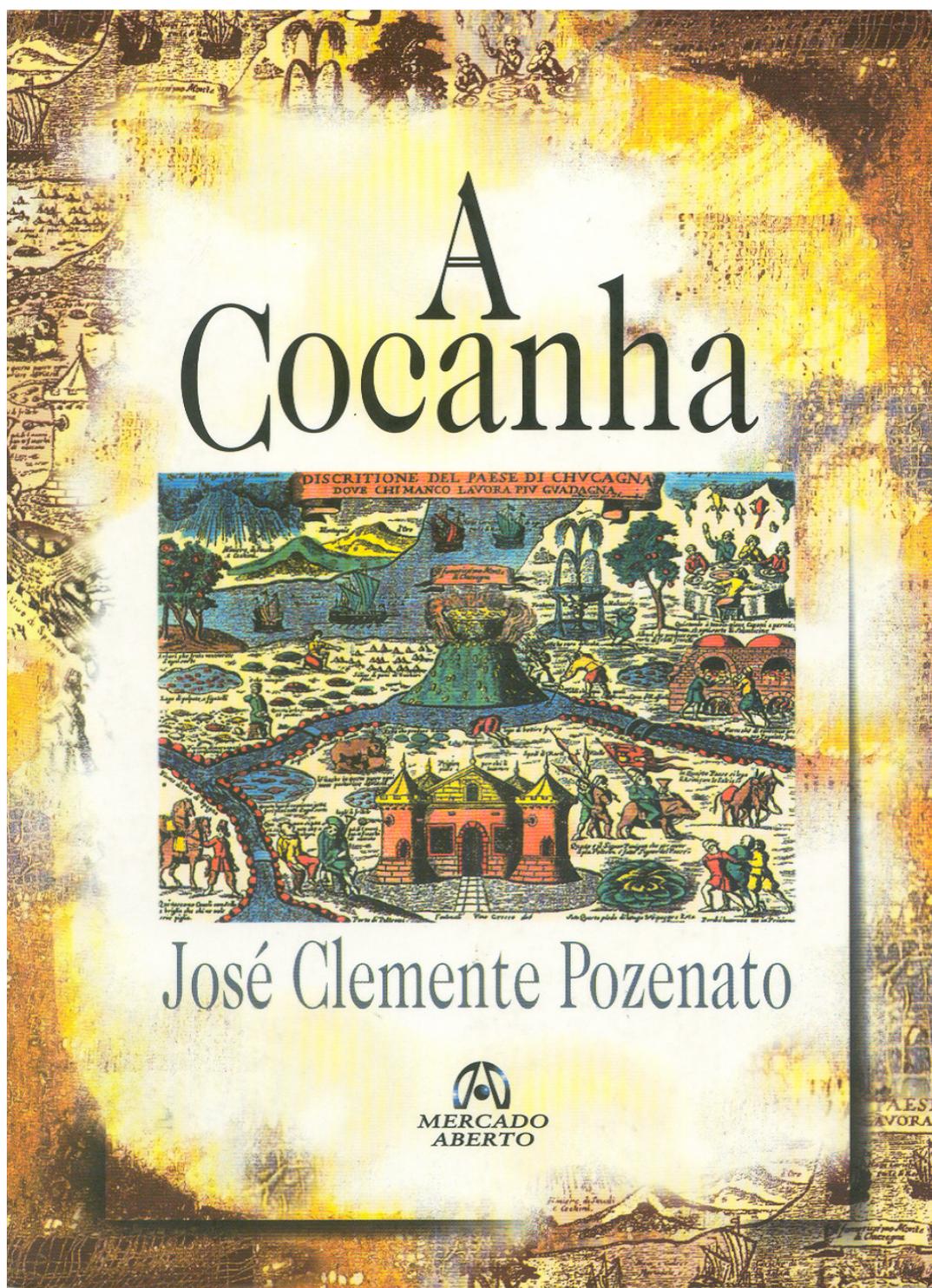


Figura 38 - Capa do livro "A Cocanha"
 Projeto Gráfico: Marco Cena - Descrição do país da Cocanha - gravura pintada a mão, 1606.



Figura 39 - Capa do livro "O Quatrilho"
Projeto gráfico: Marco Cena

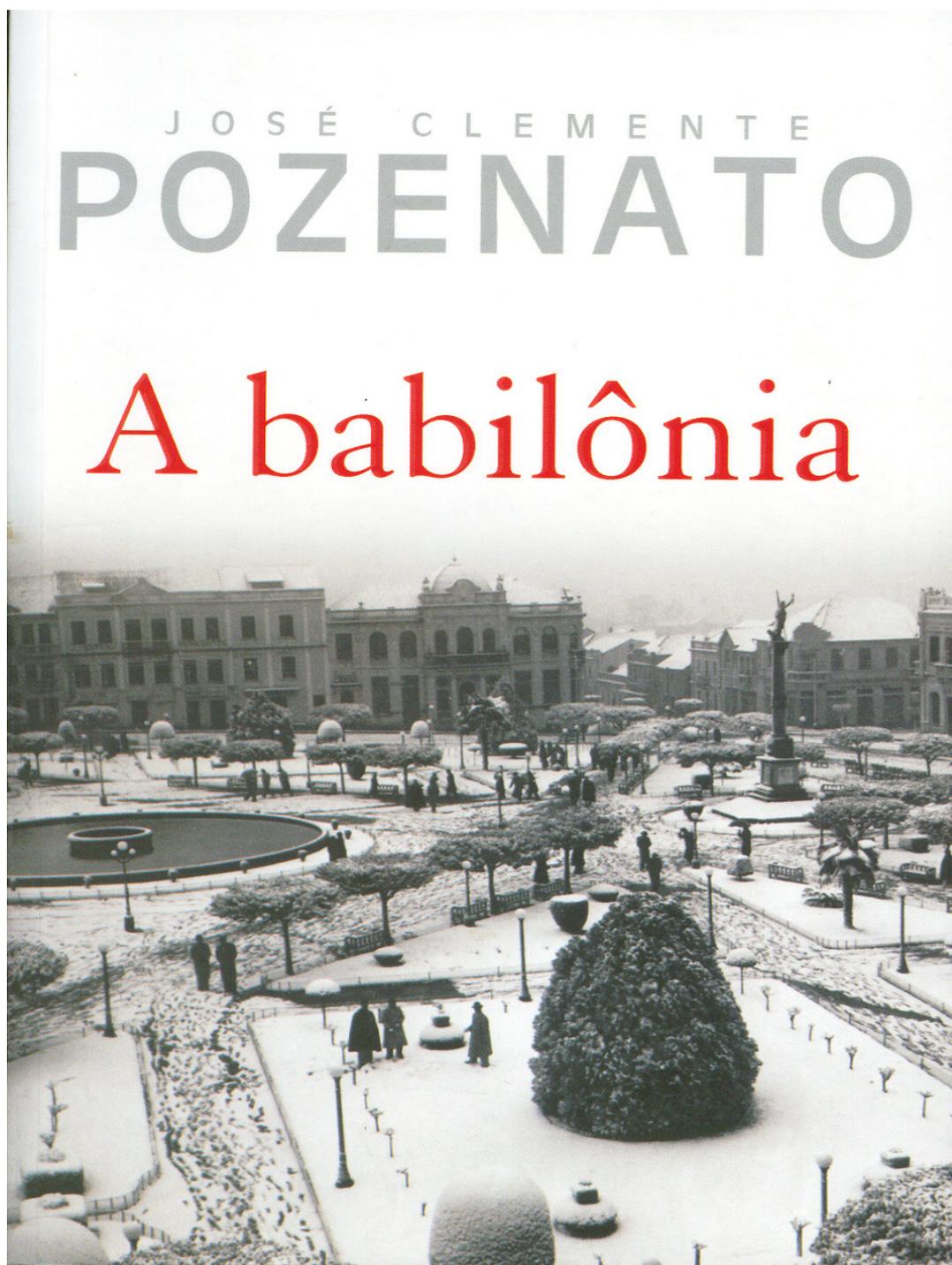


Figura 40 - Capa do livro "A babilônia", projeto gráfico: Permière Comunicação Ltda.
Foto da capa: Praça Rui Barbosa (Dante Alighieri) em dia de neve. Caxias do Sul 1942.
Fotógrafo: Studio Geremia. Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.